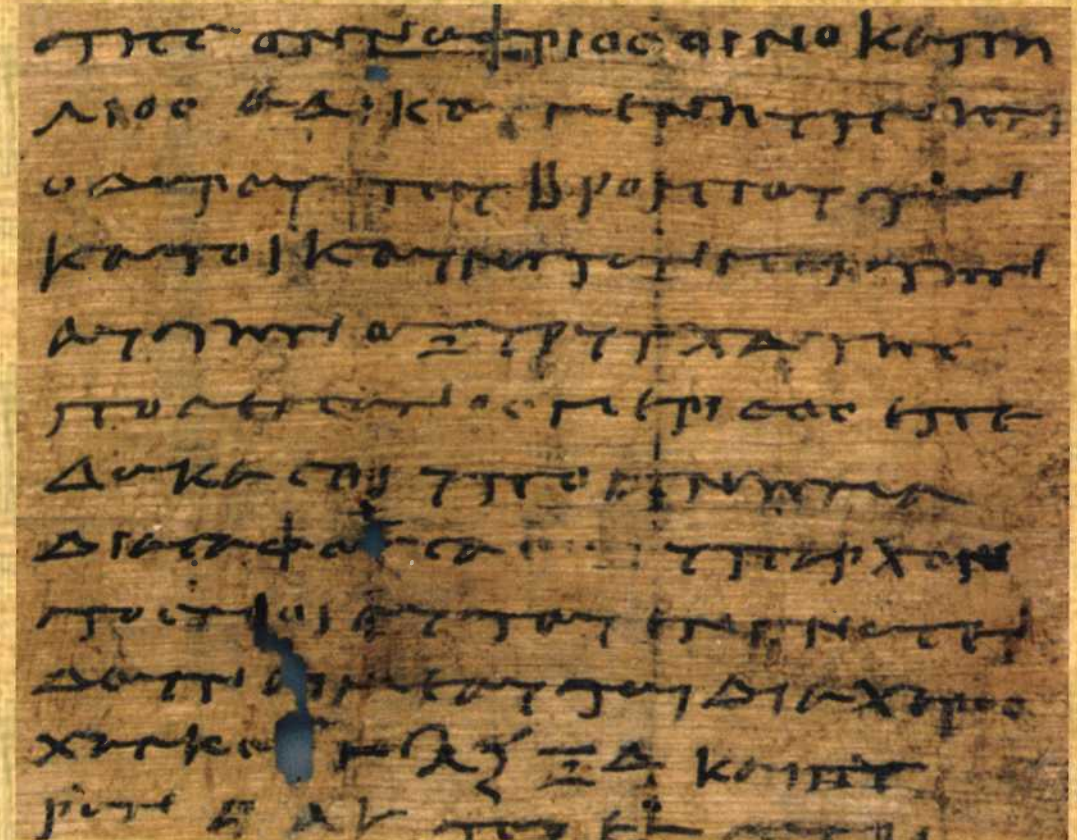


LEXICON

Dicionário de Grego-Português

Lexicografia e Semântica Lexical
Caminhos para a Feitura de um Dicionário de Grego

*Lexicography and Lexical Semantics
Questions at Issue in the Making of a Greek Lexicon*



LEXICON Dicionário de Grego-Português



UNIÃO EUROPEIA - Fundos Estruturais



Governo da República Portuguesa

Ciência Inovação
2010

Programa Operacional Ciência e Inovação 2010
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

Lisboa
2008

LISBOA
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS
2008

◀
Na capa:

Excerto de uma petição de uma vendadeira de vinho em Oxirrinco, no Egito, feita ao estrategista da região a fim de ele mandar proceder à prisão de um devedor;

data: 2 de Novembro de 199 a.C. = 7 Toth 22

(Duke Papyrus Archive - P. Duk. inv. 314);

<http://scriptorium.lib.duke.edu/papyrus/records/99.html>

LEXICON

Dicionário de Grego-Português

ACTAS DE COLÓQUIO

LEXICON

Dicionário de Grego-Português

Colóquio Internacional – ACTAS
(Lisboa, 24-25 de Novembro de 2006)

Lexicografia e Semântica Lexical
Caminhos para a Feitura de um Dicionário de Grego

*Lexicography and Lexical Semantics
Questions at Issue in the Making of a Greek Lexicon*

PROJECTO

POCI/ELT/58015/2004 – FCT/MCES

COORDENAÇÃO

MANUEL ALEXANDRE JÚNIOR

Ficha técnica

Título

LEXICON

Dicionário de Grego-Português
ACTAS DE COLÓQUIO

Coordenação

MANUEL ALEXANDRE JÚNIOR

Organização

Centro de Estudos Clássicos - Faculdade de Letras de Lisboa

1600-214 LISBOA - PORTUGAL

Telefone 217 920 005 - Fax 217 920 080

e-mail: centro.classicos@fl.ul.pt

www.fl.ul.pt/centro de investigação/centro de estudos clássicos

ISBN

978-972-9376-16-0

Depósito Legal

273718/08

Execução Gráfica

Barbosa & Xavier, Lda. - Artes Gráficas

Braga

Data de publicação

Abril de 2008

Tiragem

500 exemplares

LISBOA
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS
2008



Ao encontro da palavra grega

AIRES A. NASCIMENTO
Director do CEC/FLL

Consagrar uma Jornada de Trabalho a LEXICOGRAFIA E SEMÂNTICA LEXICAL, na procura de “caminhos para a elaboração de um Dicionário de Grego-Português” é tanto ponto de chegada como linha de partida. Sendo uma coisa e outra novidade para o nosso meio académico (português), mesmo para aqueles que mais especificamente se dedicam plenamente ao ensino e investigação na área da língua grega, é de bons auspícios o número dos que motivadamente se inscreveram para participar na reflexão programada pelo grupo do Projecto LEXICON que, no enquadramento da Linha de Acção n.º 1 do Centro de Estudos Clássicos, se propõe levar por diante um Léxico de Grego-Português.

Tarefa necessária é essa para uma comunidade cultural que não esquece as suas raízes longínquas e que hoje dá provas de saber apreciar os autores da Antiguidade quando eles lhe são postos em leitura próxima. Ao longo dos tempos, raros têm sido os momentos em que essa comunidade reflectiu sobre as implicações derivadas da pertença a uma cultura humanista no interior da memória literária que se torna activa pelo que retoma do passado e relança no futuro. Com bastante displicência a comunidade cultural portuguesa se tem considerado desobrigada de voltar aos originais e investir no estudo da língua grega de forma institucional, conseqüente e comprometida com a própria língua materna. Urgente se torna inverter tendências, aproveitando sensibilidades despertadas por leituras renovadas e colocar perante as próprias entidades decisoras argumentos e projectos que levem a dotar o meio cultural que constituímos com investigadores habilitados e com meios instrumentais que preparem para o que se reconhece ser desejado como meta: a boa leitura dos textos clássicos – que só o serão se derem entrada na formação escolar e se a memória deles for apoiada por instrumentos adequados. Não pode haver boa leitura dos textos antigos (que inspiraram a cultura de séculos) se não forem criadas condições para, no enquadramento cultural de cada tempo, se proceder a um conhecimento filologicamente qualificado e se, para dizer um autor na língua de chegada, não se aprofundar a língua de partida.

O exercício tem tanto mais a ganhar quanto os textos antigos são matriz fundante de cultura partilhada com outros povos e quanto a escola, que moldou os espíritos ao longo de séculos, manteve a memória das línguas em permanente renovação com esses textos. Quem entenderia Camões sem perceber as fontes onde ele vai aprender a expressar-se? Será um mero por-

menor perceber que o canto “grandiloquo e corrente” da estrofe IV do I canto de *Os Lusíadas* tem de ser lido à luz de Píndaro projectada por Horácio? Neste caso concreto, como em tantos outros, seria inconsequente dar ao segundo qualificativo um valor banal que anularia o primeiro; a chave está no interior de uma linguagem poética de séculos que considera a voz da epopeia como impetuosa e arrebatadora.

É, por outro lado, patente o interesse havido recentemente pela leitura de textos gregos em tradução portuguesa: está ele bem manifesto no êxito de algumas das últimas edições da *Ilíada*, da *Odisseia*, dos *Líricos Gregos* ou do *Teatro Grego*. No entanto, não podemos dizer que o entusiasmo pelas traduções tenha sido acompanhado por motivação especial para aprendizagem da língua de origem. Impulso emotivo, encantamento pelo que vem do passado, sem racionalização bastante para ser consequente? Tendência a depender de outros, mais empenhados, sem com eles criar as condições necessárias para participar numa cultura comum? As razões da redução de candidatos às línguas clássicas no quadro escolar estão à vista: por falta de enquadramento curricular em anos de captação de candidatos ao ensino das línguas clássicas, por falta de dinamismo desse ensino no quadro da escola portuguesa, por falta de instrumentos que, de si, comprovem o empenhamento dos profissionais do ensino da língua grega... A lista das razões poderia ser longa e apenas aumentaria a tristeza que queremos contrariar.

A cultura portuguesa tem neste aspecto uma dívida permanente para com outros: apesar de, ao longo dos tempos, algumas personalidades saídas dos nossos meios, terem ocupado lugar cimeiro no estudo da língua grega, mormente em tempos recentes, nunca a integração numa comunidade alargada se fez com participação activa e consequente das responsabilidades perante uma cultura comum que se revê nas suas fontes e na sua tradição. Não foi o português António de Gouveia quem no século XVI instaurou o ensino da língua grega na Universidade de Salamanca? Todavia, não teve o rei D. João III de recorrer a um flamengo, Nicolau Clenardo, para assegurar esse ensino a nível condizente com as exigências do tempo? Motivo para repensar o que fazemos e como estruturamos o que programamos...

De há anos venho pessoalmente advertindo que nunca ao longo da história da cultura portuguesa tivemos grupos tão largos e tão qualificados no domínio dos Estudos Clássicos como hoje acontece em Portugal. Chamei para isso a atenção, pela primeira vez, na Sala das Sessões da Academia das Ciências de Lisboa, ao interpelar quem aceitara as responsabilidades de entrar nos corredores da política e pertencia, por direito, a esse mesmo grupo de qualificados em cultura clássica. Perguntava então, e continuo a perguntar, pelo aproveitamento dessas competências – de forma estruturada, consequente, programada, empenhada. Não basta que cada um se refugie no seu canto de sábio e de leitor. Mas também nem todos têm capacidade para se ocupar da gestão do que importa fazer na comunidade e para ela (pois fundamentalmente é a ela que pertence manter as escolhas culturais em que nos revemos na identidade de cultura prolongada no tempo e a ela devemos dar as razões do nosso trabalho e das esperanças comuns). Não estou convencido de que os decisores políticos entendam a importância do estudo das

línguas clássicas se não houver iniciativas que o demonstrem ou se calarmos a voz que interprete as possibilidades de tornar autónomo o nosso estudo numa cultura que dele necessita. Caso contrário, talvez os decisores políticos mais ambiciosos se proponham ir buscar algum especialista a Universidade estrangeira ou pagar a algum nacional para ir frequentar Filologia Clássica a terras estranhas, a fim de vir depois dar novas do que observou noutras paragens e interpretar os restos que ficaram de outros tempos e pelos quais nos desinteressámos. Ao longo de um século exploraram-se influências clássicas na cultura portuguesa, mas poucas vezes isso se fez de modo concertado, orgânico e sistemático; como noutros domínios, esperámos que outros viessem arvorar-se me intérpretes das nossas coisas: lembro que, não há muitos anos nos deixámos impressionar por um estrangeiro que, convencido de uma ficção em que laborara por desconhecimento fundamentado da realidade, se apressou a atribuir a Pedro Nunes poemas em grego e em latim – até que o exagero nos obrigou a indagar a documentação mais de perto e tivemos que pôr termo ao encantamento, desmascarando a ingenuidade¹; mais recentemente, e para apenas referimos dados de experiência pessoal, tivemos que aceder a solicitação amigável de um erudito estrangeiro para nos lançarmos em pesquisa arquivística que culminaria no levantamento e descrição de manuscritos gregos que pertenceram à Cartuxa de Évora, doados pelo seu fundador, D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora, no século XVI, mas haviam ficado esquecidos na Torre do Tombo².

Por razões de sobejo conhecidas, os condicionamentos escolares puseram recentemente em causa, e com agudez invulgar, a continuidade do ensino da língua grega em idades favoráveis à captação de candidatos ao seu estudo. Verdade é que também a credibilidade perdeu razões por falta de dinamismo dos responsáveis da animação nesse domínio. Fatalidade de uma cultura que não se assume plenamente como projecto até o viver na integralidade da sua dimensão?

*

Outro ânimo devo testemunhar no empenho posto no projecto LEXICON³ por um grupo de investigadores que conjugam esforços no seio do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, mas procedem também

¹ AIRES A. NASCIMENTO, “Suum cuique: Pedro Nunes, autor de poemas latinos? – Os direitos de Cipriano Soares”, *Euphrosyne*, 30, 2002, 395-406.

² Demos conta de alguns – esperemos que outros venham a ser descobertos – em estudo apresentado em sessão de Seminário no Centro de Estudos Clássicos e contámos com a colaboração de dois especialistas na matéria para uma primeira discussão: cf. AIRES A. NASCIMENTO, “Para um ‘Corpus Codicum Graecorum Hispanorum’: uma pequena colecção olissiponense”, *Euphrosyne*, 36, 2008, 349-365; DIETER HARLFINGER & ÁNGEL ESCOBAR, “Los códices griegos del Archivo de Torre do Tombo en Lisboa: nuevos datos en torno a la producción darmaniana”, *ibid.*, pp. 369-384.

³ Proposto pelo Prof. Doutor Manuel Alexandre Jr., à FCT, no enquadramento de POCI, a ele pertence o planeamento e a coordenação científica do Projecto. Conta este com o apoio de um Conselho Científico especializado e com colaboradores, de várias origens disciplinares,

de outras instituições. Trata-se de um projecto de grupo, mas com preocupação de corresponder a expectativas alargadas ao nosso meio português (meio e não apenas mercado – sublinho, pois não nos movem razões de lucro). Trata-se de grupo tanto mais consciente das responsabilidades que assume quanto se procurou rodear de conselheiros qualificados e está em contacto com outros grupos de investigação que trabalham em área idêntica em outras universidades (nacionais ou estrangeiras) e tem garantido acolhimento por parte de iniciativas similares.

Sensibilizados todos por responsabilidades comuns frente à tradição, é-nos grato interpretar a disponibilidade para o trabalho como solidariedade num Projecto, que só poderá corresponder aos seus objectivos se lhe forem asseguradas exigências de rigor e de comprometimento com a ciência filológica. Esta não se compadece com amadorismos nem com benevolências que trairiam a seriedade que todos colocamos no confronto com o passado. Se apostamos na qualidade é porque nisso vai a nossa própria identidade como universitários.

Ao corpo de aconselhamento científico junta-se neste Colóquio o de investigadores de larga experiência e de alto prestígio, como prestigiadas são as instituições de onde procedem: Franco Montanari, Bruce Fraser, Bruce Winter... Quiseram eles aceitar o nosso convite para nos trazerem uma experiência consolidada e um saber de largos anos de reflexão sobre instrumentos de lexicografia na área da língua grega ou sobre algum sector de maior especialização. A participação de alguns desses especialistas em instâncias onde se cruzam outros investigadores com os quais partilhamos responsabilidades (como acontece em “The cultural Heritage Language Technologies Consortium”, onde participa Andrea Bozzi, com quem levamos trabalho em domínios paralelos⁴) é significativo de uma inter-relação que queremos tornar frequente e intensa. Por outras vezes nos irmanámos a reflectir com grupo mais alargado sobre as possibilidades da “Nova Filologia”, aliás em homenagem a Antonio Zampolli, que nos deixou em momento em que muito esperávamos da sua lucidez (mesmo quando limitados nos movimentos do corpo); connosco esteve nesse momento Franco Montanari que agora nos acompanha⁵.

A representação estrangeira nesta Jornada teria sido mais alargada se compromissos de agenda não tivessem impedido J. Rodríguez Somolinos, do

que se devotam solidariamente à execução das tarefas de investigação. A realização do Colóquio “Lexicografia e Semântica Lexical” integra-se numa reflexão alargada sobre os problemas colocados pela realização do Léxico Grego-Português. A participação de investigadores de várias universidades, sobretudo daqueles que têm maior experiência de lexicografia grega, como Franco Montanari (Univ. Génova), Bruce Fraser (Univ. Cambridge), deu possibilidade de discutir estratégias e consolidou contactos e colaborações que se vinham fazendo a distância. Ao fim de menos de um ano de trabalho, após o arranque do Projecto, os resultados puderam já ser objecto de análise por parte de personalidades altamente prestigiadas no domínio lexicográfico.

⁴ Cf. *Cultural Heritage Language Technologies home page*, <<http://www.chlt.org>>, com resultados em <<http://www.chlt.org/CHLT/demonstrations.html>>.

⁵ Cf. *Euphrosyne*, 32, 2004, onde os nomes de Roberto Busa, Bernard Quemada e outros encabeçam a homenagem póstuma a Antonio Zampolli.

CSIC, de Madrid, de nos trazer também a experiência construída mais perto de nós e garantida pelo saber e experiência de ilustres helenistas hispânicos, a quem devemos todo um meritório trabalho que conduziu a *Diccionario Griego-Español*⁶. Gostaríamos também de ter connosco responsáveis pelo *Diccionario Grego-Português*, em boa hora empreendido no Brasil; laços de amizade nos levam a saudar essa equipa coordenada por Daisi Malhadas, Maria Celeste Consolin Dezotti, Maria Helena de Moura Neves, cujo trabalho pudemos apreciar na UNESP, em Araraquara, e cujas primícias podemos hoje saudar como reveladoras de saber e de experiência consolidada⁷; só as distâncias impediram de trazermos até nós um testemunho vivo dessa experiência.

*

Os temas de trabalho e as perspectivas em aberto por parte dos intervenientes convidados destinam-se a suscitar discussão sobre os problemas linguísticos e técnicos pendentes sobre a elaboração de um Léxico Grego-Português. Interessam-nos certamente perspectivas teóricas, mas importam-nos sobretudo orientações pragmáticas que estejam ancoradas naquelas; por isso, a experiência de análise textual e a de construção lexical deverão conjugar-se de forma a enquadrar trabalho lexicográfico em modelos possíveis de realização numa equipa concreta, com rigor filológico, tendo no horizonte uma nova didáctica de língua e uma nova pedagogia da reflexão sobre a língua portuguesa – no que tem de procura de identidade em confronto com os textos de fontes gregas que por longo tempo têm permanecido na cultura a que pertencemos.

Vieram para partilhar connosco alguns dos melhores representantes de uma lexicografia em fase de revisão ou de consolidação; deles esperamos aconselhamento em partilha de experiências e de juízos de situação. Franco Montanari e Bruce Fraser trazem com eles experiências validadas em instrumentos altamente qualificados – ou já a circular ou em fase adiantada de realização. Por isso os seus conselhos e juízos serão de encaminhamento – numa compreensão tão generosa como afável das nossas limitações e dos nossos anseios.

Para suscitar questões com análises concretas temos também connosco representantes qualificados da Universidade portuguesa, na sua diversidade e na sua unidade de interesses quanto à reflexão sobre a constituição de instrumentos de trabalho que possam servir para o conhecimento, aprendizagem e consolidação de saberes relativos à língua grega na expressão dos seus textos de sempre – os clássicos. Com espírito de colaboração, colegas de outras universidades aceitaram debruçar-se sobre casos concretos de análise vocabular e sobre as implicações que essa análise deve consagrar em instrumentos que se querem simultaneamente didácticos e científicos: Maria de Fátima

⁶ Precedido, aliás, pela *Introducción a la lexicografía griega*, Madrid, 1977, em que se traçam perspectivas e métodos de trabalho pelos principais responsáveis do DGE, F. R. Adrados, E. Gangutia, J. López Facal y C. Serrano Aybar.

⁷ Entretanto, chegaram-nos os primeiros quatro fascículos desse *Diccionario Grego-Português*, Cotia (SP), Ateliê Editorial, 2006 e 2007.

Silva e Maria do Céu Fialho, da Universidade de Coimbra, e Adriana Nogueira, da Universidade do Algarve, colaboram nesse plano e são comprovação plena de como o aconselhamento releva da microanálise e de como esta, sem se impor na estruturação de um instrumento de língua, lhe há-de garantir rigor e clarificação, a partir de leitura estruturada lexicograficamente. A incidência sobre nomes próprios, por parte de Cristina Guerreiro (do nosso Centro de Estudos Clássicos), releva da atenção prestada a um sector particular e deixa pressupor que a análise terá em atenção campos específicos e integrará a análise na linha de uma tradição que se preocupa com a identidade de origem e a sua transposição para a língua vernácula; nessa intervenção concorre uma investigação conduzida a seu tempo por Maria Helena Ureña Prieto, em Linha de Investigação do CEC, com os primeiros resultados apresentados em tempos à comunidade científica sob formas que agora se procurará ultrapassar sem esquecer a experiência aí atestada⁸.

*

Renovada procura ser a metodologia de trabalho lexicográfico⁹. As tecnologias de recuperação de informação são imprescindíveis como meio instrumental para vencer atrasos, como modo de vigilância crítica e auto-regulação nas inovações a constituir, como ferramenta que induz concatenação de trabalho, rentabilização de meios, uniformização de procedimentos e integração de trabalho solidário e partilhado. A componente informática tenderá para corresponder a esses objectivos e por isso foi assegurada a colaboração de investigadores com experiência nessa área, em que a juventude garante entusiasmo e o rigor científico se irmana com a procura das soluções mais económicas e produtivas – saúdo o trabalho prometedor e generoso de João Leitão e de Maria José H. Ribeiro. Mal iríamos nós se a captação de dados apenas servisse para acumular e não para escrutinar com acribia e sentido de integração consolidada no conhecimento da língua e na estruturação do saber sobre ela.

Situando-nos em domínio específico (língua grega clássica transmitida nos seus textos) e tendo como objectivo a leitura (desses mesmos textos) em forma assistida (por um instrumento de trabalho que queremos versátil e apelativo), nem por isso nos alheamos do trabalho paralelo desenvolvido em área próxima, como é a da lexicografia latina e da lexicografia das línguas modernas. Há vários anos uma equipa do CEC (Centro de Estudos Clássicos), em estreita colaboração com o ILC (Istituto di Linguistica Computazionale, da Universidade de Pisa), se tem dedicado a construir um instrumento para tratamento dos textos latinos, a começar pelos de território português,

⁸ MARIA HELENA PRIETO & ABEL DO NASCIMENTO PENA, *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos*, Lisboa, 1995.

⁹ Cf. BERNARD QUEMADA, "Nouvelle lexicographie", *Euphrosyne*, 32, 2004, 45-54. Este volume de *Euphrosyne*, dedicado à memória de Antonio Zampolli, apresenta contributos de significativo interesse para a temática do Colóquio; dele destacamos FRANCO MONTANARI, "The PAWAG project (*Poorly Attested Words in Ancient Greek*) – Ancient Greek lexicography on line", *ibid.*, pp. 75-78.

tradicionalmente abandonados (Projectos LECTIO/OLISSIPO/Did.Lat); a experiência do grupo, conduzido pela mestria de Paulo Alberto, a que me tenho associado de boa mente, poderá apoiar algumas reflexões em curso – no reconhecimento de forma e na delimitação de unidades de língua, mas também na passagem do texto ao léxico e deste ao instrumento de didáctica, na mensuração de dados e na escolha de elementos funcionais para o ensino.

À nossa reflexão associa-se também a experiência de investigadores de áreas lexicais de línguas modernas. Estando as suas actividades próximas das nossas, pelo local de trabalho na instituição a que pertencemos, e manejando ferramentas ora comuns ora específicas, a sua reflexão ajudar-nos-á a conceber métodos de trabalho e a buscar as soluções da ciência lexicográfica na longa história da cultura europeia. Margarita Correia pelo trabalho que tem desenvolvido no Instituto de Linguística Teórica e Computacional e na Faculdade de Letras de Lisboa, é para nós interlocutora de um mundo com rosto complementar num Jano de duas faces, olhando em direcções diferentes, mas não menos complementares, da língua portuguesa com as suas componentes de linguagem erudita e com pontos comuns na formação de mentalidade de leitura e de organização de materiais em dicionários de língua.

*

O domínio de aplicação de estudo e de trabalho em LEXICON é tanto mais exigente quanto as reflexões e análises incidirão sobre a Língua Grega clássica (relativamente à qual há que sublinhar a existência de uma tradição de séculos e uma diversidade deveras singular de tipologias instrumentais e de variedades linguísticas) e tanto mais delicada quanto o objectivo em causa é garantir critérios operativos para a construção de um instrumento de língua que contribua eficazmente para a superação de deficiências ancestrais no estudo e na preparação de leitura para textos veneráveis que a tradição nos legou.

Há, de facto, uma tradição de lexicografia grega que é indissociável da recepção e da leitura dos nossos textos¹⁰. Ela remonta bem alto na história da cultura, pois a informação que nos chegou leva-nos a perceber que, já no século VI a.C., havia instrumentos lexicais para o ensino grego: pelo menos assim parece dever deduzir-se do testemunho de Aristoph. 233 K.-A, onde aparecem exemplos de Ὀμήρου γλῶτται; o próprio Dionísio Trácio, tempos depois (em contexto que nos parece similar pela distância a que nos vemos), observava que o estudo lexical ocupava um terço do tempo consagrado à "gramática". Nível elementar seria o das primeiras escolas que preparavam para a leitura, logo que o aedo deixara de dominar nos ambientes aristocráticos; requintados se tornaram os métodos que serviam à constituição de comentários filológicos e se resguardavam em ambientes de cultura erudita para discutirem tanto a língua comum como as linguagens literárias e as

¹⁰ Para uma perspectiva de conjunto, cf. ENZO DEGANI, "Lessicografi", in *Dizionario degli Scrittori Greci e Latini*, dir. Francesco della Corte, Milão, Marzorati, 1988, pp. 1169-1189.

variedades dialectais ou também para tornar operativo o confronto com as novas variantes de línguas emergentes ou identificar formas que haviam perdido o uso. Pelo meio ficavam todas as discussões sobre o valor de significação das unidades lexicais, sobre *prepon / proprietas* de uso e o estudo da sinonímia (de que se ocuparam já os sofistas em especulações pertinentes para uma dialéctica de ofício, mas que não deixaria de ter continuidade nos comentadores de texto ou intérpretes de tradição jurídica e em género especificamente lexicográfico – melhor conhecido do lado latino, com as *Differentiae uerborum*¹¹); de não pouco alcance lexicográfico era a preocupação com a *copia dicendi* ou a *variatio uerborum* a que a escola de retórica atendia; apareceram de permeio as críticas de Aristarco a especulações lexicais desinseridas de contexto; surgiram igualmente discussões sobre a língua como mecanismo cultural (assim me permito ver os problemas da oposição *φύσει / θέσει*); desenvolveu-se o sentido da diacronia da língua e da derivação da palavra, sendo a *etymologia* o campo de especialização que experimentou tanto a fantasia como o gosto pela motivação do exercício de leitura (Varrão ou Isidoro têm créditos nessa tradição, mas a explicação da origem das línguas tinha já cativado homens curiosos como Heródoto); houve tentativas para elaborar léxicos especializados por áreas temáticas (em que o próprio Górgias se terá mostrado interessado com o seu *ὀνομαστικόν*); sem perder a noção de língua literária como *lingua composita*, despertaram atenção as variantes dialectais; as diferenças de línguas não deixaram de atrair a curiosidade dos viajantes (Herod. VII 155, 2; 197, 2) e a alguns, mais ousados, coube até pretender integrar em unidade global línguas de outros povos (a alguns coube, efectivamente, a pretensão de considerar dialecto grego a língua latina); tempos houve em que o recurso aos léxicos gregos serviu para superar a *egestas patrii sermonis* do lado latino, em idades mais antigas ou mais modernas¹²; a ela se recorreu ora para defender a ortodoxia de doutrina (particularmente do lado da teologia), ora para aprofundar conceitos filosóficos ora também para motivar conhecimentos de outras ciências, ainda que o conhecimento dessa língua, por muito tempo, no Ocidente fosse elementar¹³...

¹¹ Deste tipo lexicográfico nos ocupámos em artigo onde demos conta de fragmentos em letra carolina do século X, recolhidos em materiais de arquivo português: cf. AIRES A. NASCIMENTO, "Um fragmento de *Differentiae uerborum* em letra carolina", *Euphrosyne*, 32, 2004, 265-282. Recorde-se que tradicionalmente o estudo das *differentiae* acompanhava o estudo da *grammatica*, remontando a tradição latina, tanto quanto se diz, a Filóxeno que terá iniciado os romanos nos métodos da escola alexandrina, em contactos desenvolvidos com Varrão e Vêrrio Flaco; cf. G. GOETZ, *RE*, 5, 1903, 481-484; ADRIANA DELLA CASA, "Les «*Differentiae uerborum*» e loro autori", *Civiltà classica e Cristiana*, 13, 1992, 47-62. Não será de esquecer o uso que os juriconsultos davam ao léxico para fazerem valer os direitos dos seus clientes (com razão se discutia, por exemplo, se *codex* ficava abrangido por *liber*)...

¹² Tome-se o lamento de Lucrécio como atitude de cultura e teremos argumentos para saber encontrar, na experiência de outros, motivos para valorização da própria língua.

¹³ Cf. WALTER BERSHIN, *Medioevo greco-latino – da Gerolamo a Niccolò Cusano*, trad. Enrico Livrea, Nápoles, Liguori, 1989. Ficamos surpreendidos pelas formas de análise e transposição que surgem em comentários de textos; por exemplo no prefácio de Nicolau Trevet ao seu comentário às Bucólicas vergilianas.

Que diremos da nossa cultura de hoje? Quaisquer que sejam os argumentos que nos levam a não prescindir do estudo da língua grega (presente em taxinomias tradicionais), um permanece como ineludível: ela está na base de uma cultura que é nossa e na qual permanecemos todos os que não queremos perder a memória – George Steiner tem-no dito de forma paradigmática¹⁴. Por muito que se esvaia o conhecimento, aos nossos "deuses" (aquilo em que acreditamos e a que emprestamos maior significado), quando queremos nomeá-los, procuramos dar emblematicamente nomes gregos (e tantos mais quanto eles, nomes e deuses, são incontáveis¹⁵). É facto, porém, que, por vezes, depois de fixarmos um nome, esquecemos as suas origens e o seu significado e com isso cortamos as raízes, perdendo também a razão de nos reclamarmos de continuidade. Corremos o risco de voltarmos à condição de bárbaros? Historicamente, os que assim foram chamados sentiam-se atraídos pelo que outros tinham conseguido e procuravam entrar no seu convívio, postulando a aprendizagem da língua deles... Os Romanos não se envergonharam de acudir ao que os Gregos tinham elaborado na sua língua e aprenderam com estes a cultivar a sua. A lição deveria transitar para outros menos prendados.

*

Temos consciência de que a Escola é intermediário imprescindível e por isso temos de repensar a cada momento os instrumentos de estudo e de apoio ou as formas de gestão do ensino.

Raro terá sido o autor grego que não se interessou pela "palavra", pois teve consciência clara de que a língua é um bem comum e que de pouco vale a espontaneidade de produzir enunciados de fala se eles não estiverem inseridos numa cultura do que se diz motivadamente e que procura retirar do efémero o que tem destino mais nobre, como repetiu Horácio depois de ter aprendido a lição em Píndaro (o *non omnis moriar* não é dissociável do *exegi monumentum aere perennius*).

É no reconhecimento, por leitura, que nos situamos. Com a sorte de, no nosso caso, nos aproximarmos de quem tem a palavra cintilante que brilha nos céus da Grécia; com a mesma sorte de quem sabe que, como sentenciava Fernando Pessoa: "Deve haver, no mais pequeno poema de um poeta, qualquer coisa por onde se note que existiu Homero. A novidade, em si mesma, nada significa, se não houver nela uma relação com o que a precedeu. Nem propriamente há novidade sem que haja essa relação"¹⁶. Se assim é, a gran-

¹⁴ Disso nos ocupámos em "Clássicos de sempre: entre a vida e a morte (dos leitores)", *Revista Portuguesa de Humanidades*, 10, 2006, 1-33.

¹⁵ A este propósito inspira-me Paul Ricœur, que tanto se reporta ao Êxodo, 3, 14, em que Deus é inominável, pois é tautológica a revelação do "Eu sou Aquele que sou", como lembra, por sua vez, o fragmento 67 de Heraclito: "Um deus, vários nomes. Deus é dia e noite, Inverno e Verão, guerra e paz, saciedade e fome, mas ele muda como o fogo quando é misturado com fragrâncias: é nomeado segundo o aroma de cada uma delas". Cf. PAUL RICOEUR, *O único e o singular*, São Paulo, UNESP, 1999, p. 19.

¹⁶ *Obras em prosa*, ed. CLEONICE BERARDINELLI, Rio de Janeiro, 1976, p. 147.

deza mede-se por aquele padrão; Fernando Pessoa tem autoridade para dizê-lo, mesmo que não fosse laureado em línguas clássicas... Permanentemente assim acontece: os melhores dos poetas contemporâneos deixam-se deslumbrar com a plenitude grega; os próprios latinos, que foram mestres na *imitatio*, não se consideraram diminuídos por aí aprenderem a arte da palavra. Às vezes é o contraste que se torna exigente. Relativamente à *Iliada* (que não era lida no original) comentava Miguel Torga:

Que desgraça, meu Deus!
Tenho a *Iliada* aberta à minha frente,
Tenho os versos que fiz,
E todo o santo dia me rasguei
À procura não sei
De que palavra, síntese ou imagem!
Desço dentro de mim, olho a paisagem,
Analiso o que sou, penso o que vejo,
E sempre o mesmo trágico desejo
De dar outra expressão ao que foi dito!¹⁷

Como lembrava Sophia:

Heraclito de Epheso diz:
«O pior de todos os males seria
a morte da palavra»¹⁸

É à redescoberta da palavra que partimos. Fernando Pessoa, em *Eros-tratus*, acentuou: “Muito da glória de Homero, merecida como é, deve-se a pessoas que não puderam ler grego. Seu prestígio é, em parte, o de um Deus, porque, como um Deus, é ao mesmo tempo grande e semi-conhecido”¹⁹. Quem quererá assumir a dignidade de proceder ao encaminhamento para a revelação desse “desconhecido”?

Há pressupostos da lexicografia clássica que não podem deixar de marcar um trabalho específico: não apelamos para uma capacidade de produzir enunciados, mas para a pertinência na compreensão dos textos – desses textos que fizeram a cultura ocidental – e para a transposição do seu significado para os nossos tempos, com a sensibilidade temperada a dois momentos (o de ontem e o de hoje) para reencontrarmos e voltarmos a dizer a novidade que fica nas origens. Algum autor medieval disse que os textos crescem com os leitores²⁰; a inversa é também verdadeira, pois os leitores crescem com os textos que lêem...

Temos a sorte de nos terem precedido gerações de humanistas que foram filólogos no sentido mais preciso e largo do termo; temos connosco a tradi-

¹⁷ Orfeu Rebelde, Coimbra, 1970, p. 30.

¹⁸ SOPHIA, *Obra Poética*, III, “A palavra”, p. 210.

¹⁹ FERNANDO PESSOA, *Páginas de estética e de teoria e crítica literária*, Lisboa, s.d., p. 266; *Obras em prosa*, ed. cit., p. 495.

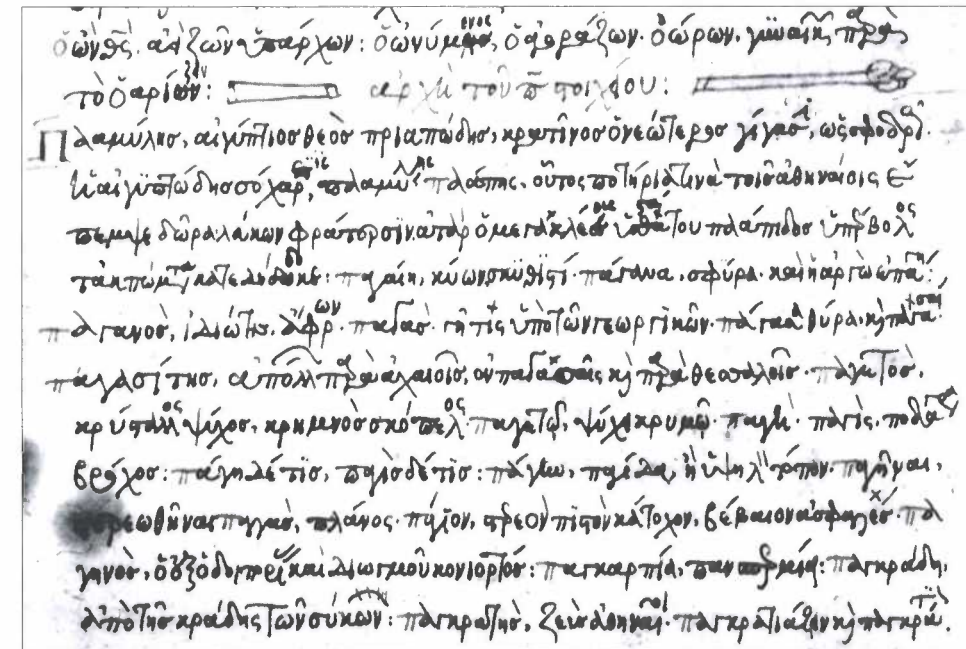
²⁰ Ainda não descobri quem seja esse autor, mas PAUL RICŒUR, *op. cit.*, p. 19, o diz e tenho para mim que ele não inventou a sentença apenas para deslumbrar com mais uma autoridade.

ção que, salvo alguns intervalos, nunca deixou de esquadriñar o sentido das palavras nos textos que nos ocupam – tanto mais quanto o exercício de leitura era feito em comum, no enquadramento da Escola (instituição validada justamente para isso).

Os textos gregos têm sobre eles a pátina do tempo e a novidade da aurora. Por isso não deixarão de ter lugar no próprio país da Utopia – para onde Rafael Hitlodeu, nosso compatriota, os leva numa das suas viagens (segundo testemunho de Tomás Moro)²¹.

O trabalho lexicográfico que sobre esses textos venha a desenvolver-se e que, em consequência disso, venha a ser posto como meio instrumental concitará, por isso, os olhares vigilantes e implacáveis das gerações vindouras – ainda que compreensivos, esses olhares não deixarão de ser impiedosos sobre quem violar o sagrado da língua. É verdade que cem olhos estão postos nos nossos textos e que dessa operação havemos de sair temperados pelo rigor da análise e pela motivação das escolhas: antes de serem de outros terão eles de ser nossos para protegermos o tesouro que temos à nossa guarda, pois o próprio Hermes gostará de nos assistir, a mandado de Zeus...

O trabalho desenvolvido no domínio lexicográfico das línguas clássicas é bem um dos marcos fundamentais da recepção dos nossos textos. Foi-o no passado, mas não foi fácil assumi-lo. Em pleno Renascimento, o herói da



Hesíquio, *Glossae*: início da letra π, pormenor do ms Veneza, Marc. Gr. 622 (saec. XV): cf. <http://www.csad.ox.ac.uk/CSAD/Hesychius/Hansen.html>

²¹ Cf. THOMAS MORUS, *Vtopia*, ed., trad., notas de AIRES A. NASCIMENTO; estudo introdutório de JOSÉ V. DE PINA MARTINS, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

Utopia moriana, transporta consigo nada menos que os instrumentos antigos: “De entre as obras de gramática, ficaram apenas a de Láscaris²², pois não levei comigo a de Teodoro²³; não levei qualquer outro dicionário que não fosse o de Hesíquio²⁴ e Dioscórides²⁵.” É significativo que em 1516 houvesse que recorrer aos instrumentos lexicográficos do passado para entender os textos clássicos que ao tempo mereciam nova e redobrada atenção²⁶. Ocidente e Oriente, no século XV, continuavam a depender do passado...

²² Constantino Láscaris (1434-1501), fugindo de Constantinopla, após a queda da cidade nas mãos turcas, em 1453, refugiou-se em Creta, Rodas e Corfu; passou mais tarde a Itália, onde foi preceptor da filha de Francesco Sforza, na cidade de Milão; em 1476 publicou um manual de gramática grega, cujo título é habitualmente designado por *Erotemata*, primeiro livro a ser impresso totalmente em caracteres gregos: Venetiis, Aldus Manutius, 8 de Março de 1495; o humanista bizantino fez parte do círculo do cardeal Bessarion e foi chamado pelo papa para ensinar grego em Messina (1460).

²³ Teodoro de Gaza (m. 1475); a edição mencionada deve corresponder a HC *7500: Theodorus Gaza, *Introductivae grammatices libri quattuor* (grego), Veneza, Aldus Manutius, 25 Decemb., 1495 – preparada por Marcos Musuro, segundo manuscrito de Bessarion. Ao tempo da composição da *Utopia* por Moro, Erasmo procedia à tradução desta gramática – publicando em 1516 o I livro, por considerar que ela era a melhor que havia, sendo a de Láscaris a segunda (*De ratione studii*). Anteriormente havia sido publicado o compêndio de Bolzanio Valeriano (1443-1524), dito Urbanus Bellunensis, O.F.M., *Institutiones graecae grammatices* (latim e grego), Venetiis, Aldus Manutius, Januar., 1498, In-4.

²⁴ Trata-se, quanto a nós (e contrariamente a André Prévost), de Hesíquio de Alexandria, gramático do século V que compôs um Glossário volumoso com palavras raras, muitas delas atestadas em textos que ficaram na tradição; dele apenas se conhece um testemunho em manuscrito, Veneza, Marc. Gr. 622, do século XV; em 1514 foi feita uma edição (que ainda é a mais completa de quantas posteriormente foram realizadas, por Aldo Manúcio, ao cuidado de Marcos Musuro, retomada alguns anos depois, com algumas correções (1520-1521); a edição moderna de M. Schmidt (1858-1868) está a ser revista sob os auspícios da Academia Dinamarquesa, a cargo de Peter Allan Hansen que continua trabalho deixado por Kurt Latte – *alpha-omicron*, com suporte do *Corpus Lexicographorum Graecorum*, de Oxford; entretanto, cf. <http://el.wikisource.org/wiki> (consulta 2006.11.20). Outras obras de natureza idêntica tiveram as honras dos primeiros prelos tipográficos: *THESAURUS Cornucopiae et Horti Adonidis* (grego). Venetiis, Aldus Manutius, Aug. 1496, In-folio; *Iohannes Crastonus / Giovanni Crastone, Dictionarium Graecum copiosissimum* (grego e latim), Venetiis, Aldus Manutius, Dec. 1497. É óbvio que alguém que tomara parte na quarta viagem de Vespúcio, em 1503, não tinha à sua disposição o glossário de Hesíquio; não é essa contradição que põe em causa a ficção e o seu significado na construção de Tomás Moro. Cf. WARD ALLEN, “Speculations on St. Thomas More’s use of Hesychius”, *Philological Quarterly*, 46, 1967, 156-166.

²⁵ A obra de Dioscórides, *De materia medica*, redigida cerca do ano 60, pelos conteúdos de botânica teve grande influência na história desta disciplina (particularmente nas designações das plantas), em associação com a medicina (descrevem-se 1.600 usos de plantas, animais e vegetais); foi utilizada particularmente no século XVI, a partir sobretudo das traduções para latim: destacam-se a de Hermolao Barbaro em 1516, a de Jean Ruel de Soissons (Johannes Ruellius), também de 1516, a de Marcelo Virgílio, em 1518, e a editada por Henri Estienne, mas a edição grega saíra à luz do dia em 1499, pela mão de Aldo Manúcio, voltando a ser editada, pelo mesmo, em 1518. Os comentários haveriam de multiplicar-se depois.

²⁶ A obra de Hesíquio, conhecida por Γλωσσαί abrange umas 51.000 entradas, compreende palavras raras com indicação do seu significado e referência a autor ou local de uso; atende particularmente a Homero, trágicos (Esquilo) e líricos (Teócrito), historiadores, médicos.

*

Pouco empenhada neste domínio, ao longo dos tempos, se mostrou a comunidade cultural portuguesa²⁷. Condições de todo o género em limitações sofridas e consentidas. Possível ultrapassar o círculo em que nos deixámos circunscrever? O desafio está assumido pelo projecto LEXICON, com a equipa que o toma a seu cargo.

Hoje temos algumas ferramentas que podem impulsionar o trabalho. Todavia, embora a electrónica nos possa colocar nas mãos recursos impensáveis há algumas dezenas de anos atrás, não basta um resultado de máquina para garantirmos idoneidade de um instrumento de descrição de língua – as soluções mais rápidas não são as mais pertinentes: uma concordância KWIC é útil, mas a estruturação que apresenta é de nível elementar e de carácter mecânico. Ao filólogo pede-se que proceda a uma análise orgânica e assim a explicitar nos resultados que comunica.

Por algumas vezes, em recensões críticas a trabalhos de Concordâncias Lexicais nos pronunciámos sobre o tema; uma experiência construída em tempos de iniciação à informática lexical (em anos revolutos, passados no ambiente do saudoso CETEDOC da UL de Lovaina) obriga-me a tomar em conta princípios fundamentais²⁸: pertinência na escolha de corpus textual; tratamento exaustivo desse mesmo corpus; uniformidade de critérios de análise; discriminação de lemas, segundo princípios claros e explícitos; integração de palavra no contexto, etc. Não é menos exigente o trabalho de passagem da lexicalização (nível de Concordâncias) à dicionarização: trata-se de processo por demais delicado para ser deixado à improvisação – em virtude do melindre que envolve a escolha e a recuperação de funcionalidades da língua e sua representatividade no conjunto de um corpus extenso (mesmo que não aberto) como é o da língua grega e o fim visado (constituição de um instrumento que é simultaneamente científico e didáctico).

*

Não me pertence caracterizar as modalidades que vai tomar o trabalho a ter lugar no enquadramento do LEXICON. A realização desse trabalho é necessariamente moroso, mas pode hoje repartir-se por um conjunto de investigadores solidários, mesmo que nem todos estejam no mesmo local de trabalho. Felizmente, os processos de comunicação estão ao alcance de todos: é possível transmitir dados, discutir métodos, interpretar e decidir

²⁷ Aliás, não se pode apresentar uma tradição de lexicografia no enquadramento português: as experiências desse domínio para a língua portuguesa têm que ser procuradas em horizonte brasileiro, pois não satisfazem nem as expectativas nem as exigências da crítica o recente *Dicionário da Academia das Ciências* (assim impropriamente designado).

²⁸ Em tempos em que a informática não apresentava as versatilidades de hoje (e em que o acesso à cadeia de caracteres gregos constituía problema de monta), no seguimento de um trabalho realizado no CETEDOC de Lovaina, ocupámo-nos da crítica a algumas aplicações: cf. AIRES A. NASCIMENTO, “Tratamento de textos em computador - Uma via em aberto”, *Classica*, 1, 1977, 73-86; “Tratamento de textos em computador - Lematização”, *Classica*, 2, 1977, 15-29;

de questões, julgar e rever resultados, prestar esclarecimento mútuo, avançar em edificação de obra comum – tudo isso sem precisarmos de multiplicar deslocações. Tal facilidade implica os investigadores num trabalho comum e os resultados terão certamente a qualidade que daí há-de advir pela atenta coordenação do responsável principal do Projecto.

Lembrava Bruce Fraser, no decurso da discussão da nossa Jornada de trabalho, que “um dicionário não é um monumento”; com a sua amável anuência, permiti-me contrapor, pela positiva, que “um dicionário é como um relógio”, lembrando que, como rezava a epígrafe introdutória de um dicionário que me ficou de tempos de adolescente²⁹, todos os dicionários são úteis desde que funcionem e se saiba da sua regularidade, mesmo que não haja coincidência no bater da hora.

Modelos não faltam na nossa área. O Liddell-Scott-Jones serviu gerações de universitários que com ele aprofundaram os seus conhecimentos da língua grega; é, para todos os bons efeitos, uma obra situada no seu tempo e com funcionalidade precisa: não precisava de fornecer equivalentes directos para os seus destinatários (voltados que estavam mais para a exegese dos textos que para a compreensão através da língua vernácula); o peso e o volume tornam difícil o seu manuseamento. Com limitações, embora, a obra paralela de Anatole Bailly serviu de instrumento de trabalho para muitas gerações. Por sua parte, a exaustividade do *Diccionario Griego-Español* remete-o para objectivos que ultrapassam os de um instrumento acessível a um público alargado. Sob outras perspectivas, trabalha o *Greek Lexicon Project*, de que Bruce Fraser foi o intérprete durante o nosso Colóquio³⁰. O modelo de *GI* (grego-italiano), ou, mais precisamente *Vocabolario della lingua greca*, levado a cabo por Franco Montanari e por ele apresentado também neste mesmo Colóquio, acentua funcionalidades de cuja relevância nos pudemos aperceber de perto com o seu organizador³¹.

Será o modelo electrónico compatível com os modelos tradicionais? Sem dúvida, é de acesso mais rápido..., mas será o acesso tão impressivo e

“Tratamento de textos em computador – Análise linguística”, *Classica*, 3, 1978, 33-46; “Tratamento de textos em computador – Concordâncias verbais”, *Classica*, 4, 1979, 6-18; “Concordâncias Lexicais: Instrumentos de trabalho e opções metodológicas de base”, *Euphrosyne*, 10, 1980, 185-195; “Concordantiarum discordantia: em busca de padrões comuns para Concordâncias lexicais”, *Euphrosyne*, 21, 1993, 331-337.

²⁹ Refiro-me à obra de MANUEL FRUTUOSO DE CARVALHO, *Dicionário Moderno Francês-Português*, Lisboa, Sá da Costa, s/d. A epígrafe é tomada, sem mais identificações, do Dr. Johnson: “Os dicionários são como os relógios: o pior é melhor do que nenhum e o melhor não é de esperar que regule perfeitamente bem (*dictionaries are like watches: the worst is better than none, and the best cannot be expected to go quite true*). Sei hoje que se trata de uma citação de Samuel Johnson, *Letter to Francesco Sastres (August 21, 1784)*, em formulação que se tornou proverbial, mas corresponde à actividade de um lexicógrafo que marcou o estudo da língua inglesa através do seu *Dictionary*, publicado em 1755.

³⁰ Cf. <http://www.classics.cam.ac.uk/glp/publishing.html> (consulta 2006-11-26).

³¹ Contém 140.000 lemas e funcionalidades que associam o formato em papel com o complemento em CD-Rom, para pesquisa combinada. Outras informações sobre Léxicos do Grego Antigo, a partir do Departamento de Línguas Clássicas de Lovaina, cf. <http://perswww.kuleuven.be/~u0013314/greekg/diction.htm> (consulta 2006-11-26).

amigável como o dos velhos dicionários, onde se deixavam as marcas concretas de um estudo que se ia aprofundando e se podia documentar em estratificações que a memória tornava em afectos prolongados? Embora seja possível acrescentar notas e proceder a leitura em hipertextos que revelam, pela data, o progresso do estudioso, não se há-de esquecer que a dependência da técnica e do instrumento que lhe serve de suporte, tornam menos amigável a parafernália electrónica. Afinal sempre gostamos de instrumentos já feitos, prontos a usar para uma sinfonia que não seja deixada à improvisação...

Os diversos modelos ajudam a perspectivar exigências e retornos, sem suporem necessariamente repetições. Mesmo o que, entretanto, nos chegou do grupo brasileiro com o qual temos particular relação de amizade e comunidade de língua, não é transponível para aquém do Atlântico e nenhuma equipa de trabalho pode dispensar-se de medir responsabilidades no seio da comunidade humana e cultural a que pertence nem pode eximir-se a considerar objectivos e possibilidades que o contexto português compreende.

Flexibilidade e pertinência serão orientações a seguir, sem perder de vista a qualidade de informação a constituir com sentido de língua, de representatividade cultural, e de formação didáctica. É com denodo que a equipa de *LEXICON* se abalçou à tarefa de dar à comunidade escolar portuguesa um dicionário de língua grega que ajude a dizer os textos antigos na língua que é nossa. Essa equipa merece bem a nossa confiança por aquilo que traz à nossa consideração e nos obriga a reflectir em conjunto.

Caminhos para a Feitura de um Dicionário de Grego: Algumas Questões Básicas

MANUEL ALEXANDRE JÚNIOR
CEC, Fac. Letras de Lisboa
Director de Projecto LEXICON

Quando me lancei na aventura de conceber um novo dicionário de Grego e depois reunir uma equipa de colaboradores para a sua concretização, não fazia bem a ideia da ciclópica tarefa que nos estava pela frente. Hoje, que já passaram quase dois anos, desistir seria um equívoco e a vontade de continuar é grande.

Foi boa a experiência acumulada, muito boa a aprendizagem e abertura de horizontes no convívio com importantes lexicólogos, lexicógrafos e colaboradores fiéis. Bom também é o facto de estarmos no princípio desta longa caminhada e podermos fruir dos benefícios de eventos como o deste colóquio.

Uma das tarefas que mais nos absorveu na primeira fase do projecto foi naturalmente a pesquisa, o estudo e a verificação crítica de formas e conteúdos nos mais diversos léxicos de grego. Foi a partir dessa primeira experiência prática que arrancámos para a construção de uma base de dados, concebida e desenvolvida sobre o alicerce de um acúmulo de exercícios direccionados para a produção dos conteúdos relativos a um conjunto diversificado de lemas ou entradas que tipologicamente corresponderão a um paradigmático e alargado espectro vocabular.

Os problemas que se nos foram colocando são muitos. Todos, porém, me parecem reunir-se em torno de quatro ou cinco grandes questões; algumas curiosamente abordadas, e com grande sentido de oportunidade neste colóquio por colegas como o Dr. Bruce Fraser na sua comunicação. Não são obviamente questões novas, mas sim as mesmas que ciclicamente estiveram presentes em cada momento decisivo da longa e rica história da lexicografia¹.

¹ É longa e complexa a história dos dicionários de grego, mas das suas origens mais remotas pouco se sabe. Sabe-se apenas que já durante a época helenística a cidade de Alexandria se distinguiu como centro de estudos lexicais; que, a partir daí, obras lexicais se continuaram a produzir, entre elas o monumental léxico grego de Pânfilo de Alexandria em noventa e cinco volumes, só das letras Ε a Ω; que o avivamento aticista ainda mais despertou a produção de léxicos gregos e glossários bilingues. A obra notável de Henricus Stephanus, o *Thesaurus*

À medida que íamos reflectindo sobre essas questões, também nos interrogávamos sobre o modelo de dicionário a produzir e os métodos que melhor implementariam a sua concretização, na consciência de que o modo como a informação semântica se apresenta organizada no seio de cada entrada é importante – quer a sua ordem se baseie na etimologia ou seu alargamento semântico, quer na construção sintáctica em que as palavras ocorrem numa lógica de relações entre significados, quer ainda na frequência das suas ocorrências nos textos –, mas mais importante é a função que as próprias palavras desempenham em contexto e o matiz de significado que este nelas faz aflorar. Permaneceremos assim fiéis ao modelo de abordagem tradicional, introduzindo os lemas por ordem alfabética juntamente com os respectivos significados lexicais, mas sem deixarmos de dar especial atenção a questões de estrutura lexical relacionadas com os domínios semânticos.

O dicionário que nos propomos escrever será mais do que um pequeno léxico para principiantes, mas não deixará de contemplar a informação básica que lhes vai facilitar a tarefa. Pretende-se que seja um dicionário com largo espectro vocabular, intuitivo, simples, fácil de manipular e destinado a servir os mais diversos níveis de utilização; um dicionário actualizado que, sempre que necessário, recorra à definição expandida como complemento semântico do equivalente ou significado, a fim de explicitar o sentido das palavras até ao limite do nosso melhor conhecimento e o exprimir com toda a clareza e sem ambiguidade. Não ignoramos que construir definições é uma tarefa subjectiva e extraordinariamente difícil, mas será talvez, em muitos casos, a maneira de ajudar a perceber melhor a abrangência e energia semântica de uma palavra no respectivo contexto.

A aplicação deste método já vai fazendo história e, a meu ver, com resultados muito promissores, sobretudo em dicionários directamente ligados ao grego helenístico (Louw & Nida, Danker, Mateos & Peláez, Muraoka). É verificada, primeiro, no *Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains* de Louw & Nida, e depois, tanto no *Diccionario Griego-Español del Nuevo Testamento*, cujo primeiro fascículo se publicou em 2000, como em *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Chris-*

Graecae Linguae, publicado em Genebra no ano de 1572 em cinco volumes, foi igualmente precedida por experiências lexicográficas no âmbito do grego bíblico como a de um inédito léxico de Cirilo no século V, a de Crastonus em 1478, a do léxico complutense em 1514 e outras mais. Mas, como justamente observa Franco Montanari, foi “dopo il *Thesaurus* dello Stephanus” que “le vere novità nel campo della lessicografia greca scientifica, che segnarono il passaggio al vocabolario bilingue greco antico-lingua moderna, sono state sostanzialmente due. La prima è rappresentata dallo *Handwörterbuch der Griechischen Sprache* di Franz Passow, un vocabolario greco-tedesco pubblicato a Lipsia nel 1831 in due volumi... Non molti anni dopo il Passow, uscì la prima edizione del vocabolario greco-inglese di Henry George Liddell e Robert Scott, *A Greek-English Lexicon*, Oxford 1843”, ainda hoje um clássico profundamente renovado sob o cuidado de H. S. JONES e R. MCKENZIE, com uma 9.ª edição publicada em 1996 (FRANCO MONTANARI, *Vocabolario della Lingua Greca – Greco-Italiano*, segunda edição, Torino, Loescher, 2004, iv). A par de outros grandes dicionários como o *Dictionnaire Grec-Français* de ANATOLE BAILLY, que desde 1894, já conheceu perto de 30 edições, está em publicação desde 1980 o monumental *Diccionario Griego-Español* (DGE), sob a direcção de F. R. ADRADOS, e dele virá em breve a lume o fascículo VII.

tian Literature, de Frederick Danker, publicado na mesma data. O mesmo método está a ser seguido por John Lee e Takamitsu Muraoka no projecto-piloto que recentemente encetaram tendo em vista a produção de um léxico de grego-ínglês da Septuaginta, o maior corpus literário que atesta o grego helenístico.

A proposta lexicografia do dicionário de Louw & Nida é importante e inovadora do ponto de vista linguístico e semântico². Resulta, porém, incómoda por não reunir dentro de cada entrada as diferentes acepções de uma mesma palavra, e por essas acepções não contemplarem no seu estudo todos os contextos em que ocorrem. Ao contrário do que se verifica no seu léxico, nos de Danker³ e Mateos & Peláez⁴ as definições são formuladas independentemente em ordem alfabética e não por domínios semânticos, sendo tal facto reconhecido como um dos traços mais importantes da sua força⁵. Em cada uma das suas entradas geralmente se introduzem definições seguidas dos respectivos significados, os quais delas se distinguem tipograficamente mas com elas partilham um compromisso semântico convergente e claro. O próprio *Greek-English Lexicon* de Cambridge em curso, assume-se como um dicionário radicalmente novo e sustenta que o seu real valor se deve ao facto de investir na composição de entradas segundo os métodos modernos de análise semântica, à semelhança do que faz o *Oxford English Dictionary*.

Foi à luz desta e outras problemáticas que também eu me pus a pensar nas questões que a lexicografia grega hoje nos coloca e no modo de as contornar ou resolver tendo em vista a concretização de um projecto com as características do nosso, e cujo objectivo último é produzir um dicionário

² “In contrast to the standard alphabetical listing of words found in Bauer and in most lexicons, J. Louw and E. Nida produced a Greek-English New Testament Lexicon (1988) in which the vocabulary of the New Testament is analyzed according to ninety-three semantic domains, which are frequently further divided into sub-domains. All words that have closely related meanings are grouped together (e.g., eighty-three different words are treated in five related groups as part of the semantic domain “know”). This lexicon, which contains full description definitions based on distinctive meanings of particular terms, constitutes a valuable supplement to traditional New Testament lexicons.” (J. T. FITZGERALD, Jr., “Text Criticism, Languages, and Linguistics” (Lexicography: New Testament), in *Methods of Biblical Interpretation*, Nashville, Abingdon Press, 2004, p. 45.

³ “F. W. DANKER’s *Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (2000 = BDAG), is hardly an original and independent work. While bearing the unmistakable imprint of Danker’s exegetical judgments and lexical expertise, it also marks the culmination of many centuries of biblical lexicography. That is, while Danker has based his new lexicon explicitly on the German and English versions of Walter Bauer’s famous dictionary, the later was itself heavily indebted to the labours of his predecessors and part of an ongoing lexicographical tradition” (J. T. FITZGERALD, “Text Criticism, Languages, and Linguistics: Lexicography and Biblical Interpretation”, in *Methods of Biblical Interpretation*, Nashville, Abingdon Press, 2004, p. 49.

⁴ Já foram publicados os dois primeiros volumes: *Diccionario Griego-Español del Nuevo Testamento: Análisis semántico de los vocablos* (DGENT), fascículo 1 ‘Ααρών – αίματα/εχουσία, Córdoba, Ediciones Almedro, 2000; *Diccionario Griego-Español del Nuevo Testamento: Análisis Semántico de los Vocablos* (DGENT), fascículo 2, Córdoba, Ediciones Almedro, 2002.

⁵ JOHN A. L. LEE, *A History of New Testament Lexicography*, New York/Oxford, Peter Lang, 2003, pp. 165-166.

que deverá efectivamente ser útil a todos os que compulsam a língua, literatura e cultura gregas para os mais diversos fins, e se revelará nas suas mãos um instrumento de trabalho, cuja abrangência, clareza, qualidade e rigor contribuirá para a compreensão do sentido de cada palavra ou expressão, tanto em si como no seu respectivo contexto. É à luz delas que passo a bordar algumas das questões que, em relação ao projecto, me parecem fulcrais e decisivas.

QUESTÕES DE NATUREZA SEMÂNTICA

Entendendo-se por semântica o estudo do significado comunicado pela linguagem, esta pressupõe o modo como o significado se entende, mas também o domínio filológico de disciplinas que, para além da linguística, igualmente investigam a criação e transmissão de significado, como sejam a filosofia e a psicologia. E, se o significado de uma palavra ou expressão é determinado pelo significado das partes componentes e pelo modo como elas se combinam, então há que dar especial atenção aos usos possíveis da linguagem, do mais literal ao mais metafórico, para a sua recta interpretação em contexto.

A semântica lexical estuda em especial o significado das palavras com o duplo objectivo de o representar na língua e mostrar como esse significado nela interage.⁶ E, no fundo, um dicionário ou léxico não é mais do que uma lista das palavras de uma língua acompanhadas da respectiva informação idiosincrática; informação que, para estabelecer o significado pela tradução ou definição, não ignora a simplicidade ou complexidade das mesmas, em termos de relações lexicais e outras como, por exemplo, a homonímia, a sinonímia, a antonímia a hiponímia, a meronímia ou a polissemia.

A estrutura dos lemas e do modo como os significados dos vocábulos gregos se indicam é, pois, importante, mas também a verificação crítica dos seus conteúdos semânticos nos respectivos contextos. Na tradição lexicográfica de dicionários bilingues de grego o significado de uma palavra é geralmente representado pelo respectivo equivalente na língua de chegada, pela palavra ou palavras tidas como sinónimos. Mas este é um modo pouco preciso de indicar o significado, nem sempre representando as diferentes acepções de uma palavra, por tenderem a basear-se mais em critérios gramaticais ou sintácticos do que linguísticos e semânticos. Como justamente observa Blomqvist na sua recensão ao *Greek-English Lexicon...* de Frederick Danker, “Duas línguas que são estrutural, cronológica e culturalmente tão distantes como o inglês e o grego não terão provavelmente muitas palavras de correspondência semântica exacta ou mesmo aproximada entre si... Poucos textos se podem traduzir palavra por palavra entre as duas línguas”⁷. Daí a aparente inovação de alguns lexicógrafos recentes, ao introduzirem aquilo a que Danker chama “definições alargadas”. Sempre que lhe parece apro-

⁶ Cf. JOHN I. SAEED, *Semantics*, 2.ª edição, Oxford, Blackwell, 2003, p. 53.

⁷ JERKER BLOMQVIST, *Bryn Mawr Classical Review*, <http://ccat.sas.upenn.edu/bmcr/2001.2001-06-01.html>, p. 2.

priado e necessário, ele desenvolve para cada acepção o significado da palavra e acrescenta-lhe um ou mais equivalentes aproximados em itálico. Por exemplo: a palavra *πλάσμα* é definida como “aquilo que é formado ou moldado” e a definição é seguida pelos equivalentes “*imagem, figura*”. Mais esclarecedor da vantagem deste método é o tratamento do lema *ἀδελφός*. Ao contrário das edições em que se baseia, que apresentam *irmão* como significado geral e lhe acrescentam cinco significados ou usos mais específicos, Danker dá da palavra dois significados básicos definindo-os: o primeiro como “a male from the same womb as the reference pers[on]”, com o equivalente inglês, *brother*; e o segundo como “a pers[on] viewed as a brother in terms of a close affinity”, com os equivalentes *brother, fellow member, member, associate*, correspondendo estes às seguintes subdivisões a marcar significados alarados de carácter mais figurativo: a) *one who shares beliefs*; b) *a compatriot*; c) *neighbor of an intimate friend*; d) *form of address used by a king to persons in very high position*.

Esta mesma metodologia é seguida por Peláez de forma ainda mais consequente e abrangente num projecto que teve início na Universidade de Córdoba em 1974, tal como se apresenta explicitada na obra introdutória *Metodologia del Diccionario Griego-Español del Nuevo Testamento*⁸. Resumindo, o método adoptado desenvolve-se nos seguintes passos: classificação dos lexemas de harmonia com as espécies semânticas dominantes; estabelecimento da fórmula semântica dos lexemas; desenvolvimento sémico da fórmula; definição do lexema; e identificação das diferentes acepções contextuais a que dá o nome de sememas. O método proposto supõe uma análise exaustiva de todos os contextos, e só nos parece viável por agora em dicionários especiais de reduzido espectro vocabular, como sejam os dicionários técnicos, de autor ou por épocas. Tanto mais que, com a descoberta e publicação de numerosos papiros, inscrições e outros materiais antigos durante o último século e meio, há agora literalmente milhares de textos que ainda carecem de ser examinados por lexicógrafos. “Com o advento do *Thesaurus Linguae Graecae*⁹ e a possibilidade de se fazerem pesquisas electrónicas para o vocabulário relevante a maior questão que agora confronta os lexicógrafos é como sistematicamente fazer isto e tornar os resultados acessíveis”¹⁰. Mas os princípios que o inspiram são válidos para todos os tipos de dicionário e

⁸ JESÚS PELÁEZ, *Metodologia del Diccionario Griego-Español del Nuevo Testamento* 6, Colección de Estudios de Filología Neotestamentaria, Córdoba, Ediciones El Almendro, 1996.

⁹ O TLG é um instrumento precioso de trabalho, mas torna-se em missão impossível, pois coloca-nos na presença de muitas palavras com dezenas de milhares de ocorrências e não é possível consultá-las todas. Só uma colaboração internacional com centenas senão milhares de colaboradores envolvidos em rede, cada um a trabalhar num número restrito de palavras, senão casualmente apenas numa, ou então em vocabulários técnicos específicos (filosófico, científico, médico, botânico, teológico), terminologia comunitária, linguagem cognitiva de sentimentos e emoções (na consciência de os próprios sentimentos são emoções socialmente construídas e culturalmente definidas e organizadas na medida em que normalmente se estruturam por modelos que tanto podem ser metafóricos, como metonímicos ou de cenário prototípico em função dos respectivos contextos), etc. Quanto sabemos, são as convenções sociais que determinam e condicionam a expressão dos sentimentos e das emoções.

¹⁰ J. T. FITZGERALD, “Lexicography Theory and Biblical Interpretation”, *op. cit.*, p. 50.

idealmente se virão a concretizar num grande *thesaurus* geral e universal da língua grega, só um dia possível num projecto internacional que abranja a colaboração generosa e diversificada de uma plêiade de especialistas em lexicografia grega que por sua vez representem a convergência científica, técnica e prática de múltiplos saberes¹¹.

Nesta, como na experiência metodológica anterior, há aspectos inovadores que vale a pena ponderar e seguir. Primeiro, sempre que se tratar de uma realidade menos óbvia, dar do lema a respectiva definição, e a seguir a sua equivalência ou tradução. Segundo, ter nestes casos presente a distinção entre significado lexical (o da palavra em si), e outros sentidos possíveis de natureza contextual. Ao primeiro chama Peláez *lexema*, e aos segundos dá o nome de *sememas*¹². As razões que o autor avança para chegar ao significado pleno das palavras são duas: que a palavra que o intérprete dá na língua de destino não é a rigor o significado da palavra de origem, mas apenas um equivalente; e que, com a definição do termo de origem, se dá ao utilizador um referente claro no que respeita à eleição do equivalente que melhor se ajusta ao contexto. E quatro são os critérios de ajuda que propõe para a delimitação do sentido: se uma palavra apresenta apenas uma acepção, esta pode tomar-se como sentido lexical; se ela apresenta mais do que uma acepção, marcadas umas e outras não, o lexema ou significado principal será a acepção não marcada; Se todas as acepções são marcadas, o lexema obtém-se por abstracção dispensando-se os semas ocasionais; se a palavra apresenta uma variedade de sentidos heterogêneos (sobretudo metafóricos), é necessário determinar a acepção primária, considerando-se as outras como casos particulares. Temos, assim, para cada palavra de conteúdo semântico variado, um significado principal de raiz, de base, e um menor ou maior número de sentidos contextuais ditos sememas ou acepções. De sorte que, de acordo com esta metodologia, o processo só termina quando se obtém a definição do lexema e se examinam os diferentes contextos para ver se o significado proposto na definição é válido em todos eles. No caso de haver acepções, o percurso será igual para cada uma delas no que concerne tanto à definição como às traduções equivalentes¹³.

¹¹ Cf. *loc. cit.*

¹² Ao fazer distinção entre “significado lexical” ou significado da palavra em si, e “significado contextual” ou significado de cada uma das diferentes acepções da palavra, Peláez recomenda, também para os dicionários bilingues, o recurso à definição e não apenas a oferta da tradução de um termo. No tratamento de ἀγαθός, por exemplo, regista três acepções ou sememas diferentes com a correspondente definição e tradução: 1) “Que possui uma disposição de ânimo favorável a outro ou outros, manifestada na conduta a respeito deles”: *bom, benéfico, bondoso, benigno, honrado, generoso*; ... 2) “Que presta bem o seu serviço”: *diligente, laborioso, cumpridor*; ... 3) “que é recto em si mesmo e/ou favorável ao homem”: *bom, de boa qualidade, recto, benéfico*. Nos lemas do dicionário, faz sempre a distinção entre significado e tradução, avançando com a definição correspondente da palavra sempre que esta tem um significado diferente no contexto. A ordem dos elementos é sempre a mesma para cada categoria de significado ou acepção: definição, tradução equivalente em itálico, e exemplos em contexto com a respectiva tradução (cf. JESÚS PELÁEZ, “Significado/Traducción y Definición de las Palabras en el Diccionario Griego-Español de Nuevo Testamento” (artigo em homenagem de Jesús Lens), p. 7).

¹³ Cf. C. MACIAS VILLALOBOS, *recensão de Jesús Peláez, “Metodología del Diccionario Griego-Español del Nuevo Testamento”, Analecta Malacitana, 22:2, 1999, pp. 799-820.*

QUESTÕES DE NATUREZA CONTEXTUAL

O recurso à etimologia, geralmente entendida como descoberta do ‘verdadeiro’ significado de uma palavra a partir do significado original da raiz e seus afixos, é talvez o tipo de abordagem semântica mais desviante. Daí a chamada de atenção por parte de muitos lexicógrafos para o risco de incorrerem na “falácia etimológica”. O mais importante não são as palavras em si, isoladas de um contexto, mas a verificação do seu significado como partes de um todo mais alargado. Uma das principais razões para falhas de conteúdo semântico num dicionário é a dificuldade em fazer distinção entre o significado de base de uma palavra e o dos vários contextos específicos em que ocorre. Os lexemas podem não ter um único significado em todos os contextos, mas também não têm fronteiras rígidas. Como justamente observam Louw & Nida, “a língua não é uma espécie de mosaico com fronteiras de significado bem definidas a cobrir uma superfície fixa. Ela é bem mais semelhante a uma série de bolhas numa superfície líquida em constante movimento. Assim como as bolhas mudam de posição, crescem, diminuem e até desaparecem à medida que se vão ajustando à superfície líquida e ao ar ambiente, também os significados das palavras se deslocam, crescem ou decrescem em função de possíveis contextos, deixam mesmo de se usar à medida que a cultura se ajusta”¹⁴. Ao contrário de um elenco de fórmulas matemáticas ou signos estritamente lógicos com um só significado, a língua é um conjunto de símbolos semanticamente flexível e adaptável, pelo que não seria útil nem desejável esperar dela significados precisos e categorias rígidas. Por isso que o contexto se torna sempre decisivo para o apuramento do significado e do modo como o sentido original se desenvolve numa série de significados distintos que, por vezes, nada têm a ver com o seu étimo.

Reflectindo sobre o significado de βασιλεία, Peláez começa por dizer que “é de tal importância a observação do contexto que, sem prestar especial atenção a este, a definição e tradução dos lexemas, com suas distintas acepções, quando as houver, pode resultar com frequência inexacta e imprecisa”¹⁵; e isto no pressuposto de que, como adiante afirma: os dicionários bilingues deveriam dar sistematicamente não só a tradução da palavra em questão, mas também a sua definição ou ‘significado lexical’, juntamente com a definição das diferentes acepções da palavra em contexto ou ‘significados contextuais’. Sim, porque, para ele, há que distinguir entre o significado lexical de base dito lexema, e as acepções ou sememas que dele derivam¹⁶. É assim que, em relação ao termo βασιλεία, ele observa a escassa atenção prestada na tradução aos diferentes contextos em que se encontra a palavra, com conseqüências por vezes muito negativas no produto final da mesma,

¹⁴ EUGENE A. NIDA and JOHANNES P. LOUW, *Lexical Semantics of the Greek New Testament: A Supplement to the Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains*, Atlanta, Scholars Press, 1992, p. 92.

¹⁵ JESÚS PELÁEZ, “Βασιλεία en el Nuevo Testamento: Factor Contextual, Definición y Traducción”, *Filologia Neotestamentaria* 16, 2003, p. 69.

¹⁶ *Ibid.*, p. 71.

face à ausência de rigor metodológico. Da análise semântica do lexema, chega Peláez às seguintes conclusões: primeiro, que o sentido global da palavra não se esgota no significado lexical, o qual define como “dignidade e autoridade real a que compete uma actividade de governo exercida sobre uns súbditos e um território” e traduz por *realeza, dignidade real, soberania, majestade*; segundo, que ele se alarga em duas outras acepções, face à verificação rigorosa dos contextos em que a palavra ocorre. A primeira destas acepções define-a como “actividade de governo que compete à dignidade e autoridade real exercida sobre uns súbditos e um território”, e simplesmente traduz por *reinado*. A segunda, define-a como “súbditos e território sobre os quais se exerce a actividade de governo que compete à dignidade e autoridade real”, traduzindo-a por *reino*. O resultado final é termos três acepções de βασιλεία, “cada uma com a sua fórmula própria: 1) realeza (atributo), 2) reinado (acção), 3) reino (entidade)”¹⁷. Como justamente conclui: “A escassa observação sistemática do factor ou factores contextuais em que aparece o lexema βασιλεία não só conduz a traduções inadequadas deste lexema, como também a interpretações erróneas” da natureza de certas expressões¹⁸.

Um outro problema em lexicografia grega é a tendência para tratar as palavras como simples entidades individuais e não também como partes de grupos mais vastos de cadeias linguísticas. Certos termos e ideias estavam de tal modo encadeados entre si no mundo antigo, tanto linguística como culturalmente, que se transmitiam de geração a geração como unidades e não como entidades isoladas¹⁹. Daí a necessidade de os léxicos não só proporcionarem o conteúdo semântico dos termos mas também indicarem os grupos de ligação linguística a que pertencem.

Exige-se, por conseguinte, do lexicógrafo uma análise cuidada do significado das palavras, tanto no contexto das suas ocorrências em frases, como no da situação social em que ele se formou. Pois, uma menor atenção a estes fenómenos pode suscitar erros de omissão ou mesmo excesso, até nos melhores dicionários. Danker (BDAG 2000), por exemplo, afirma que “στέργω raramente se usa para a expressão sexual”, definindo a palavra como “to have a benevolent interest in or concern for”, e dando como equivalentes: *amar, sentir afeição por*. De facto, esta definição encaixa-se bem nos exemplos em que o verbo é usado para descrever a afeição mútua de pais e filhos, mas induz-nos em erro quando implica que a palavra não contempla a afeição contida na relação sexual, certamente sob a influência do clássico Liddell & Scott Jones, quando diz que στέργω “raramente se refere a amor sexual”²⁰. Mais flagrante

¹⁷ *Ibid.*, p. 75; cf. pp. 71-75.

¹⁸ *Ibid.*, p. 83.

¹⁹ J. T. FITZGERALD, “Text Criticism, Languages, and Linguistics: Lexicography Theory and Biblical Interpretation”, in *Methods of Biblical Interpretation*, Nashville, Abingdon Press, 2004, p. 50.

²⁰ Curiosamente, nem Bailly, nem Chantraine, nem Magnien & Lacroix se referem explicitamente ao sentido erótico. Bailly traduz o verbo por: amar ternamente; querer, particularmente em relação ao amor dos pais pelos filhos ou dos filhos pelos pais, ao amor conjugal, ao amor fraternal, à afeição entre amigos, entre compatriotas, ao amor dos cidadãos pelo rei, dos solda-

é o facto de Bailly, Chantraine e Magnien & Lacroix nem sequer o referirem. Apenas Montanari recentemente o regista como “amar em sentido erótico”, embora com o comentário de que raramente ocorre e só na voz média. Verifica-se, afinal, que o verbo é muitas vezes usado para expressar a afeição erótica tanto heterossexual como homossexual²¹. O simples facto de a palavra expressar o amor de marido e mulher já o sugere, sobretudo quando se verifica no contraste estabelecido entre o amor que a mulher deve ter pelo seu marido (στεργούσας) e o casto amor (ἀγαπώσας) que ela deve nutrir pelas demais pessoas²².

As subtilezas do contexto levantam-nos, por vezes, problemas de difícil solução e nem todos os dicionários nos ajudam a clarificá-los, tanto mais que a tradição lexicográfica se deixou em muitos casos induzir em erro por influência das traduções de que dependeu e tanto a marcaram. Poythress e Grudem²³ ilustram o problema com uma reflexão sobre as ocorrências de ἀνὴρ no grego helenístico do Novo Testamento. Significando ἀνὴρ *marido, homem ou pessoa do sexo masculino*, por oposição a ἄνθρωπος *homem* em sentido genérico, em muitos contextos a componente semântica de masculinidade não se verifica de forma conclusiva. E são precisamente casos inconclusivos desta natureza que têm induzido alguns tradutores a verter esta e outras palavras de maneiras que o contexto explicitamente não suporta, por vezes com base em pressupostos ideológicos. Neste caso concreto, são várias as razões avançadas para afirmar que ἀνὴρ conserva a componente semântica de masculinidade. Primeiro, é linguisticamente improvável que este termo se tenha contextualmente usado alguma vez para substituir ἄνθρωπος e decididamente vir a significar *pessoa, ser humano, homem* em sentido genérico. Segundo, os grandes léxicos gregos que a tradição regista acentuam o significado *marido* ou *homem* (em oposição a mulher, a Deus, a um jovem). É essa, aliás, a leitura enfática do *LSJ*, Bailly e Chantraine. É também a leitura que BDAG faz, ao retirar do texto a acepção *people* (*pessoas* e não especificamente *homens* em distinção de mulheres)²⁴ que havia sido introduzida na

dos pelo chefe ou o príncipe que os comanda; contentar-se com, resignar-se a, suportar; desejar. Chantraine afirma explicitamente que “ne se dit pas en principe de l’amour physique”, acrescentando tratar-se de “champ sémantique franchement différent de celui de ἐρᾶν, différent de celui de φιλεῖν, recouvre en partie celui de ἀγαπᾶν”. Nem mesmo Magnien & Lacroix refere sequer esse sentido, ele que cobre com mais abrangência a época helenística. Só Montanari recentemente o regista como “amar em sentido erótico”, mas com o comentário de que raramente e na voz média.

²¹ Cf. D. SIDER, *The Epigrams of Philodemus*, 1997, p. 144. Nos epigramas eróticos de Filodemo, o poeta-filósofo do primeiro século louva os encantos sexuais de uma mulher, manifestando o desejo de a amar (στεργοίμι) até que encontre outra mais perfeita (Epigrama 17; ver tradução em D. Sider, *ibid.*, p. 122).

²² Policarpo, *Aos Filipenses* 4.2.

²³ VERN S. POYTHRESS and WAYNE A. GRUDEM, “Analyzing the Meanings of Words: The Translation of *Aner* (ἀνὴρ)”, *The Gender-Neutral Bible Controversy*, appendix 2, Nashville, Broadman and Holman, 2000, pp. 321-333.

²⁴ Esse acréscimo é justificado com textos como Actos 17.34 em que se supõe ἀνὴρ = ἄνθρωπος. Mas será válida tal justificação? Aparentemente não; pois, conforme o comentário de F. F. Bruce, o que o texto grego diz é: “Mas alguns homens juntaram-se a ele e creram, entre os

2.^a edição inglesa de Bauer²⁵, sem mesmo estar presente no original alemão que lhe deu origem²⁶. Montanari, porém, refere-se marginalmente a um significado extensivo como *individuo, persona* (indefinido)²⁷, sem com isso pôr contextualmente em causa o seu carácter de masculinidade. O dicionário de Mateos e Peláez faz de igual modo referência a este sentido, dizendo que há casos em que *άνήρ* é “praticamente equivalente a um substantivo genérico ou pronome indefinido”, neles significando *individuo, sujeito, um, qualquer, alguém, algum*, mas sempre em contextos que honram a componente masculina do termo²⁸. Porém Louw and Nida ousam incluí-lo numa das três acepções que lhe reconhecem: *marido; homem* (uma pessoa adulta do sexo masculino em idade de casar); *ser humano*. Foi, aliás, por influência desta última acepção que alguns tradutores acabaram por eliminar a componente semântica de masculinidade na tradução de *άνήρ* em dezenas de textos, por não darem a necessária atenção aos respectivos contextos e, por conseguinte, não distinguirem *άνήρ* de *άνθρωπος*. Outro tanto parece fazer Muraoka, ao avançar *pessoa* como segunda acepção, embora atenuada pela expressão “maleness not being prominent”²⁹. Ora, sem nova evidência lexical a suportar esta acepção, e com a história inteira da lexicografia grega a reconhecer de forma inequívoca que *άνήρ* e *άνθρωπος* se não correspondem exactamente como sinónimos, só nos resta concluir que é um erro seguir o léxico de Louw and Nida neste ponto³⁰.

Aliás, segundo John Chadwick, reputado lexicógrafo de Cambridge, o princípio que nos ajuda a resolver a questão de significados adicionais é: sempre que um significado bem estabelecido faz sentido no contexto, não o devemos substituir por um significado previamente não estabelecido ou atestado. É de evitar a todo o custo a proliferação de significados. Pois, como acrescenta, “Pode não haver uma razão forte para rejeitar a existência do novo significado que se propõe, mas será que há alguma razão para que ele tenha mesmo que existir?”³¹. As diferenças de significado são, de facto,

quais também se contava Dionísio o Areopagita; e, juntamente com eles, uma mulher chamada Dámaris”.

²⁵ WILLIAM F. ARNDT and F. WILBUR GINGRICH, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, a translation of Walter Bauer's fifth edition of 1958, Chicago, The University of Chicago Press, 1979.

²⁶ WALTER BAUER, *Griechisch-Deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der üchristlichen Literatur*, 5.^a edição, Berlin, A. Töpelmann, 1958, p. 132.

²⁷ Cita a este propósito Aristóteles *Nub.* 1214, Platão, *Phaed.* 114d e *Leg.* 736c, Isócrates 12.180, e Aquiles Tácio 8.12.1, não me parecendo que algum dos respectivos contextos comprometa a componente semântica de masculinidade contemplada na palavra *άνήρ*.

²⁸ JUAN MATEOS y JESÚS PELÁEZ, *Diccionario Griego-Español del Nuevo Testamento: Análisis semántico de los vocablos*, Fascículo 2 αίμορροεύ-άνήρ, Córdoba, Ediciones Almendro, 2002, pp. 11-12.

²⁹ T. MURAOKA, *Greek-English Lexicon of the Septuagint: Chiefly of the Pentateuch and the Twelve Prophets*, Louvain, Peeters, 2002, pp. 36-37.

³⁰ VERN S. POYTHRESS and WAYNE A. GRUDEM, *op. cit.*, p. 28.

³¹ JOHN CHADWICK, *Lexicographica Graeca: Contributions to the Lexicography of Ancient Greek*, Oxford, Clarendon Press, 1996, pp. 23-24. “Somos muitas vezes tentados a criar um novo significado só para acomodar um exemplo difícil, mas importa que nos interroguemos primeiro se não há outra maneira de atribuir a esse exemplo um significado já estabelecido... como tenho

controladas pelo contexto, e ambiguidades de sentido são também por ele geralmente resolvidas.

Se *άνήρ* representa o risco de excesso de acepções ou significados, palavras como *έξις*, por exemplo, poderão contrariamente representar a sua falta³². No *LSJ* os significados apresentam-se divididos em dois grupos: I. *ter, estar na posse de, possessão*; II. *um ser num certo estado, uma condição permanente*. E a este segundo grupo são reconhecidas três categorias de significados: 1. *estado ou hábito do corpo, condição*; 2. *estado ou hábito da mente*; 3. *hábito treinado, aptidão, competência, saber*; nenhum sinal havendo de significar *uso, costume ou prática*. Em claro alinhamento com o *LSJ*, Bailly segue a mesma estrutura da entrada em dois grupos, dividindo igualmente o segundo em três acepções: I. *acção de possuir, possessão*; II. *maneira de ser, estado*: 1. *estado ou hábito do corpo, temperamento, boa constituição física*; 2. *estado ou hábito do espírito ou da alma*; 3. *faculdade, capacidade resultante da experiência, experiência*. Já Montanari reorganiza o sistema e acrescenta um terceiro grupo com os seguintes significados: *uso ou costume, capacidade, experiência, dote*. Das mais de 6.000 ocorrências da palavra na literatura grega e da verificação crítica de grande parte delas, não será difícil justificar o acréscimo, admitindo embora que ele pode já estar implícito na palavra *hábito* dos dicionários anteriores; *hábito*, do latim *habitus*, que tanto pode significar *estado, condição*, como “uma determinada disposição ou tendência para agir de um certo modo”³³ e, por conseguinte, *uso, costume, exercício, prática*³⁴. Foi curiosamente essa a mudança que a Vulgata operou em Hebreus 5.14 quando substituiu da versão Velha Latina o termo *habitus* (estado, condição) por *consuetudo* (uso, prática, costume). O próprio Erasmo, que usou a expressão *propter habitum* na primeira edição da sua versão revista da Vulgata em 1516, a substituiu em 1522 por *propter assuetudinem*, porventura sob a pressão da crítica que então recebeu³⁵.

realçado em algumas das minhas notas”, acrescenta, “pode não haver uma razão forte para rejeitar a existência do novo significado que se propõe, mas será que há alguma razão para que ele tenha mesmo que existir?”

³² Sigo aqui de perto o raciocínio de JOHN A. L. LEE, *A History of New Testament Lexicography*, New York, Peter Lang, 2003, pp. 279-295.

³³ Porventura, até: carácter, disposição, estilo; o estilo como desempenho social, as disposições formadas com o tempo pela acção habitual; disposição permanente, maneira durável de ser, falar, caminhar, sentir, pensar.

³⁴ A testemunhar o acréscimo desta acepção, avanço a seguir o tratamento que nos propomos dar ao lema em questão no nosso dicionário: *έξις, εως, ή [έχω]* 1. *posse, domínio: έξις τών όπλων posse de armas* PLAT. *Leg.* 625c, *έξιν νού domínio da razão* PLAT. *Crat.* 414b, *έπιστήμης έξιν, domínio do saber* PLAT. *Theaet.* 197b, 2. *estado, condição, boa condição (física, mental ou espiritual): έξις ύγιεινή bom estado de saúde* XEN. *Mem.* 1.2.4, *έξεις τών ψυχών, estados de alma* PLAT. *Leg.* 650b; 3. *natureza, índole, maneira de ser, estado desenvolvido, condição permanente, maturidade, temperamento: δια τήν έξιν pela sua maturidade* NT *Hebr.* 5.14; 4. *exercício, prática, uso, costume, hábito adquirido, estilo, arte: τήν τών Ιουδαϊκών γραμμάτων έξιν a prática das letras judaicas* ARISTEAS 121; 5. *aptidão, capacidade, competência adquirida pela prática ou experiência: τόν τήν σήν έξιν έχοντα que atingiu o teu grau de conhecimento* PLAT. *Phaedr.* 268e; 6. *sistema, organismo, corpo: έκ τής έξεως του λέοντος do corpo do leão* VT. *Iudic.* 14.9; ATH. 2.45e.

³⁵ JOHN A. L. LEE, *A History of New Testament Lexicography*, p. 287.

QUESTÕES DE ESTRUTURA, COERÊNCIA E VOLUME DE INFORMAÇÃO

No fundo, um dicionário é mais, muito mais, do que uma série de definições. A questão do modo como a informação se apresenta organizada pode igualmente ser decisiva: se a ordem dos significados depende da etimologia, de uma série de relações de significados assumidamente lógicas, ou da frequência da sua ocorrência nos textos, e não só. Como organizar, pois, os significados, quando eles são múltiplos? Com base em que princípios devemos nós proceder à sua classificação? Seria talvez um erro começar sempre pelo 'significado básico'. O melhor seria distingui-los, primeiro, com base em contrastes evidentes; segundo, adoptar o menor número possível de significados para cobrir toda a evidência contextual; terceiro, examinar todos os contextos seleccionados para testar o rigor e adequação da lista de significados³⁶. Pois cada palavra é um caso com as suas especificidades e idiossincrasias.

Com o livre acesso aos meios electrónicos e a construção de bancos e bases de dados é agora muito mais fácil reunir, estruturar e sistematizar os conteúdos das entradas, por mais complexos que estes sejam. Por um lado, instrumentos de trabalho como o *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG) são fontes preciosas de informação que agora se podem consultar via online com os caracteres gregos em unicode e em permanente actualização. Só o TLG inclui não só quase toda a literatura grega transmitida em código desde os tempos de Homero até ao século VI, mas também uma colecção imensa de textos literários conhecidos a partir dos papiros gregos, e grandes quantidades de materiais bizantinos a cobrir domínios como a lexicografia, a historiografia e os escólios. O Packard Humanities Institute lançou um disco compacto com todos os papiros gregos publicados até praticamente ao fim do século XX e um banco de dados actualizado agora também acessível na internet com cerca de 35.000 documentos. Lançou também um CD-ROM que reúne cerca de 60.000 inscrições. Para além disso, temos ainda o projecto Perseus que aponta para o cenário de uma biblioteca digital com um milhão de livros e já tem acessível a consulta integral da 9.ª edição do LSJ.

Por outro lado, bases de dados adequadas às especificidades de um dicionário de grego, permitem a colaboração de grupos mais alargados de lexicógrafos sem o risco de descoordenação metodológica, pois arrumam ordenada e coerentemente a informação, uniformizam siglas, abreviaturas, exemplos e citações, registam com igual rigor todas as variantes dos lexemas nominais e verbais. A base de dados que foi concebida e vem sendo construída desde o início do nosso projecto é um autêntico laboratório de múltiplas pesquisas a motivar o intenso trabalho de verificação crítica e metodológica de alguns dos melhores dicionários dos últimos dois séculos. Impressionou-nos sobretudo a apreciação que Chadwick e Lee fazem do LSJ, léxico que aliás muito apreciamos e tão bem serve os estudos clássicos desde a primeira metade do século XIX. Entre as faltas assinaladas, diz-se que não segue um método

³⁶ EUGENE A. NIDA and JOHANNES P. LOUW, *Lexical Semantics...*, pp. 39-40.

coerente de definição, que faz derivar o material básico dos seus predecessores³⁷, que enferma de uma organização caótica, talvez em consequência de revisões cíclicas e fragmentárias, e que é basicamente um léxico do grego não pós-clássico³⁸. Não obstante a justeza das críticas que lhe são feitas³⁹, o facto é que ainda temos de esperar algum tempo, porventura mais uma geração, para que o DGE seja ultimado, pois se trata de um *opus magnum* que vai muito além de corrigir o LSJ e em termos de estrutura me parece exemplar⁴⁰. Mas teremos com certeza muito em breve o *Cambridge New Greek-English Lexicon* com a sua conclusão apontada para 2010, um dicionário radicalmente novo que vai às fontes originais e de longe se afasta de uma simples revisão do *Intermediate Liddell & Scott Greek-English Lexicon*. São estes os modelos em que o nosso trabalho se inspira.

Dizia no princípio que ao lançar-me nesta aventura não fazia bem a ideia da ciclópica tarefa que nos estava reservada. E quanto mais nos damos conta que o significado lexical é de longe mais complexo do que o simples conhecimento que se contém ou explicita num léxico, tanto maior é a nossa percepção da dificuldade em escrever um dicionário. Limitámo-nos a aflorar a questão. Mas o simples facto de a pensar já nos ajudou a dar uns minúsculos passos em frente. Pois, se o que se pretende é uma tradução semântica sob o imperativo constante da fidelidade, a trave mestra da construção lexicográfica é a consciência de que o significado é produto da relação entre o sistema e o seu ambiente e que apenas claramente se desvela em seus contextos⁴¹. O nosso objectivo, afinal, à luz de outros dicionários, é retermos o

³⁷ Baseado em Franz Passow (*Handwörterbuch der Griechischen Sprache*, 2 vols., Leipzig, 1831) que por sua vez se baseia em Schneider (JOHANN G. SCHNEIDER, *Kritisches Griechisch-Deutsches Handwörterbuch*, 2 vols., Züllichau, 1797-1798), baseado em Stephanus (*Concordantiae testamenti novi graecolatinae, nunc primum plenae editae*, Paris, 1594), baseado nos léxicos e enciclopédias bizantinos, eles próprios compilados a partir de fontes anteriores (WILLIAM A. JOHNSON, "Greek Electronic Resources and the Lexicographical Function", in *Biblical Greek Language and Lexicography: Essays in Honor of Frederick W. Danker*, Grand Rapids/Cambridge, Eerdmans Publishing Company, 2004, p. 77).

³⁸ JOHN A. L. LEE, "The Present State of Lexicography of Ancient Greek", in *Biblical Greek Language and Lexicography: Essays in Honor of Frederick W. Danker...*, p. 68. Cf. JOHN CHADWICK, "The Case for Replacing Liddell and Scott", in *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 39, 1994, pp. 1-11; cf. JOHN CHADWICK, *Lexicographica Graeca: Contributions to the Lexicography of Ancient Greek*, Oxford, Clarendon Press, 1996.

³⁹ Algumas das correcções mais importantes ao LSJ e seus suplementos são mencionadas por KATRIN HAUSPIE em dez importantes estudos registados em nota de rodapé ("The LXX Quotations in the LSJ Supplements of 1968 and 1996", in *Biblical Greek Language and Lexicography*, p. 109, n. 11).

⁴⁰ F. R. ADRADOS, *Diccionario Griego-Español*, vols. 1-6, Madrid, 1980-2006. Última-se o volume VII e uma segunda edição do I.

⁴¹ "Knowledge is transmitted in social contexts, through relationships, like those of parent and child, or teacher and pupil, of classmates, that are defined in the value systems and ideology of the culture. And the words that are exchanged in these contexts get their meaning from activities in which they are embedded, which again are social activities with social agencies and goals" (MICHAEL A. K. HALLIDAY and RUQAIYA HASAN, *Language Context and Text: Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective*, Geelong, Deakin University Press, 1985, pp. 11-12). Cf. STANLEY E. PORTER, "Aspect Theory and Lexicography", in *Biblical Greek Language and Lexi-*

que é bom, acrescentarmos o que falta, melhorarmos o que nos estiver ao alcance e for possível no âmbito dos critérios de densidade e volume que assumimos.

ABSTRACT: Based in the experience of the classical and most recent lexicographic activity dealing with modern and ancient languages, the dictionary we intend to produce will cover a large vocabulary spectrum of Greek literary texts (archaic, classical and post-classical), including most of the irregular verbal forms and proper names, with special incidence in scientific, philosophical and religious terminology; an updated lexicon that will resort to expanded definition, when needed, as a semantic complement of the equivalent meaning in order to more precisely explain the contours of lexical and contextual meaning, and to better express it with clarity and without ambiguity. In this article, I shortly mention the state of the art. My attention is concentrated on some of the basic issues Greek lexicography now raises, and on the ways to solve them having in mind the consummation of a project with the characteristics of ours, namely questions of semantic and contextual nature, as well as questions of coherence, structure, and volume of information.

KEYWORDS: lexicography, lexical semantics, terminology, lemma.

Bibliografia

- ADRADOS, Francisco R. *et al.*, *Diccionario Griego-Español*, vols. 1-6, Madrid, CSIC, 1980-.
- ADRADOS, Francisco R. y SOMOLINOS, Juan Rodríguez (eds.), *La Lexicografía Griega y el Diccionario Griego-Español*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005.
- ADRADOS, Francisco R., "La Semántica en el Diccionario Griego-Español", *Cien años de investigación semántica: de Michel Bréal a la actualidad. Actas del Congreso Internacional de Semântica (Universidad de La Laguna 27-31 de octubre de 1997)*, ed. M. Martínez y otros, Madrid, Ediciones Clásicas, 2000, vol. I, pp. 99-110.
- ARNDT, William F. and GINGRICH, F. Wilbur, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, a translation of Walter Bauer's fifth edition of 1958, Chicago, The University of Chicago Press, 1979.
- BAILLY, A., *Dictionnaire Grec-Français*, Paris, Hachette, 1950.
- _____
- cography...*, pp. 216-218: "A full working model of ancient Greek from a systemic standpoint has not been fully worked out, but it seems to include the following features. When in a given context a speaker/writer wished to communicate, that communication functioned in terms of the three meta-functions of register: the ideational, interpersonal, and textual components. The ideational is realized by the field of discourse, the interpersonal the tenor, and the textual the mode. Roughly speaking, the field of discourse is concerned with the subject matter or content of the discourse, the tenor with the participants and their relations, and the textual with the mode of discourse, including text-type and cohesion". Segundo a linguística sistémica de Halliday, afirma Porter, a língua entende-se como sistema e a gramática consiste numa rede de escolhas semânticas inter-relacionadas, representadas em termos de sistemas interligados. De sorte que, mais do que simples itens lexicais individuais sintacticamente interligados, a língua consta de semântica, da lexicogramática, e da sua realização na substância linguística; isto é, de palavras e expressões com uma variedade de significados em termos de sentido, referência, denotação, classe, ponto de registo. E mais do que fazer uma abordagem sintáctica da língua a abordagem funcional sistémica é passível de orientação paradigmática (*loc. cit.*).

- BARSALOU, Lawrence W., "Flexibility, Structure, and Linguistic Vagary in Concepts: Manifestations of a Compositional System of Perceptual Symbols", in *Theories of Memory*, Hove and Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates, 1993, pp. 29-101.
- BLAKEMORE, Diane, *Semantic Constraints on Relevance*, Oxford, Basil Blackwell, 1987.
- CHADWICK, John, "The Case for Replacing Liddell and Scott", in *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 39, 1994, pp. 1-11.
- CARSON, D. A., *Exegetical Fallacies*, 2nd Edition, Grand Rapids, Baker, 1996.
- CHADWICK, John, *Lexicographica Graeca: Contributions to the Lexicography of Ancient Greek*, Oxford, Clarendon Press, 1996.
- CHANTRAINE, Pierre, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: Histoire des mots*, Paris, Klincksieck, 1999.
- FITZGERALD, J. T., "Text Criticism, Languages, and Linguistics: Lexicography and Biblical Interpretation", in *Methods of Biblical Interpretation*, Nashville, Abingdon Press, 2004, pp. 27-53.
- GANGUTIA, E., "Diccionario Griego-Español: its Present State", in J. N. KAZAZIS (ed.), *The lexicography of Ancient. Medieval and Modern Greek Literature. Present State and Prospects of Current Major Projects. Proceedings of an International Conference (Thessaloniki, 9 November 1997)*, Salónica, 2003, pp. 177-185.
- GUTT, Ernst-August, *Translation and Relevance, Cognition and Context*, 2nd edition, Manchester and Boston, St. Jerome Press, 2000.
- JACKSON, Howard, *Lexicography: An Introduction*, London, Routledge, 2002.
- JOHNSON, William A., "Greek Electronic Resources and the Lexicographical Function", in *Biblical Greek Language and Lexicography: Essays in Honor of Frederick W. Danker*, Grand Rapids/Cambridge, Eerdmans Publishing Company, 2004.
- LEE, John A. L., "The Present State of Lexicography of Ancient Greek", in *Biblical Greek Language and Lexicography: Essays in Honor of Frederick W. Danker*, Grand Rapids/Cambridge, Eerdmans Publishing Company, 2004.
- LEE, John A. L., *A History of New Testament Lexicography*, New York/ Oxford, Peter Lang, 2003.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, Robert & JONES, H. S. , *A Greek-English Lexicon*, Oxford, Clarendon Press, 1968.
- LUST, J.; EYNIKEL, E. and HAUSPIE, K. (LEH), *A Greek-English Lexicon of the Septuagint, revised edition*, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2003.
- MAGNIEN, Victor et LACROIX, Maurice, *Dictionnaire Grec-Français*, Paris, Belin, 1969.
- MALHADAS, Daisi *et al.*, *Dicionário Grego-Português (DGP)*, Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2006 (vol. 1), 2007 (vol. 2).
- MATEOS, Juan y PELÁEZ, Jesús, *Diccionario Griego-Español del Nuevo Testamento: Análisis semântico de los vocablos (DGENT)*, fascículo 1 'Ααρών-αίματεχυσία, Córdoba, Ediciones Almedro, 2000.
- MATEOS, Juan y Jesús PELÁEZ, *Diccionario Griego-Español del Nuevo Testamento: Análisis semântico de los vocablos*, Fascículo 2 αίμορροέω-άνήρ, Córdoba, Ediciones Almedro, 2002.
- MONTANARI, Franco *et al.*, *Vocabolario della lingua greca: Greco-Italiano*, seconda edizione, Turin Loescher, 2004.

- MURAOKA, T., *A Greek-English Lexicon of the Septuagint: Chiefly of the Pentateuch and the Twelve Prophets*, Louvain, Peeters, 2002.
- NÉMETH, T.; ENIKŐ and KIBOK, Károly (eds.), *Pragmatics and the Flexibility of Word Meaning, Current Research in the Semantics/Pragmatics Interface*, Amsterdam/London/Oxford/New York/Paris, Shannon and Tokyo, Elsevier, 2001.
- NIDA, Eugene A. and LOUW, Johannes P., *Lexical Semantics of the Greek New Testament: A Supplement to the Greek-English Lexicon of the New Testament Based on Semantic Domains*, Atlanta, Scholars Press, 1992.
- PELÁEZ, Jesús, "Significado/Traducción y definición de las palabras en el Diccionario Griego-Español del Nuevo Testamento (DGENT)". Artículo publicado en M. ALGANZA ROLDÁN, J.M. CAMACHO ROJO, P.P. FUENTES GONZÁLEZ & M. VILLENA PONSODA (edd.), *EPIEIKEIA. Studia Graeca in memoriam Jesús Lens Tuero* (=Homenaje al Profesor Jesús Lens Tuero), Granada, Athos-Pérgamos, 2000, pp. 387-396.
- PELÁEZ, Jesús, "Βασιλεία en el Nuevo Testamento: Factor Contextual, Definición y Traducción", *Filología Neotestamentaria* 16, 2003, pp. 69-83.
- PELÁEZ, Jesús, *Metodología Del Diccionario Griego-Español Del Nuevo Testamento*, Cordoba, Almendro, 2001.
- POYTHRESS, Vern S. and GRUDEM, Wayne A., "Analyzing the Meanings of Words: The Translation of *Aner* (ἀνήρ)", *The Gender-Neutral Bible Controversy*, appendix 2, Nashville, Broadman and Holman, 2000, pp. 321-333.
- POYTHRESS, Vern S., "Greek Lexicography and Translation: Comparing Bauer's and Louw-Nida's Lexicons", *Journal of the Evangelical Theological Society* 44:2, 2001, pp. 285-296.
- PUSTEJOVSKY, James and BOGURAEV, Branimir (eds.), *Lexical Semantics. The Problem of Polysemy*, Oxford, Clarendon Press, 1996.
- RODRÍGUEZ SOMOLINOS, J. et BERENQUER, J. A., "Le travail de documentation dans le Diccionario Griego-Español", in A. THOMPSON and B. FRASER (eds.), *Ancient Greek Lexicography: an electronic data-bank and the design of New dictionaries*, 2006.
- RODRÍGUEZ SOMOLINOS, J. et BERENQUER, J. A., "Lexicographie grecque et papyrologie. Le Diccionario Griego-Español", in *Akten des 21 Internationalen Papyrologenkongresses – Berlin, 13-19.09.1995*, *Archiv für Papyrusforschung Beiheft* 3, Stuttgart/Leipzig, Teubner, 1997, pp. 858-866.
- SAEED, John I., *Semantics*, segunda edição, Malden, MA/Oxford, Backwell Publishing, 2003.
- SANROMÁN, Álvaro Iriarte, *A Unidade Lexicográfica: Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmáticas*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, 2001.
- STERLENBURG, Piet van (ed.), *A Practical Guide to Lexicography*, Amsterdam, John Benjamins, 2003.
- TAYLOR, Bernard A. et al. (eds.), *Biblical Greek Language and Lexicography: Essays in Honor of Frederick W. Danker*, Grand Rapids, Eerdmans, 2004.
- WILSON, Mark, "Greek Vocabulary Acquisition using Semantic Domains", *Journal of the Evangelical Theological Society* 46:2, 2003, pp. 193-204.

Il GI – Vocabolario della lingua greca: Greco-Italiano

FRANCO MONTANARI
Univ. Genova

La mia esperienza con la lessicografia greca è nata per caso, come accade spesso per le svolte decisive nella vita professionale, anche agli studiosi. Se ripenso oggi al 1989, devo dire che l'unico aspetto che si può forse in qualche modo vedere come un precedente rispetto al *Vocabolario* sono gli interessi che coltivavo allora da tempo per la lessicografia antica nell'ambito della storia della filologia, della grammatica e dell'erudizione nel mondo greco, che è stato sempre uno dei miei principali campi di studio e di ricerca. Ma certo sono cose molto diverse e nel 1989 ero davvero lontanissimo dal pensare al progetto di un vocabolario del Greco Antico, benché lamentassi spesso, come tutti, il forte invecchiamento di vocabolari che maneggiavo ogni giorno.

L'iniziativa fu dell'editore. Nella tarda primavera del 1989, dopo un contatto preliminare con un collega di comune conoscenza, mi venne a trovare l'amministratore delegato della Loescher di Torino, uno dei maggiori editori italiani nell'ambito scolastico e particolarmente impegnato nel settore delle lingue antiche, che mi espone l'idea di pubblicare un nuovo vocabolario del Greco Antico e mi chiese se avrei accettato di occuparmene. In primo luogo, facemmo un esame delle condizioni del mercato italiano, allora dominato totalmente dal *Vocabolario Greco-Italiano* di Lorenzo Rocci (1864-1950), un padre gesuita che aveva insegnato nel Collegio Mondragone presso Roma e che aveva pubblicato la sua opera per la prima volta nel 1939, in seconda edizione nel 1941 e in terza edizione nel 1943, dopo di che il suo vocabolario era stato continuamente ristampato senza cambiamenti.

Era da tempo tramontato nell'uso il *Vocabolario Greco-Italiano* di Wilhelm Gemoll, la cui versione italiana dell'originale tedesco, riveduta e pubblicata per le cure di Domenico Bassi ed Emidio Martini ancora nel 1925, è stata a lungo in uso nelle scuole ed è stata infine ristampata a mia conoscenza nel 1983. Peraltro, non aveva ottenuto una grande diffusione l'adattamento italiano, pubblicato a Firenze nel 1975 per le cure di Q. Cataudella, M. Manfredi, F. Di Benedetto, della versione minore del celebre Liddell-Scott, vale a dire di *An Intermediate Greek-English Lexicon, Founded upon the 7th ed. of Liddell and Scott's Greek-English Lexicon*, pubblicato nel 1889, che i curatori dichiarano di avere "integrato e ampliato con elementi attinti" dall'edizione maggiore del LSJ, vale a dire la nona del 1940 con i due successivi supplementi. Ancor

più limitata era la diffusione del piccolo *Vocabolario Greco-Italiano* di G. La Magna e A. Annaratone, ristampato ultimamente a Milano nel 1994. Il predominio del Rocci, risalente al 1943, restava assoluto e appena scalfito da qualche timida concorrenza.

La situazione del mercato invitava dunque a porre mano a un prodotto nuovo. Da una parte il mercato era al momento monopolizzato da un prodotto con tutti i problemi posti da una considerevole vecchiaia. Dall'altra il pubblico potenziale non è così piccolo quanto si potrebbe pensare, dato che il panorama italiano presenta un sistema di scuola media superiore nella quale il Liceo Classico, con il Greco Antico obbligatorio, rimane presente con qualcosa come circa 50.000 nuovi studenti l'anno.

Se l'editore appariva ben convinto dell'opportunità di lanciarsi nel progetto con salde motivazioni economiche e dunque disposto a un investimento importante, dal mio punto di vista si aggiungevano le considerazioni proprie di un Professore universitario, che è insieme e inscindibilmente un insegnante e uno studioso.

Nel sistema educativo italiano, a differenza che in altri paesi, è assai poco praticata l'idea di usare un vocabolario fortemente ridotto per la scuola e uno più grande per l'Università: il Rocci serviva di fatto per tutto il percorso di studi, solo gli studenti che all'Università facevano una tesi in una disciplina legata al Greco Antico, alla Filologia Classica o alla Storia Antica cominciavano a un certo punto a usare il dizionario scientifico di riferimento, il famoso Liddell-Scott-Jones (LSJ), e solo quelli che intendevano proseguire la ricerca se ne procuravano prima o poi una copia personale. Per tutti, il vocabolario che aveva accompagnato gli anni del Liceo restava lo strumento d'uso quotidiano e comune, che rispondeva alle esigenze immediate anche durante gli anni universitari. Io stesso ho fatto così con il Rocci, e solo appena dopo la laurea, ormai deciso a proseguire gli studi in questo campo, mi sono comprato la mia copia personale del LSJ e poi i due successivi supplementi.

Questa constatazione spiega il fatto che, pur essendo il Rocci un vocabolario ben più grosso di quelli scolastici in uso in altri paesi, non è mai esistita una versione *minor* e una versione *maior*. Nel panorama italiano, secondo quanto appena detto, una simile differenziazione editoriale non avrebbe avuto senso, e non l'ha avuto nemmeno per il GI (che pure è di circa un terzo più grande del Rocci), che ha adesso undici anni di vita e viene usato normalmente nel Liceo e poi nell'Università da chi si iscrive all'indirizzo classico della Facoltà di Lettere. Probabilmente per questo restano del tutto ai margini e pochissimo diffusi vocabolari del Greco Antico notevolmente ridotti rispetto a questi due (come la già citata versione italiana del piccolo Liddell-Scott e qualche altro).

La sfida era dunque di impegnarsi per offrire a coloro che studiavano il Greco Antico al Liceo e all'Università uno strumento rinnovato e aggiornato, di cui si sentiva un bisogno ampiamente e frequentemente espresso. Tre aspetti erano da tenere presenti.

Un primo aspetto era quello generalmente grafico, assai importante per gli strumenti che servono all'apprendimento da parte dei giovani e sottoposto a rapidi cambiamenti nei gusti e nelle abitudini, con inevitabile incidenza

sull'utilizzabilità. Sapevo bene che su questo piano il mio ruolo sarebbe stato abbastanza piccolo, ma insomma faceva parte del lavoro: e consapevolezza, esperienza e capacità dell'editore mi davano molta fiducia.

Due altri ordini di considerazioni sono stati stimolanti in modo decisivo dal mio punto di vista. Avevo sentito più volte dire (da genitori, insegnanti, studenti) che i ragazzi delle scuole, oltre alle difficoltà visive per la grafica obsoleta (con il lamento di "consumarsi gli occhi"), affermavano di avere seri problemi a capire la lingua italiana in cui sono scritti traduzioni e commenti nel vecchio Rocci di mezzo secolo prima. Si può ben capire l'ostacolo che si crea a questo livello. La lingua d'uso cambia molto rapidamente, soprattutto per i giovani: e nell'ultimo secolo ciò è accaduto con un'accelerazione inusitata. Bisognava preparare uno strumento che ai giovani e agli utenti in generale parlasse una lingua agevolmente comprensibile, non troppo lontana da quella comune. Alla difficoltà di fondo di studiare e imparare il Greco Antico nel mondo attuale, ci manca solo di aggiungere la difficoltà supplementare di doverlo studiare servendosi come intermediario di un italiano a sua volta difficile e desueto. Dunque: rinnovare al meglio la lingua di traduzione e di glossa e fare molta attenzione a come il vocabolario "parla" a coloro che devono utilizzarlo.

Il *coté* dello studioso grecista di professione era poi profondamente coinvolto dal problema di rinnovare a fondo e aggiornare l'informazione linguistica e scientifica relativa proprio alla lingua da tradurre e da spiegare. Nella prefazione alla sua terza edizione, del 1943, Rocci dichiarava di avere potuto produrre così presto (solo due anni dopo la precedente del 1941) una nuova edizione tanto rinnovata grazie al fatto che aveva potuto mettere a profitto il materiale della recentemente apparsa nuova edizione del Liddell-Scott: si riferiva alla nona edizione, pubblicata nel 1940. Rocci è molto dipendente da questa e quindi da un impianto che già allora non era nuovo. Nel mezzo secolo intercorso, molti progressi sono stati fatti e tenerne conto al meglio possibile è ciò che un Grecista deve fare: nuove edizioni, nuovi studi, nuove interpretazioni, nuovi testi, nuove attestazioni, nuove parole. C'era da fare, e il lavoro doveva essere interessante.

Un ultimo dato di base: Loescher aveva avuto la proposta di acquistare un certo materiale per un vocabolario di Greco prodotto da uno studioso piemontese, Nino Marinone (1918-1999), in vista di un progetto di qualche decennio prima, che poi si era interrotto ed era stato abbandonato. Il materiale comprendeva una stesura provvisoria delle lettere da *alpha* a *iota*, appunti sparsi per qualche altra lettera e alcuni elenchi di parole. Si decise di acquisire questo materiale e di utilizzarlo come aiuto all'avvio della nuova opera, in primo luogo facendolo digitare per averlo in formato elettronico. In realtà, con il progredire del lavoro e il suo approfondirsi ci si accorse che l'utilità era minore del previsto: il materiale era troppo dipendente da altri vocabolari e per di più già abbastanza invecchiato o comunque non sufficientemente aggiornato; inoltre, come si poteva prevedere, esso diventava sempre meno incorporabile via che la struttura e i contenuti del nuovo vocabolario prendevano consistenza e si precisavano come assai diversi dai precedenti.

In omaggio alla prima decisione e a un vincolo contrattuale iniziale, il GI reca in frontespizio "fondato su un progetto di Nino Marinone", una dicitura di cui molti mi chiedono il senso.

Firmammo il contratto alla fine di giugno del 1989: condividevo con l'editore il desiderio di arrivare a un risultato in tempi non troppo lunghi e mi misi subito al lavoro.

Era chiaro che in primo luogo bisognava formare un'équipe di collaboratori validi per conoscenze del Greco e della civiltà antica ma anche affidabili per capacità di lavoro e rispetto dei tempi: in tutto le persone coinvolte a vario titolo e in vari modi furono una trentina circa, e inevitabilmente durante gli anni di lavoro ci furono abbandoni, ripensamenti, sostituzioni. Il funzionamento di una équipe piuttosto ampia, e per un'opera di realizzazione così complessa, era strettamente legato a una organizzazione del lavoro molto chiara e ben definita e anche al rispetto di tempi e funzioni da parte dei componenti. Naturalmente ci furono problemi e difficoltà, ma alla fine il tutto funzionò in modo soddisfacente.

Una base importante della struttura di lavoro era sfruttare al meglio gli strumenti informatici, che fra la fine degli anni Ottanta e l'inizio degli anni Novanta non erano così raffinati come ora, in prima istanza per quanto riguarda l'uso di fonts per il Greco e poi per tutti gli altri aspetti. Un esempio che faccio spesso riguarda l'uso del TLG elettronico con un personal computer grazie al CD disponibile: a quei tempi, se avevo bisogno di fare una ricerca su tutto il materiale presente nel CD, lanciavo la ricerca prima di andare a letto la sera e la trovavo fatta la mattina (il computer poteva rimanere acceso e in funzione anche per molti giorni di seguito); quando abbiamo lavorato alla seconda edizione la stessa ricerca si faceva (e si fa) in pochi minuti o secondi, un decennio dopo.

In partenza provvedemmo alle scelte di base e a fare in modo che tutti usassero lo stesso hardware e lo stesso software, gli stessi fonts e le stesse formattazioni dei files: in questo modo, lo scambio di files poteva avvenire (quasi) senza problemi.

L'aspetto che penso abbia avuto un maggiore carattere innovativo e una maggiore efficacia per il risultato è stato quello di organizzare il lavoro dei collaboratori per "generi" e non per tagli orizzontali del vocabolario. Voglio dire che il lavoro non è stato diviso assegnando a ciascuno una lettera o un gruppo di lettere, bensì un'area linguistico-letteraria. Un ragionamento mi apparve subito chiaro. Uno studioso che deve occuparsi per esempio della *alpha* si troverà inevitabilmente ad avere a che fare con materiali linguistici di ogni epoca e genere letterario, provenienti dalle più disparate fonti e appartenenti ai più vari domini lessicali, anche tecnico-settoriali: per una parte avrà competenza diretta, per altre sarà costretto a lavorare di seconda mano e in modo assai più dipendente, e dunque più superficiale. Il lavoro invece si è svolto in modo che i collaboratori si occupavano degli aspetti in cui erano competenti: l'epica, la lirica, la tragedia, la storiografia, l'oratoria, la letteratura ebraico-cristiana e così via. Impossibile evidentemente coprire tutto con una totale precisione ed esaustività, inevitabili i compromessi e

i residui: ma il principio è stato applicato e ha dato buoni frutti, perché i collaboratori per lo più e in linea di principio hanno lavorato su quello che conoscevano per loro formazione di studi, portando così un più alto tasso di innovazione e di competenza specifica (mentre spesso i dizionari mostrano un'alta o altissima percentuale di derivazione dai predecessori).

Il processo di costruzione dei lemmi era dunque complicato: una prima redazione di base, del tutto provvisoria e schematica, veniva trattata per i vari settori linguistico-letterari da ognuno dei collaboratori, che toglieva, aggiungeva, sostituiva, proponeva materiali alternativi, spesso più ricchi del necessario, che venivano inclusi e in parte potevano essere scartati. Seguivano poi revisioni diverse, almeno un paio, e una revisione generale finale: il frontespizio rende merito a Daniela Manetti e Ivan Garofalo per il ruolo essenziale avuto nel dare la veste finale al GI; Daniela Manetti ha poi svolto una funzione di grande peso anche nella realizzazione della seconda edizione.

Uno sforzo di base nella realizzazione del GI è stato quello di coniugare l'aspetto didattico e l'aspetto scientifico, in base alla considerazione che abbiamo già fatto sugli utenti, che vanno dalla scuola superiore (Liceo Classico) all'Università. Molti degli aspetti didattici emergeranno nella descrizione più dettagliata della forma del GI, non soltanto per quanto riguarda la grafica, che pure riveste un ruolo di grande importanza (il primo impatto è quello visivo): diversi sono gli elementi che puntano a un aspetto user-friendly rivolto all'utente. Dal punto di vista scientifico, basta osservare che il numero di autori e opere utilizzati è molto alto: l'elenco occupa oltre quaranta fitte pagine e indica anche le edizioni critiche (con attenzione per l'uso e il controllo delle più aggiornate e più autorevoli). L'arco cronologico arriva sistematicamente fino al VI-VII sec. d.C., con sporadico (ma non rarissimo) uso di autori più tardi (bizantini): il materiale linguistico dell'età imperiale e tardo-antica dei secc. III-VI ha uno spazio molto ampio e assai abbondante è la presenza del greco degli autori cristiani. Sono state largamente utilizzate le fonti erudite (scoliografia, grammatici e lessicografi antichi, etimologici bizantini), i papiri e le iscrizioni.

La prima edizione vide la luce nel settembre 1995, sei anni dopo la firma del contratto: si osserva solitamente, e credo sia del tutto vero, che si tratta di un tempo davvero non lungo. La seconda edizione è apparsa nel 2004, nove anni dopo la prima, con diverse innovazioni e l'aggiunta di un CD che permette varie ricerche: salvo errori, credo che il GI sia il primo vocabolario del Greco Antico reso disponibile anche in questo formato, che molti utenti trovano assai comodo per la consultazione, per es. in biblioteca con un portatile.

Prenderemo questa seconda edizione come base per la descrizione che segue, riproducendo i due fogli di guardia iniziali del vocabolario stampato, che furono espressamente pensati (già nella prima edizione) come semplice e immediato aiuto visuale alla consultazione.

Le voci del vocabolario sono organizzate in modo da fornire le informazioni in modo chiaro e correttamente articolato. Al lemma in neretto segue in primo luogo fra parentesi quadre il campo dell'etimologia, con i dati di carattere comparativo oppure per i derivati e i composti l'indicazione della

Guida visuale alla consultazione

Lemma **Α, α, τό** (ἄλφα) indecl. **alfa**, prima lettera dell'alfabeto greco: ἐνὶ ἔμῃ τὸ ἄλφα καὶ τὸ ὦ, ὁ πρῶτος καὶ ὁ ἔσχατος, ἡ ἀρχὴ καὶ τὸ τέλος ἴσθι sono l'alfa e l'omega, il primo e l'ultimo, il principio e la fine NT. *Apoc.* 22,13 || *num.* α = 1; α = 1000.

Etichetta grammaticale (indecl. = indeclinabile)

Traduzione dell'esempio (tendo)

Spiegazioni e commenti (corsivo)

Fonte (Nuovo Testamento, Apocalisse, 22, 13)

Etimologia (ie = indoeuropeo; l'asterisco segnala la forma ricostruita: lat = latino, ai = antico indiano; v = vedi)

Lemmi aiuto

Forma avverbiale di ἄγαθοδότης lennataizzata

Variante del lemma

I numeri su fondino nero distinguono significati e usi della parola. Ulteriori distinzioni di significato e di uso sono introdotte da lettere riquadrate

Segno che introduce l'avverbio

Segno che introduce forme grammaticali, dialettali e varianti grafiche

Lemmi omografi numerati

Traducete (neretto)

Commento (corsivo)

Esempio

Fonte

Etimologia

Lemmi aiuto

Variante del lemma

Fonte

Segno che introduce indicazioni di reggenza e costrutti sintattici

> indica la trasformazione (in questo caso τὸ ἄγαθόν diventa τὸ γαθόν per crasi)

1. ἀκτῆ -ης, ἡ **grano, come farina o cibo** *Il.* 11,631 ecc.; Δημητρεὺς ἄ, frutto di Demetra *Il.* 1,1

2. ἀκτῆ -ης, ἡ (ἄκ-) **riva (del mare), costa alta, punta di terra, promontorio** *Il.*

GI

Nel paradigma le barre verticali doppie separano i tempi: quelle singole separano i modi all'interno dei tempi

Suddivisioni della voce i numeri su fondino nero seguiti da attivo, medio, passivo (a, m, p.), in corsivo, indicano rispettivamente le tre diatesi del verbo

Suddivisioni della voce le lettere in neretto riquadrate introducono differenti usi e significati del verbo. Ulteriori suddivisioni delle voci sono introdotte da barre verticali doppie (||) e singole (|)

ἀίρω *impf.* ἤρουν, *m. p.* ἤρουν || *fl.* ἄρω, *m.* ἀρωμα **||** *acc.* ἤρω, *m.* ἤρωμα || *inf.* ἄρω, *m.* ἀρωμα **||** *pt.* ἄρω, *m.* ἀρωμα || *ppf.* ἤρωκα (*genet. in compos.*), *m.* ἤρωκα (*sign. m.*) || *ppf.* 3. *pl.* (ἀρ)ἤρωσαν, *m. p.* 3. *sg.* ἤρω || *acc. p.* ἤρωην || *fl. p.* ἀρωμα

|| attivo **[a]** alzare, sollevare, con acc. | *a. intrans.* **innalzarsi** **[b]** prendere, per portare o trasportare **||** prendere, raccogliere, di grano | di acqua **attingere** **[c]** prendere su di sé, assumersi **||** allevare, educare | di vesti **indossare** **||** allevare, educare **[d]** mil. levare il campo, andarsene | di navi **levare l'ancora, salpare**, *ais.* **||** far leve, arruolare **[e]** togliere, levare, eliminare | eliminare, distruggere, uccidere | annullare, sospendere **||** filos. contestare, negare **[f]** fig. innalzare, esaltare, eccitare | ingrandire, esagerare **||** esaltare, lodare **[g]** medio **[a]** innalzare, sollevare | innalzare, esaltare **[b]** prendere per sé, scegliere, con acc. **||** ottenere, vincere **[c]** prendere su di sé, assumersi **[d]** togliere, eliminare **||** distruggere, uccidere **[e]** fig. suscitare, intraprendere **[g]** passivo **[a]** essere sollevato, innalzarsi **|| *acc. p.* essere alto, innalzarsi; *ppf.* essere sospeso, pendere **||** med. gonfiarsi **[b]** mil. salpare **||** partire **[c]** essere tolto, levato, eliminato **[d]** essere esaltato, essere ingrandito, aumentare **[e]** essere suscitato, intrapreso**

|| attivo **[a]** alzare, sollevare **▶** con acc. *vezon* **ἀειράντες** sollevando il cadavere *Il.* 17,718, *al.* *Od.* 1,141, *al.* ecc.; *ἀρῶσθ' ἄνωγες* **▶** τὸ νῶν ζάρα; non risollevi il tuo capo?

vesti **indossare** *VT. Reg.* 1,228, *al.* **||** allevare, educare *Il. Hom.* 9,13 **[d]** mil. **levare il campo, andarsene**, con le truppe **▶** *ais.* *Thuc.* 2,23,1: *ἀραιεὺς τὸ ἀραιεῖν* avendo levato il cam-

πέρα *Il.* 9,225 **[g]** medio **[a]** **innalzare, sollevare**: *ἀνείροντα τὰ ἱστία* issare le vele *Il.* 8,56, *al.*; *αἰετῶντος τὸν ἰστίον* facendo diriz-

rive *Il.* 4,150,3 **[g]** passivo **[a]** **essere sollevato, innalzarsi** *Il.* 8,74 *Od.* 12,432 *Thuc.* 2,94,1 ecc.; *εἰς αἰθέρα* **▶** ἀνῆν ἔ'innalzò nell'etere

|| *pt. ep. ion. poet.* ἀείρω (*ἀ-ρω-), *lesh.* ἀείρω, *m. ep. poet.* ἀείρωμα | *imper. lesh.* ἀείρωτε *Sapph.* 111,3 (v.l. -ατε *ais.*) || *impf. ep.* ἀείρων *ep. ion.* -ήρω || *acc. ep.* ἀείρω, *ep. ion.* -ήρω, *m. 3. sg. dor.* ἀείρω | *cong. a. 3. sg. poet.* ἀείρω || *att. 2. sg. accuz.* | *imper. m. 2. sg. ep. ion.* ἀείρω || *inf. m. ep. ion.* ἀείρωσθαι | *pt. ep. ion.* ἀείρω, *m. ἀείρωμενος* || *ppf. m. ep. postee.* ἤρωκα (*p.*) || *ppf. ep. m. p. 3. sg.* ἤρωτο (< ἤρωτο) || *acc. p. ep.* ἀείρωην *ep. ion.* ἤρωθην, *3. pl. ep.* ἀείρωθεν || *sempre* ἀρ-; *per* ἀρ-; ἀρωμα.

Paradigma verbale: riportato accanto al lemma, contiene le forme effettivamente attestate. Talvolta, in caso di unica attestazione, è riportata anche la fonte relativa alla forma, e, quando opportuno, viene segnalato il contesto storico o dialettale

Specchio riassuntivo Lemmi particolarmente complessi (come le preposizioni, alcuni verbi, pronomi e congiunzioni) sono introdotti da uno specchio riassuntivo, che aiuta a orientarsi nell'articolazione della voce

▶ Segno che introduce indicazioni di reggenza e costrutti sintattici

Alla fine della voce, il segno ▶ introduce le varianti dialettali, poetiche o storiche e altre forme notevoli

parola da cui derivano o i componenti da cui sono formati. Tutti i verbi non composti e i principali verbi composti hanno un paradigma costruito sulla base delle forme realmente attestate (e con il rimando al passo o al contesto letterario o dialettale per le forme di attestazione unica o limitata). I lemmi omografi sono stati numerati, per facilitare la distinzione e i rimandi interni. Numerosi sono i cosiddetti lemmi-aiuto, che registrano forme flesse oppure forme particolari con il rinvio al lemma di riferimento.

Per i lemmi più ampi e complessi è premesso un sommarietto, evidenziato dallo sfondo grigio, che riassume la struttura della voce e aiuta così a orientarsi al suo interno. L'obiettivo di un'articolazione scientificamente corretta e nello stesso tempo ben fruibile per l'utente è stato inoltre perseguito attraverso suddivisioni ben gerarchizzate sul piano grafico. La struttura della voce è scandita segnalandone le parti con l'impiego di numeri su fondino nero e di lettere dell'alfabeto entro un riquadro. Costruzioni e reggenze sono adeguatamente evidenziate con un piccolo triangolo; alla fine degli aggettivi, un rombo introduce gli avverbi modali in -ως; alla fine delle singole voci, un pallino divide una parte dedicata a forme dialettali, poetiche, posteriori oppure per varie ragioni significative o anomale.

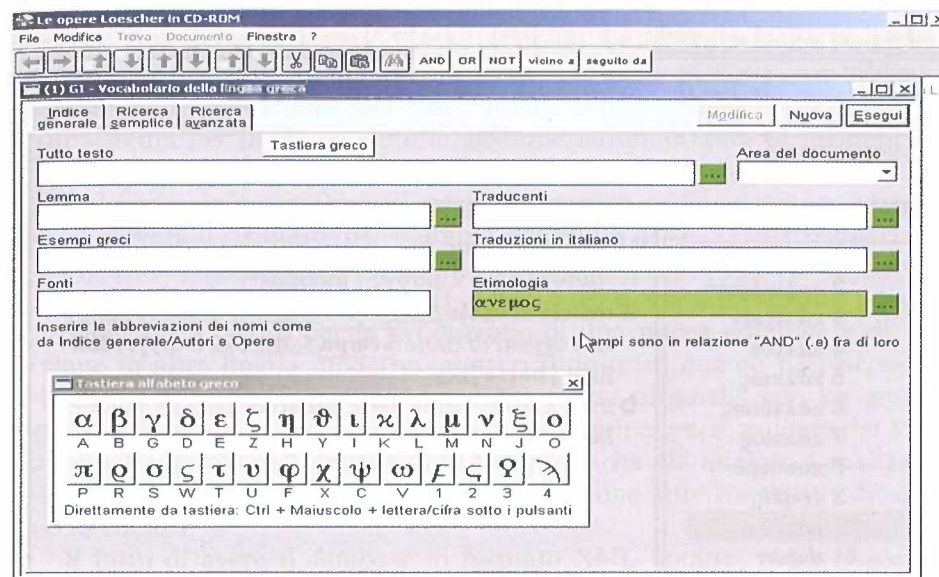
I traducanti sono in neretto, seguiti, quando necessario, dalle opportune spiegazioni o precisazioni in corsivo. Il significato o i significati sono sistematicamente riferiti ai passi nei quali ricorrono, indicati con precisione in riferimento alle più recenti e accreditate edizioni critiche: gli esempi sono sempre tradotti e seguiti dalla citazione completa della fonte. Il materiale offerto da papiri e iscrizioni è stato preso in considerazione con abbondanza. All'inizio del dizionario, le abbreviazioni sono sciolte in un ricco elenco di autori e opere, che informa anche sulle edizioni consultate ed è quindi un utile repertorio utilizzabile per se stesso.

Una corposa "Guida" illustra in dettaglio la struttura del Dizionario cartaceo e su CD, suggerendo allo studente strategie per utilizzarli proficuamente, e fornisce al principiante un "Lessico di base" (compilato secondo criteri autonomi ma ben coordinati con la struttura del Dizionario), che intende essere uno strumento propedeutico alla consultazione e un ausilio per le prime fasi di apprendimento del Greco Antico.

Il volume cartaceo è affiancato (opzionalmente) da una versione su CD, utilizzabile al momento con il sistema operativo Windows. Lo strumento informatico offre – accanto alla consultazione di tipo tradizionale del contenuto del dizionario – possibilità di trattamenti diversi del *database*, di indagini mirate di vario genere, di sguardi più personali.

Il programma è dotato di un completo help in linea, che guida attraverso le numerose opzioni offerte. All'apertura, oltre ai repertori di abbreviazioni, autori e opere, collezioni papirologiche ed epigrafiche ecc. (il punto pertinente di essi è costantemente richiamabile durante la consultazione delle voci), sono disponibili un'interfaccia di "Ricerca semplice", che permette di raggiungere rapidamente un lemma e una di "Ricerca avanzata". Quest'ultima consente di fare ricerche più complesse, per lemma, esempi greci, passi citati, traducanti, traduzioni degli esempi ed etimologia.

Un apposito tastierino richiamabile facilita l'inserimento del testo greco (che naturalmente può avvenire anche da tastiera). In alternativa, fatta eccezione per il campo "Fonti", è possibile selezionare il termine da cercare scorrendo una lista alfabetica dei termini che ricorrono nel campo prescelto, lista che si apre utilizzando il quadrato con tre puntini a destra del campo.

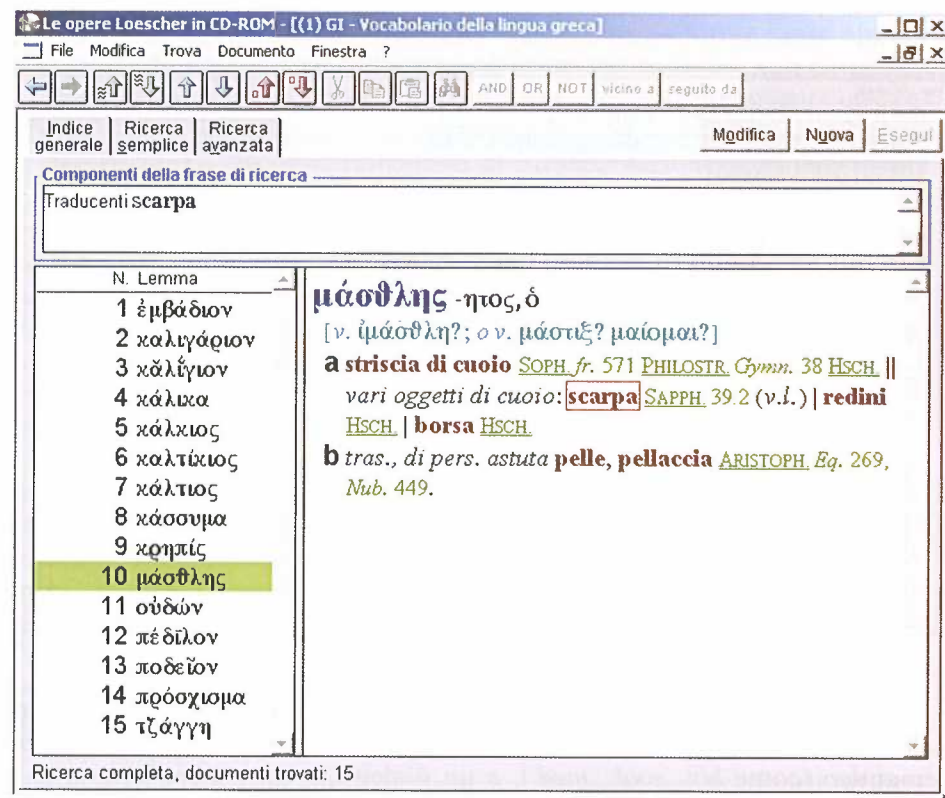


Ogni utente può dunque ritagliarsi un lessico specializzato o personalizzato, ricercando le parole che appartengano a un medesimo campo semantico (come *bot. zool., med.*), a un dialetto, a un genere letterario, a una categoria grammaticale (come *prep., congiunz., avv.*), oppure parole che condividano in tutto o in parte l'etimologia (nel senso definito sopra: si trovano così ad es. tutti i composti di ἀνήρ o di βάλλω e si possono costruire famiglie di parole a scopo didattico), l'origine (ad es. tutte le parole di origine semitica), oppure il traducante, oppure anche fare ricerche che rispondano contemporaneamente a più fra questi criteri.

Ciascuna di queste ricerche può essere fatta sull'intero dizionario o su un particolare autore o su un'opera specifica di un autore (con il limite che si troverà ovviamente solo ciò che in proposito è registrato nel dizionario e non, dato che non si tratta di un thesaurus, cioè di una banca-dati mirante all'eshaustività come il TLG, tutte le eventuali occorrenze di ciò che si cercava). Naturalmente è possibile controllare se è citato uno specifico passo oppure avere un elenco dei termini per i quali il dizionario registra occorrenze di uno specifico autore (ad esempio, tutti i lemmi nei quali sia presente una citazione da Senofonte o dai Vangeli).

Le ricerche sono ulteriormente raffinate con l'uso degli operatori logici (and/or/not) e di prossimità (vicino/non vicino a, seguito da, con la possibilità di specificare la distanza).

I lemmi che soddisfano i criteri di ricerca compaiono in ordine alfabetico sulla sinistra e le rispettive voci possono essere visualizzate nella finestra sulla destra, selezionando il lemma che interessa. Qui abbiamo l'esempio di una ricerca dei lemmi in cui compare il traduce "scarpa".



Oltre che un volume stampato e un CD consultabili per gli usi abituali di un simile strumento, un vocabolario è anche, anzi nelle attuali modalità di lavoro è in primo luogo una banca-dati, da cui *in primis* vengono tratti i prodotti suddetti: una banca-dati in formato elettronico, tale da consentire agevolmente da una parte ampliamenti, progressi e aggiornamenti da ogni punto di vista, dall'altra vari trattamenti per ottenere diversi risultati che siano individuati come utili. Le prospettive di sviluppo vanno in diverse direzioni, che possiamo sintetizzare come segue.

1) Miglioramento e affinamento della struttura elettronica del *database*.

Il GI è stato inizialmente realizzato, per la stampa della prima edizione nel 1995, in un formato elettronico assai semplice ed elementare (che oggi si potrebbe definire addirittura rudimentale). In sostanza, l'équipe di lavoro ha prodotto e consegnato all'editore una serie di files di testo, scritti con il programma Word: files che una ditta specializzata ha utilizzato per produrre una versione elettronica, in un suo formato proprietario del tutto idiosincra-

tico, utilizzata per la stampa del volume cartaceo e in seguito, in occasione della seconda edizione, anche per la produzione del CD attuale.

Partendo dunque da un testo elettronico privo di una vera e propria strutturazione e marcatura, il lavoro fondamentale e primario è stato quello di convertire questi dati in un *database* in formato XML, dotato di una marcatura completa dei campi (grazie a un *parsing* che continua ad essere migliorato e raffinato) e di una struttura informatica processabile automaticamente. Questo permette ora diversi procedimenti di trattazione "assistita" e un software apposito (chiamato "Electra") è stato prodotto per l'Editore Loescher dalla ditta Hoplo (nel quadro della progettazione e dello sviluppo di un sistema per la creazione e la gestione automatizzata di dizionari in formato cartaceo ed elettronico).

È dunque molto cambiato il modo di lavorare sul GI per future edizioni e se ne gioverà il risultato, per esempio dal punto di vista della regolarizzazione di aspetti come le abbreviazioni e le citazioni, l'eliminazione di errori e incoerenze, l'adeguamento di criteri generali del dizionario. Electra agevola enormemente il lavoro per la produzione di una nuova edizione e di una versione in altra lingua moderna, conservando tutto quanto non necessita di traduzione e ogni formattazione del *database* originale, con un grande risparmio di tempo, di energie e di costi: una équipe greca, guidata dal Prof. Antonios Rengakos dell'Università di Salonicco, ha già iniziato a realizzare una versione del GI per il Greco Moderno e alcune altre trattative editoriali sono in corso.

Il fatto di avere il *database* in formato XML, inoltre, rende possibile processare il materiale in svariati modi, qualora si individuino esigenze che richiedano uno specifico progetto. Per situazioni e ambienti scolastici diversi si possono realizzare versioni differenziate, per esempio basate su un set di autori predefinito: in mercati diversi da quello italiano (almeno ancora allo stato attuale, vedi sopra) può avere senso produrre un versione *minor*. Per contro, una versione *maior*, più specificamente orientata per il pubblico accademico e la ricerca, è un obiettivo progettabile e realizzabile, tenendo conto anche di quanto si dice sotto ai punti 2 e 3.

2) Incremento del materiale in diverse direzioni.

Il materiale contenuto nel *database* del vocabolario attualmente stampato come seconda edizione con CD può essere incrementato in diverse direzioni, con lo scopo sia di migliorare il contenuto della terza edizione (che si può prevedere per il 2010 o 2011: per ora solo una previsione), sia di muoversi nella direzione di una edizione *maior*. Poiché nessun dizionario generale può in alcun modo pretendere di avere un lemmario esaustivo, il primo aspetto incrementabile è quello del numero di lemmi, aggiungendo parole che erano state trascurate e anche parole prima sconosciute e trovate in testi di nuova pubblicazione.

In secondo luogo, gli studi e la ricerca portano progressi che possono tradursi in miglioramenti a vario livello delle voci esistenti, dal punto di vista sia grammaticale che semantico e fraseologico: migliorare e aumentare l'esemplificazione, precisare ed eventualmente correggere le traduzioni,

arricchire annotazioni e commenti, incrementare ulteriormente la segnalazione di forme particolari.

Un'azione assai promettente appare lo studio di linguaggi settoriali e linguaggi tecnici di varie sfere della conoscenza e delle attività umane: opportunamente ripartito e affidato a specialisti, questo lavoro ha senza dubbio enormi potenzialità di incremento e miglioramento del materiale del dizionario. Lo stesso vale per un ampliamento dell'arco cronologico tenuto presente, il che significa essenzialmente un uso e uno spoglio più ampio di autori posteriori al VI-VII secolo, che nel dizionario attuale sono utilizzati in modo occasionale, peraltro da aggiungere a uno ben più sistematico per gli autori di età tardoantica, già ben presenti nel GI.

Tutto questo, infine, comporta inevitabilmente aggiunte all'elenco-repertorio di autori e opere, nelle varie direzioni che sono state evocate: un ulteriore arricchimento di uno strumento dotato – come dicevamo – di una sua autonoma validità.

Un avvio di questo lavoro e di questo insieme di interventi è compreso nel progetto descritto al successivo punto 3.

3) Progetto PAWAG – *Poorly Attested Words in Ancient Greek*

Il portale "Aristarchus" (www.aristarchus.unige.it) riunisce diversi strumenti di lavoro per la ricerca e la didattica sul mondo antico: il Lessico dei Grammatici Greci Antichi (LGGA); il Centro Italiano dell'Année Philologique (CIAPh); il Catalogus Philologorum Classicorum; l'edizione *on-line* degli *Scholia Minora* ad Omero; il sito *Mediaclassica*, dedicato alla didattica

ARISTARCHUS
Università degli Studi di Genova
Un progetto di Franco Montanari

Menu principale

- LGGA [A]
- PAWAG [B]
- CIAPh [C]
- Scholia [D]
- Mediaclassica [F]
- Scomici [S]
- Sito accessibile [F]
- English version [Z]

Sponsor

- Loescher Editore
- Stevanos S. Nearchos Foundation
- HELLAS
- Comarom di San Paolo
- Fondazione C.A.R.I.C.E.

GetFirefox

ARISTARCHUS

Aristarchus (dal nome dell'eroe Aristarco di Samotracia, da non confondersi con l'astronomo Aristarco di Samo) è un contenitore che raggruppa strumenti di lavoro nell'ambito degli studi sul mondo antico greco e latino.

- Il **Lessico dei Grammatici Greci Antichi (LGGA)** costituisce uno strumento di consultazione per la storia della filologia, della grammatica e dell'erudizione antiche ed è realizzato presso il Dipartimento di Archeologia e Filologia Classica (D.A.R.F.I.C.L.E.T.) dell'Università di Genova. Contiene schede relative a personaggi in vario modo rilevanti per la ricerca erudita e filologico-grammaticale nel mondo antico, alcune delle quali scaricabili in formato pdf, altre richiedibili per e-mail in forma provvisoria.
- L'archivio **Poorly Attested Words in Ancient Greek (PAWAG)** è un supplemento in progress dei dizionari di Greco antico, costantemente sviluppato da un gruppo internazionale di studiosi, allo scopo di realizzare un database di parole attestate raramente, inadeguatamente, o in ogni caso problematiche dal punto di vista sia formale che semantico. Vengono registrate anche correzioni e progressi rilevanti in relazione al contenuto dei dizionari LSJ e Gl. È prodotto in collaborazione dal Dipartimento di Archeologia e Filologia Classica (D.A.R.F.I.C.L.E.T.) dell'Università di Genova e da Loescher Editore.
- Il **Catalogus Philologorum Classicorum (CPhC)** è un lessico enciclopedico biografico degli studiosi del mondo classico attivi nel periodo 1880 - 1980, realizzato dal Dipartimento di Filologia Classica dell'Università di Pisa e dal Dipartimento di Archeologia e Filologia Classica (D.A.R.F.I.C.L.E.T.) dell'Università di Genova.
- Il **Centro Italiano dell'Année Philologique (CIAPh)** di Genova è la sede in Italia dell'Année Philologique, la bibliografia sistematica di riferimento per tutti gli studiosi dell'antichità greca e latina. Fondata a Parigi nel 1920, l'Année Philologique si basa su una rete internazionale, che collega alla direzione di Parigi i centri di Genova per l'Italia, di Cincinnati per gli USA e la Gran Bretagna, di Heidelberg per la Germania e l'Austria, di Granada per la Spagna, allo scopo di produrre un volume annuale e un data base disponibile on line.
- Il sito **Scholia Minora in Homerum** presenta la rassegna, descrizione, edizione e riproduzione fotografica dei papiri che contengono i cosiddetti *Scholia Minora* all'*Iliade* e all'*Odissea*.
- **MEDIACLASSICA** è un sito per la didattica delle lingue antiche greca e latina, realizzato da Loescher Editore in collaborazione con il Dipartimento di Archeologia e Filologia Classica (D.A.R.F.I.C.L.E.T.) dell'Università di Genova.

Se segnalazione malaffuzionamenti

W3C MAI-AAA WCAG 1.0 W3C XHTML 1.0 W3C CSS

del Greco e del Latino. Fra questi, il progetto PAWAG – *Poorly Attested Words in Ancient Greek* è quello che interessa in questa sede.

Lo scopo del PAWAG è realizzare una raccolta di dati organizzati in una struttura lessicografica, con un aggiornamento continuo e permanente, per costituire un supplemento *in progress* dei dizionari di Greco Antico esistenti in forma "chiusa", cioè in volume stampato o in CD (il riferimento è sistematico al GI e al LSJ, sporadico e dove possibile all'incompleto DGE). La struttura è quella di un dizionario, ma in un formato anche più ampio e libero, che contempla anche una sezione apposita per annotazioni e riferimenti bibliografici.

Come si evince dal suo nome, il progetto è nato per raccogliere in primo luogo parole che per la rarità o il peculiare ambito lessicale o valore semantico non sono registrate nei principali lessici o sono trattate in maniera parziale o inadeguata, includendo fra queste anche le "parole nuove" che vengono continuamente portate alla luce grazie all'edizione di nuovi testi o a nuove edizioni di testi già conosciuti. Poiché la ricerca talvolta rivela anche parole prodotte da errori (risultato di cattive letture di reperti manoscritti o congetture sbagliate) e entrate nei dizionari, nel PAWAG si potrà trovare anche la registrazione dei *ghost words*, cioè delle parole incluse in dizionari ma in realtà inesistenti, onde sancirne la definitiva eliminazione dal lessico conosciuto ed evitare futuri errori. In corso d'opera, poi, si è pensato di accogliere non solo materiali relativi a *poorly attested words*, ma anche ogni tipo di correzione o arricchimento delle voci dei dizionari esistenti, in modo

PAWAG - Poorly attested words in ancient greek - Mozilla Firefox
http://www.aristarchus.unige.it/pawag/searchForm.php

Università degli Studi di Genova
Loescher
Poorly attested words in ancient greek
directed by Franco Montanari

Menu principale

- Home Page [A]
- Database [B]
- Forms [C]
- Help [D]
- Site [E]
- Partners [F]
- Admin area [G]
- E-Mail [S]
- Aristarchus [T]
- Web accessibility [H]

Database

Headwords in archive: 1180
Last update: 31-01-2008

GetFirefox

Search the archive

Search form

Search the archive looking for headwords. You can enter either greek or latin string, and search with or without diacritics in headwords, etymologies, translations and glosses fields. For the Greek string enter the transliteration in the textbox

Greek text: With diacritics Search greek text

Latin text: Search latin text

Where:

- in headwords
- in etymologies
- in translations
- in glosses

Match:

- All the words
- The beginning of the word
- Any word

Browse by initial: α β γ δ ε ζ η θ ι κ λ μ ν ξ ο π ρ σ τ υ φ χ ψ ω

Completato

da creare un vero e proprio supplemento e aggiornamento permanente in progress dei dizionari del Greco Antico.

Il repertorio generale delle abbreviazioni e degli autori e opere è quello del GI, ma l'amministratore del sito può accrescerlo con l'inserimento di nuovi autori e opere, edizioni di papiri e iscrizioni, *corpora* e collezioni editoriali che siano assenti nella seconda edizione del GI, incrementando così anche questa sezione della banca-dati.

Il lessico è interrogabile, secondo vari criteri, attraverso la maschera di ricerca che si apre selezionando il menù «Database» nella Home Page. In alternativa è possibile selezionare una lettera nella parte bassa della medesima pagina e scorrere tutti i lemmi presenti per questa lettera secondo l'ordine alfabetico.

PAWAG-Poorly attested words in ancient greek - Mozilla Firefox

Http://www.aristarchus.uni-goettingen.de/pawag/searchForm.php?word=αβιν&page=70

PAWAG-Poorly attested words in... Pawag - Headwords administration

74) ἀκεωτός -ῖος, ῖη
[ἀκεῖ, οὐς ?] bot. un tipo di erba (usata per produrre un profumo?) *PCXX*, 2570 3b 12 (329 dC) 3733 27 (312 dC), 3766 109 (329 dC), 4081.1 (19^o)
Not present in GI² - not present in LSJ
Notes: In DGE (ἀκεωτός -ώτης) Si ipotizza, con riserva, la traduzione "orecchio d'alce" (cfr. DGE, J.W.B. Barns, in *The Oxyrhynchus papyri*, XXXI, London 1966, p. 121 e R. Coles, in *The Oxyrhynchus papyri*, LIV, London 1987, p. 194). F.R. Adrados-J.R. Sornalinos, *The Diccionario griego-español and Byzantine lexicography*, «JÖByz» 42 (1992), pp. 1-11, in partic. p. 8 propongono la traduzione "n. de un perfume".
Signature: Luca Pagani

75) ἀμυρωτικός -ή -όν
[ἀμυρός] che indebolisce, attunde (la vista) νωροπα τὸν λαμπρὸν, οἷον αἴωπον, ἀμυρωτικὸν τῶν ὠπῶν διὰ λαμπρότητα ἀββαλιante quello splendente, accecante, che ottunde la vista per lo splendore, *del bronzo Δε^o*, 117 21 | ἰσθίαιμον δὲ συνεχῶς ἀμυρωτικὸν ὄψεως γίνεται mangiato di continuo è debilitante per la vista, *del porro Diosc^o*, 2.149 2
Present in GI² - present in LSJ
Signature: Michele Conadi

76) ἀμβλυωπιθής -ής
[ἀμβλῆς, πῶθος] agg. ottuse *Timon^o*, *epist.* 53 94
Present in GI² - not present in LSJ
Signature: Maura Anzani

77) ἀμβλυωπίω
[ἀμβλῆς, ὠπῆ] contr. diventare cieco *Grego*, (*PG* 36 257.46)
Present in GI² - not present in LSJ
Signature: Maura Anzani

78) ἀμμικόμιτος -ον
[ἀμμῆς (poet. per ἀναμῆς), κομιστός] agg. composto da varie farine mescolate insieme *άρτος (= συκομιστός) τερντ* *Hsch.* a 3662, 3702 Latte
Not present in GI² - present in LSJ
Notes: a differenza di Kassel e Austin (*PCG* 1, *Glossar. Italiot.* 66, p. 311), che fanno precedere da una *συν* entrambe le glosse esichiane, A.C. Cassio ritiene ammissibile la forma ἀμμικόμιτος (*Hsch.* a 3702), di cui ἀμμικόμιτος (*Hsch.* a 3662) sarebbe una corruzione: cfr. A.C. Cassio, rec. a *Poetae Comici Graeci. I. Edit. Kassel et Austin*, «Gnomon» 76 (2004), p. 198. LSJ si limita a riportare *Hsch.* a 3702 senza traduz. (cfr. anche ThGL, s. v., che tuttavia lemmatizza anche ἀμμικόμιτος).
Signature: Fabio Macciò

Completato

Il progetto è ovviamente aperto a segnalazioni e proposte della comunità scientifica (che possono essere indirizzate a pawag@unige.it) e anzi sollecita la collaborazione degli studiosi per incrementare il più possibile i dati raccolti in questo strumento di uso comune e liberamente disponibile: quanto più il PAWAG verrà arricchito di materiali e realizzerà al meglio il suo obiettivo, tanto più utile sarà per la ricerca sul mondo antico.

Lexicographic slips: gathering and organising contextual data for dictionary entries¹

BRUCE L. FRASER

Faculty of Classics, University of Cambridge
blf10@cam.ac.uk

Introduction

This paper discusses the process of including contextual information in ancient Greek dictionaries, with especial focus on the task of organising the textual source-material.

First, contextual meaning is distinguished from formal meaning. Then, a description is given of the two functions of textual material: as citations in dictionaries to illustrate meanings, and also as the source-material for identifying meanings and writing the definitions.

The digitisation of ancient Greek texts has opened the corpus to systematic word-searches, and has led to a renaissance of Greek lexicography, in which new dictionary projects have developed their own procedures for collecting attestations. However, in order to use the results as sources for writing entries, the material must also be organised semantically into lexicographic 'slips'.²

An account is given of how lemmatising software has been used to identify and store the original textual passages cited in the Liddell-Scott-Jones dictionary, creating a digital archive of slips. This has been combined with a collection of other attestations identified in the texts, to create a comprehensive library of source-material for a Greek-English dictionary now being written at Cambridge. A description is also given of how the new contextual information gathered in this way is being incorporated in the dictionary.³

¹ Thanks are offered to Professor Manuel Alexandre Júnior and the team of the *Dicionário de Grego-Português* for valuable discussions at the 2006 Lisbon Colloquium, and for the opportunity to present this paper.

² The *Oxford English Dictionary's* definition of this sense of the word 'slip' is given in footnote 11.

³ Further information on the *Cambridge Greek Lexicon* can be found at www.classics.cam.ac.uk/glp/

1. Two sources of meaning

1.2. Word-form

A major factor in choosing the wording of definitions is that, as Chadwick (1996: 21-23) points out, in all languages 'nearly all words belong to families', and this 'family resemblance' is central to the determination of meaning. It is especially important in ancient Greek, where word-compounding was very productive, and where affixes make a major contribution (see Buck and Petersen 1944).

This does not mean that we identify a word's meaning from its *etymology*, but rather from its *derivation*: that is, the transparent combination of morphemes that it contains (Zgusta 1987: 259). However, this is only the starting-point for the process of writing a dictionary entry, because it gives only a single meaning.

1.2. Usage: textual evidence

The major problem of lexicography, as of semantics, is that words generally do not have just one meaning, but a range of senses, which vary in time, genre, and their interactions with other words. The distribution of the senses will be reflected in the structures of dictionary entries, which are consequently organised, not just as a list, but as a hierarchy of sections and subsections, each of which corresponds to a meaning or sub-sense. The ensuing dictionary entry is therefore as much a *semantic map* (Adrados 1977: 265) as a description of changing meanings.

In Greek and English lexicography of the nineteenth and twentieth centuries, the most influential method of ordering the senses was to give them in chronological order, in association with examples taken from the literary texts. The first (modern) alphabetic Greek dictionary, and the first dictionary from Greek to a modern language, Schneider (1797-8), was also the first to give extensive citations to exemplify meaning, but these were taken mostly from early epic, and had little historical range. Passow (1831), in his *Handwörterbuch der griechischen Sprache*, used Schneider's citations as the basis of his own work, but increased the scope of the citations, in order to map what he called the life-story, the *Lebensgeschichte*, of each word. The same approach was adopted by Liddell and Scott (1843: v-vi), who cite his remark that he had 'found it necessary to go below Homer and beyond Schneider', and who declare that their own plan 'has been that marked out and begun by Passow, viz. to make each article a History of the usage of the word referred to.'

However, they continued, 'It will be understood that deviations from the strict Historical order must occur. Homer will sometimes use a word in a metaphorical sense only, the literal sense of which first occurs (perhaps) in Plato. In such instances, of course, we give the literal and actual sense the preference.'

This semantic modification was in time formalised as 'logical' ordering: an idealised version of the recorded sequence, which visualises changes of

meaning as an evolutionary process. The principle is described by Murray (1888: xxi): 'If... we possessed written examples of all the uses of each word from the beginning, the simple exhibition of these would display a rational or logical development. The historical record is not complete enough to do this, but it is usually sufficient to enable us to infer the actual order.'⁴

However, whatever criteria are chosen for *organising* the senses, all dictionary-writers still *identify* them by using the evidence of the literary texts. The information in a dictionary entry is therefore in great part dependent on the interpretation of the textual citations, which provide the main evidence for meanings. Most of the lexicographer's time is spent on identifying textual senses, and that is also the focus of this paper. The source-material can be categorised in two groups: previously-collated citations, and other attestations which have been discovered in the texts. In the next section of this paper, these two groups are discussed in turn.

2. Textual citations from TGL to TLG: a brief account

2.1. Previously-collated attestations

We firstly have available to us the citations gathered in previous dictionaries, most notably Liddell-Scott-Jones (LSJ) and its Supplements, the *Vocabolario della lingua greca* (GI), and the *Diccionario griego-español* (DGE) and the *Lexikon des frühgriechischen Epos* (LFgrE) now in progress.

These volumes stand in a tradition of continuous accumulation of exemplary textual material. In the four centuries from the publication of the *Thesaurus Graecae Linguae* of Stephanus in 1572 to the establishment of the *Thesaurus Linguae Graecae* research centre in 1972, citations have become a distinctive component of lexicon entries. In the work of Stephanus, where words were grouped by 'family resemblance', brief phrases were given as examples, without line or chapter references (although authors, and sometimes works, were cited). The later, alphabetic, editions of the *Thesaurus* (Valpy and Barker 1816-28, Hase 1831-65) introduced referenced citations, but these were very brief: often just one-word quotations from the early grammarians and lexicographers, rather than illustrations of usage.

The first (modern) alphabetic Greek dictionary, and the first dictionary from Greek to a modern language, Schneider (1797-8), used more extensive citations, mostly from early epic, as examples. These provided the core source-material for subsequent Greek lexica: Passow (1831) drew on them for his citations, and Liddell and Scott (1843) in turn used his material as the basis for their own.

In their seven subsequent editions, Liddell and Scott steadily increased the number and range of quotations, drawing on the alphabetic *Thesaurus* of Valpy and Barker, and then on a variety of later sources, as the discoveries

⁴ 'Logical' ordering is also described in HIORTH (1955), KIPFER (1984), ZGUSTA (1987, 1989, 2006), SILVA (2000), and FRASER (2008 forthcoming).

and textual editions of the nineteenth century unearthed new attestations, until the accretion of new material made a complete reworking necessary.⁵

In 1904, a proposal was made to the British Academy for the creation of a new Thesaurus, in order to organise the newly-discovered material.⁶ However, in a memorable phrase, which has frequently been cited, Hermann Diels (1905: 693) compared the task of collating the citations from the full corpus of ancient Greek literature as equivalent to 'in dieses Chaos den Nus hineinzubringen',⁷ and the task was eventually abandoned as unfeasible, in favour of a further revision of Liddell and Scott's lexicon, which was published in ten parts from 1925 to 1940 as its ninth edition, LSJ.

This great work has proved to be the foundation of subsequent Greek lexicography, but it may perhaps be described as a *magnificent failure*, because so much new material has been incorporated into the structure of the eighth edition that the clarity of the semantic descriptions is often overwhelmed: see Zgusta (1987, 271-2), Glare (1987) and Chadwick (1994). Since then, the ever-increasing volume of new material has been collected in independent volumes: new citations were published in Supplements to LSJ (1968, 1996), and the historical range was extended by Lampe (1961-8) and Trapp (1994-9).

2.2. Digital access to the texts

Diels' goal of bringing Νοῦς into the chaos appeared to be no nearer to fulfilment, until a fundamental technical breakthrough: the digitisation of almost the entire corpus of extant Greek texts, which allows dictionary-writers to make automated searches for every word-form. The main publisher of the literary texts is the *Thesaurus Linguae Graecae*, whose first CD-ROM was released in 1985. Since 1987, the Perseus digital library at Tufts University (www.perseus.tufts.edu) has been making available online a collection of Greek and Latin texts, with translations and a wealth of secondary material, and since 2001 the TLG has also been published online (www.tlg.uci.edu). A burgeoning number of research groups are now working on the digitising of inscriptions.⁸

A great range of software has been developed to search these digital libraries for individual word-forms, and this has coincided with a remarkable renaissance of Greek lexicography. The DGE is now combining the sources from LSJ and Lampe with the latest papyrological and epigraphic discoveries, and rethinking the semantic analyses of LSJ, while epic vocabulary is being

⁵ ZGUSTA (1987: 264-72) and GLARE (1987) give contrasting accounts of the changes in LIDDELL and SCOTT's approach. Their last (eighth) edition was published in 1897, the year of SCOTT's death and a year before LIDDELL's.

⁶ For a brief account of the discussions, see LSJ (1925: iv-vii).

⁷ 'Bringing Νοῦς into this Chaos.' The expression is cited in LSJ (1925: v), BERKOWITZ and SQUITIER (1990: vii), PANTELIA (2000: title).

⁸ Notably the Packard Humanities Institute (epigraphy.packhum.org/inscriptions), the Centre for the Study of Ancient Documents (www.csad.ox.ac.uk/CSAD), and the groups of the EpiDoc collaborative (epidoc.sourceforge.net).

re-examined in the LfgrE.⁹ The GI (1995) gives us a unified collation of citations from LSJ, Lampe, and new sources, in a highly-readable format, for use by the student as well as the scholar, also published in 2004 as a CD-ROM. Lexicons from Greek to other languages are now in progress, notably the *Woordenboek Grieks* at Leiden (www.woordenboekgrieks.leidenuniv.nl) and the *Dicionário de Grego-Português* at Lisbon (lexiconpt.no.sapo.pt).

The use of the TLG word-indexes now makes it feasible for lexicographers to find all the citations for each word-form appearing in the corpora. This is extremely helpful during the later stages of writing entries, for the task of checking senses and attestations, as described by Adrados and Somolinos (1994), and Somolinos and Berenguer (2005).

However, even with fast access to the digital collections, the task of organising the results is still very labour-intensive. Because ancient Greek was a highly-inflected language, with some lemmas having as many as a thousand forms (Crane 1991: 243), searching for all of them is still very time-consuming. Programs were therefore developed to collate the results of searches in selective ways, such as by authors and by individual works, as well as searches of the full corpus. A notable example is the Scuola Normale Superiore (SNS) software (sns.greek.sns.it/sns.html) developed by the Istituto di Linguistica Computazionale at Pisa, and used by the GI and the DGE.¹⁰

The key advance in search technology was made with the development of the Perseus morphological analyser (henceforth *Morpheus*), which can recognise inflected forms as belonging to a particular lemma: see Crane (1991). This opened the whole digital corpus to systematic lexicographic study, by unifying the search process itself: we can search for every attestation of a lemma, rather than only for individual forms. This means that we can quickly find all the attestations needed for each dictionary entry.

However, we should remember that, despite its name, the TLG is not a thesaurus, in the tradition of Stephanus, but a digital library: a collection of texts organised by authors and works. To create a thesaurus from it, we need to collate the word-forms by meaning. *Morpheus* gives us the forms we need, but we still need to sort them semantically. This would be a very slow process, if we had to start from scratch. We need a way to look again at the sorting which has already been done.

3. Lexicographic slips

3.1. Identifying senses: the past

The lexicographic purpose of a quotation is not only to identify an attestation from a particular author, but also to arrive at an interpretation of it. In order to do this, many citations need to be compared as each entry is composed, and they must first be organised into semantic groups.

⁹ The semantic approach of the DGE is described by ADRADOS (1977, 1986, 1997, 2000).

¹⁰ See ADRADOS and SOMOLINOS (1994: 244-5).

In traditional lexicography, the manual collection of the source material constituted a part of the semantic sorting. The *Oxford English Dictionary* (OED) provides the paradigmatic example: the team of volunteer readers who collected citations were required to make judgments on meaning, as well as noting the occurrences of words. Murray (1879: 5) asked them to 'Make a quotation for every word that strikes you as rare, obsolete, old-fashioned, new, peculiar, or used in a peculiar way', and to 'Make as many quotations as convenient to you for ordinary words, when these are used significantly, and help by the context to explain their own meaning, or show their use.' Automatic word-searches cannot, of course, perform this function.

The second and principal part of the sorting process was performed by the OED editors, using physical manipulation. Murray (1884: 510-511) describes the laborious process by which the paper 'slips' (half-sheets of note-paper, each bearing a single citation) were arranged by the editors to create semantic maps for each word.¹¹

'Only those who have made the experiment', he wrote, 'know the bewilderment with which editor or sub-editor, after he has apportioned the quotations... and furnished them with a provisional definition, spreads them out on a table or on the floor where he can obtain a general survey of the whole... shifting them about like pieces on a chess-board, striving to find in the fragmentary evidence of an incomplete historical record, such a sequence of meanings as may form a logical chain of development.'¹²

3.2. Identifying senses: the task

Modern lexicographers need to carry out a similar sorting process, but we do not have the benefit of pre-existing paper slips. As described above in 2.1, the citations used in LSJ were not derived from a collection of slips, but had been added cumulatively in the eight previous editions of the lexicon.

Consequently, the only record of the textual sources is constituted by the references and brief quotations in LSJ itself. Because, as Glare (1987: 17) notes, these quotations are too short to confirm meanings, we cannot assess and revise the semantic groupings and definitions without going back to the original passages. We must, as it were, reconstruct the hypothetical slips-archive on which the entries had been based. Then, after studying this selection of citations, we need to examine further attestations, to search for other (and especially chronologically-later) meanings, and use them to re-organise the semantic map for each lemma, according to the full evidence.

¹¹ Sense 10 of the noun 'slip', homonym 2, is defined in OED as a 'piece of paper or parchment, esp. one which is narrow in proportion to its length.' Its lexicographic use is illustrated in the dictionary with two citations: as a noun, from 1846 (F. MADDEN, *Lazamon* I, Preface xli), 'after writing near 50,000 slips, it was found impracticable to carry the design [of the glossary] into execution', and as a verb (homonym 4, sense 2), from 1902 (*Athenæum* 23 August 256.1), 'Miss Betham-Edwards's new story .. is being 'slipped' by Dr. Wright .. for his Dialect Dictionary.'

¹² See SILVA (2000: 89-90) for further description of the methodology.

4. Identifying senses: electronic slips

These considerations were the stimulus for the development of a digital resource for the Cambridge dictionary, to build on the possibilities of digital searching. We wished to re-examine all the citations in LSJ, and we also needed a fast method of examining other citations which had not been included in the dictionary. The possibility of using the *Morpheus* software for these tasks was the inspiration for a project initiated in 2000 by A. A. Thompson of Cambridge University and J. A. Rydberg-Cox of the Perseus Project, and developed over the following five years by Rydberg-Cox and B. L. Fraser. The result is a two-part HTML archive, linked together in a unified structure, which can be easily used by editors who are more accustomed to consulting books in a traditional library. In order to give the necessary speed of access to the citations, the archive is built from the results of hundreds of hours of systematic digital searching.

4.1. Pre-searching

Because we can predict every TLG search that we will eventually want to perform, a program was designed by Professor Rydberg-Cox to conduct these searches in advance. Our corpus of texts was pre-searched for all word-forms, using *Morpheus* to group them by lemma; and then every attestation, together with a passage of surrounding text, was archived in static HTML pages. This provides the dictionary writers with immediate access to the searches, and also enables the citations and their contexts to be available in a generic format, rather than being tied to any specific operating system or database program.

To enhance speed of access for the users, the program matches the Greek texts to the English translations which are available on Perseus, and, for cross-platform compatibility, the collection is duplicated using Super-Greek and Unicode fonts.

4.2. Separating the LSJ citations

The larger part of the archive is composed of citations arranged by authors in chronological order, for a canon of 70 writers from Homer to Plutarch. In a separate operation, the analyser collects all the attestations from the corpus which are cited in the LSJ entry for that lemma, using the digital edition of the dictionary available on Perseus. This semantically-organised collection of textual passages constitutes a retrospectively-created realisation of the hypothetical LSJ slips-archive which was mentioned above in 3.2.

Both collections are stored in a combined archive, using 20 gigabytes of disk space: equivalent to thirty CD-ROMs, and so much greater than the total size of the digital corpus. (It has a high level of redundancy because each sentence must be repeated for every word-form that it contains.)

This display is more informative than the 'list' format illustrated in Figure 1, in two ways. Firstly, it gives us a check on accuracy: we can easily see whether any citations are missing. Secondly, it gives us semantic information: we can see the LSJ definitions next to each passage, and so compare their interpretations with ours. Because the citations are given in the order of the semantic groups of LSJ, we can benefit from the semantic sorting which has already been done, and make it the reference-point for our own revision. Three senses are visible here: the basic meaning of theatre as a place for dramatic performances (Herodotus), its use for political meetings (Thucydides), and a more abstract sense, *the stage, the theatre*, referring to the representations (Isocrates). The illustration does not show the full HTML page, which includes a fourth, collective, sense, *spectators, audience*.¹³

6.2. Checking ambiguous lemma-forms

Of course, automatic searching has its limitations, and there will be instances where the program fails to recognise the passage corresponding to a LSJ citation, or the correct lemma from which an inflectional form is derived. If such failure leads to serious loss of time, then the archive will be, in practical terms, of limited value. In order for it to be a usable research tool, we need to have facilities to cope immediately with the failures.

The most common problem is failure of lemma-identification. This has two possible causes. Firstly, the morphological analyser cannot identify every word-form. It is limited by the size of its index, which includes about 97,000 Greek stems and 14,000 inflections. This enables it to recognise 69% of the word-forms in the Perseus texts (constituting about 99% of the attestations). That gives a level of accuracy of about 85%: a good percentage, but still resulting in a substantial number of unresolved forms and missed citations.

The second possible cause of failure is that the process of lemmatisation is itself fundamentally limited by the presence of ambiguous forms: ἄνα, for example, could be the vocative of ἄναξ, the Aeolic feminine of ἄνη, or the anastrophic form of ἀνά (or perhaps even a neuter plural of ἄνοος). However, we find that, in practice, homonyms like ἄνα or λῆξις cause least difficulty, and complexities of verb inflection cause most.

To meet these eventualities, the program is therefore designed to give us automatic feedback, by identifying the level of certainty in lemma-identification, and assigning a 'weight', or probability-number, to each attestation, which is based on the number of possible lemmas from which the form could be derived (as far as the program recognises). This is the basis for the totals of 'unambiguous' and 'ambiguous' citations shown in Figure 1.

The ambiguous forms must then be lemmatised manually. In practice, this does not take long: the eye can very quickly scan down a page of chrono-

¹³ The non-LSJ slips show that the two concrete senses appear throughout Greek, while the abstract sense is much less common. The development of the collective sense is especially interesting, being the usual sense in Aristophanes and in Plato, who gives it a much more general application, to any kind of audience or group of spectators. A fifth sense, *what is seen, spectacle*, is not identified in LSJ, but appears in the New Testament.

logically-arranged citations. We had originally intended to use our own work-results to improve the accuracy of the program, and to enter our corrections back into the *Morpheus* index using an online user-form, but, unfortunately, time constraints on the project precluded the development of this facility.

Eventually, the ideal solution would be to submit the output of the lemmatisation to a syntactic parser, which could disambiguate many of the remaining uncertainties. Probabilistic methods of syntactic parsing have been developed for English by the COBUILD team (Karlsson et al. 1995), but analysis in highly-inflected languages with variable word order depends how the digital text has been encoded in the first place. If all the words in a text were tagged individually by part-of-speech, they could be parsed to create a 'tree-bank'. Work on parsing Latin texts is now under way, and, in the mid-term, we may expect parsed Greek texts to become available.¹⁴

However, we needed to use the archive immediately, and so we required a strategy to cope with identification failures. Our solution was to combine the feedback with text-links. Every failure-report is accompanied by a hyperlink to the passage which was searched, so that we can check the text, by clicking on the link. The small horizontal lines preceding all the text passages shown in Figures 1 and 2 are the hyperlinks. We have, as it were, embedded the slips archive within the digital library of texts. This allows us to check problems immediately, reducing the times when we have to leave our workstations and consult the print editions.

6.3. Checking missed LSJ citations

A similar procedure is used for failed identification of LSJ citations. The program indicates to us where it has failed to find the word-form in the cited passage, and we can then immediately check the text. This feature can be

Previous Entry ἀβακτηῖος	Next Entry ἀβακῆτοι	Greek and English Slip or Greek Only Slip	Unwoven Entry	Citation Summary	Table of Contents
---	--	---	-------------------------------	----------------------------------	-----------------------------------

ἀβακῆς , ἐς , (βαζω)

A: *speechless: hence, calm, gentle*, ἀβάκτην (Aeol. acc.) τὰν φρέιν' ἔχω Sapph.72. Adv. κέως. εὔδοιμι Poet. ap. EM2.57: also ἀβακῆμι Hsch., ἀβαξ Lex. Rhiet. ap. Eust. 1494.64.

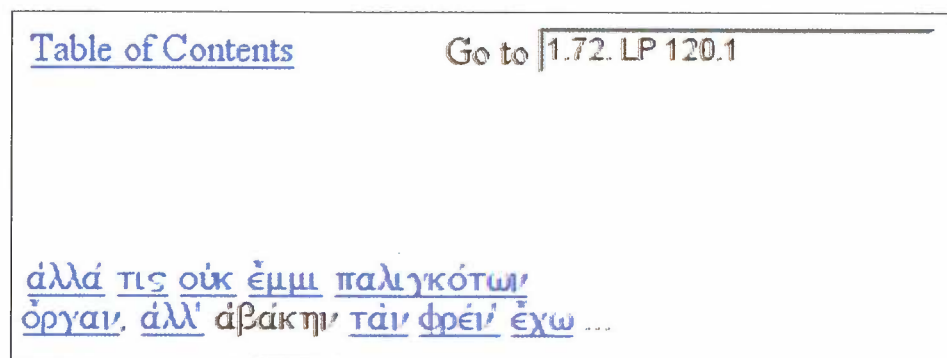
There are 1 citations from the IGL corpus in the electronic LSJ entry for ἀβακῆς . The program located 0 citations and failed to locate matching text for 1 citations.

The program thinks it failed to identify the following:
[Sappho 72](#)

¹⁴ For discussion on parsed texts, see ABEILLÉ (2003), and for Classical languages BAMMAN and CRANE (2007).

illustrated for the word ἀβᾶκής, *speechless, calm*, whose LSJ entry is shown in Figure 3.

We can see from the absence of an inserted passage that *Morpheus* has missed Sappho fragment 72, and the feedback at the bottom of the page confirms this. By clicking on the hyperlink, the underlined 'Sappho 72', we move directly to the fragment, which is shown in Figure 4:



In this fragment, the words which the analyser has identified are all underlined as parsed, and we can see that ἀβάκηι is in fact there, but unrecognised (because it is a paroxytone accusative form not listed in the *Morpheus* index). So we still have fast access to the correct citation, even when the program has failed to identify the form. The consequent saving in time is substantial: this feature transforms the slips database from an ancillary tool with excellent but limited coverage, into a dependable, 'all-weather' reference system.

6.4. Citation matching

In order to identify all the LSJ citations, we also need to match any variations in numbering. In general, the citation systems for Greek texts are remarkably stable: the LSJ line numbers for Homer and the tragedians, and the section numbers for the prose texts, are much the same in modern editions. However, the texts of many early poets, especially the lyricists, have been republished in new editions which give different fragment numbers. We have therefore compiled a concordance from LSJ to the modern editions of the lyric and iambic poets, and also to epic, comic, and tragic fragments, where modern editions differ from LSJ.

This 'poetry map' is integrated in the electronic database. Its use can be demonstrated from the citation from Sappho shown in Figure 4 above. LSJ cites this as fragment 72 in Bergk's *Poetae Lyrici Graeci*, while TLG uses Lobel-Page's *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*, where it is fragment 120. By tagging it with the LSJ number, and also mapping that to the modern edition number, we can ensure that the LSJ citation is always recognised, even in cases like this where *Morpheus* fails to find the target-word.

6.5. Unified display of citations from three separate text collections

The archive has another unique feature: its triple combination of Greek texts from the Perseus and the TLG collections, plus English translations from the Perseus library. This not only represents a considerable technical feat of data-mining, but is also an impressive example of collaboration between Perseus and TLG, who gave permission for their texts to be used. The core of the archive is the Perseus library, which provides the Greek texts which have stable textual readings. When each word-form is identified and the chunk of surrounding text selected, that specific sentence-file in Perseus is matched to the corresponding sentence-file in the English text. This enables a matching passage of English text to be displayed below each Greek one, helping the lexicographers to scan quickly through the texts.

For those authors and works which are not stored in Perseus, the TLG texts are mined, and the resulting quotations are given in their correct positions in the display. The first indication that we are looking at a TLG text will usually just be the lack of an English translation. This seamless transition between the Perseus and TLG texts ensures that we have a complete coverage of our corpus texts.

6.6. The slips: summary of lexicographic functions

The archive gives us a digital library tailored to our needs, with exceptionally fast access, because it displays the results of millions of searches, with the words collated with their contexts and indexed for reference. A lexicographically-useful size of passage is selected, set at three sentences, which gives us enough context to evaluate the word meanings.

The database is proving indispensable in the writing of our lexicon articles, and has transformed the nature of the project, by allowing us to examine the texts as we write, and to compare the LSJ citations with the others. Pre-searching has proved to be a highly-effective way of utilising the limited time available for writing the dictionary. The HTML format is also very user-friendly: we can navigate very quickly between the two components of the double archive (the LSJ citations and the others). The failures of identification cause minimal problems, because, as described above in 6.2, every page of the archive is linked to the full texts. In sum, without this resource, it would have been impossible to write fresh definitions, unless we had a much larger team of writers and much more time.

7. The future

The slips archive could be used to provide the textual references for the digital edition of the lexicon. We intend to make it freely available for interested scholars, linked with our online edition, which will be published on the Perseus site. The poetry map is available online now.¹⁵

¹⁵ A 'human-readable' version of the poetry map is published online at www.chlt.org/lexicon/papers/Poetry_Map.pdf.

Since we developed this resource, lemmatisation based on the *Morpheus* technology has (from 2006) become available on the TLG website. This gives all researchers the ability to make integrated searches for every lemma-form, and, because it covers all the TLG texts, we use it ourselves, as an invaluable complement to our archive.

The architecture of the pre-searched archive appears to have general applicability, rather than being limited to this dictionary. Even more importantly, the LSJ weave allows us to study the textual passages underlying the LSJ citations. Because the database could easily be extended to cover more authors and texts, editors of future Greek lexicons may well wish to use the same method to create their own slips.

8. Integration of the new contextual data

The archive has two primary lexicographic functions: for checking meanings and attestations, and for identifying new ones. Consequently, it also enables the editors to conduct new research: because we review all the LSJ citations, and a good number of others, we have the opportunity to gather new contextual information as we write each entry.

For example, we can collate not only the syntactic constructions which depend on a particular verb, but also the kinds of subjects which govern it, and in our dictionary entries we match both these groups with the lemma meanings. Similarly, for adjectives, we list the classes of nouns which they qualify. For noun entries, we note words given in contrast to the lemma, and also connotations (such as approval or disapproval) which are implicit in the context.

Because the Cambridge dictionary is being written for students, it has two practical advantages in putting this information at the heart of its method. Firstly, as Greek quotations are rarely given, more space can be given to semantic description.¹⁶ Secondly, because the citations are restricted to literary authors, omitting inscriptions and the smaller fragmentary texts, meaning is usually identifiable from the context.

We may summarise the intra-linguistic context as *collocational* information, whose importance was summarised by Firth (1957: 179) in the aphorism: 'You shall know a word by the company it keeps'. As will be described below, we are especially interested in collocations with a grammatical dimension.

8.1. Integration of contextual information: verbs

The contextually-based approach may be exemplified by an entry from the Cambridge dictionary for the verb σώζω, *save*, which is given in Figure 5. Because this entry is much longer than the example entries from LSJ shown in Figures 2 and 3, only its general layout is described here.

¹⁶ However, because the entries are composed in XML rather than in word-processing documents, we can insert precise line references into the XML 'master'. We plan for these to be accessible in our online edition. See FRASER (2005).

σώζω vб. | fut. σώσω | aor. ἔσωσα | pf. σέσωκα || MID.: fut. σώσομαι | aor. ἔσωσάμην || PASS.: fut. σωθήσομαι | aor. ἐσωθήν | pf. σέσωμαι, later σέσωσμαι || This vb. is found only once in Hom. For the epic forms see σαώω. | 1 (of persons, gods, other agents) save (someone, sth.) from imminent danger or death; **save, rescue** —persons, someone's life Hdt. S. E. + —a country, a city Hdt. S. E. + —a land (w.GEN. fr. enemies) S.; (transf., of a war) —a country Hdt.; (of a strategy) —a situation Th.; (of a person, a truce) —W.ACC. + INF. (sts. w. μή) someone, fr. being killed E. || MID. **save** —one's life E. —one's eyelids (i.e. one's skin) Ar. || PASS. (of persons, cities, countries) **be saved, be safe, survive** Thgn. Hdt. Trag. + 2 save (someone) from an unwelcome situation; **save, rescue** —someone Trag. —W.ACC. + GEN. OF PREP.PHR. someone, fr. troubles S. || PASS. **be saved** —W.GEN. fr. troubles E. 3 get (sth.) back safely, **rescue, recover** —corpses E. —(fig.) a lost opportunity D. 4 (of persons, gods) **bring** (w.ACC. someone) **safely or in safety** —W.ADV. OF PREP.PHR. fr. or to a place S. E. Pl. || PASS. **get safely** —fr. or to a place Hdt. Trag. + —W.DAT. to someone Theoc. 5 (of persons, gods) **preserve** (someone, sth.) from harm; **keep safe, protect, look after** —possessions and sim. Hdt. S. E. + —persons, cities and sim. Hdt. Trag. Pl.; (of a city) —its inhabitants S. Th.; (of a class of people) —a city E.; (of a countryman) —a source of fire Od.; (of a dragon) **guard** —the golden fleece E.; (fig., of a son) —a father's

reputation E.; (of a woman) —a marriage bed (i.e. remain faithful) E.; (of a pregnant woman) —an embryo A.; (of a person) **preserve, maintain** —one's present way of thinking A. —silence E. || MID. (of a person) **keep safe** —one's treasures E. fr. —one's guard dog (fig. ref. to a person) Ar.; (of a country) —its spoils of war E.; (of a person) **preserve, maintain** —caution S. —a memory (of sth.) E. Pl. || PASS. (of a person) **be kept safe** E.; (of inactivity, ref. to persons) **be safe** Th. 6 (of things) serve to preserve (someone, sth.) from harm; (of obedience, caution, training, good order) **keep safe, protect** —people S. Ar. Th. X.; (of laws and customs) —a constitution, democracy Arist.; (of corks) **keep secure** —a fishing line or net A.; (of an anchor) —a ship E. fr.; (of a quiver) —an arrow E.; (of weapons) —parts of the body E.; (of time) **keep alive** —someone's hopes E.; (of the ability to light a fire) —a person S. || PASS. (of objects) **be kept safe** S. E. —W.DAT. for someone Ar. 7 keep to oneself, **keep safe, guard** —information, secrets A. S. 8 preserve (sth.) by obedience; **observe** —instructions Trag. —laws S. E. —proverbial advice A. fr.; (hence) **fulfil** —what is ordained E. 9 preserve in one's mind; **remember** —someone's fortunes E.; (sts. mid.) —what one has learned E. Pl. 10 (of God, Christ) **keep safe from eternal death; save** —a person NT. || PASS. **be saved, be in a state of salvation** NT. —σωστέον neut. imper. vbl. adj. **it is necessary to keep safe** —weapons, people E. Ar.

This word has a wide range of meanings, comparable to the range of English *save*, and these appear in a great variety of contexts. Ten major sense sections have been identified here, and given bold translations, which are, in most instances (in sections 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10), preceded by plain-text definitions, which give more precise identification of meanings by providing a paraphrase of each sense.

In general, the order of sections follows the 'logical' ordering discussed above in 1.2, with the literal sense (*save, rescue*) in sections 1-4, a transition to stative uses (*protect, preserve*) in 5 and 6, more abstract senses (*save or remember information or instructions*) in 7-9, and finally a religious sense in 10.

The sense-sections are organised not only by the definitions and translations, but also by the verbal subjects, which are given in parentheses preceding the translations. In this entry, the subjects are usually persons or gods, though section 6 has inanimate subjects, given in general terms at the start of the section, as 'of things', and later specified in the body of that section as abstract entities (*obedience, caution, training, good order, laws, customs*) and as physical objects (*corks, an anchor, weapons*).

Although most sections have personal subjects, these are often extended to include more abstract groups, as in section 1, where the subjects include *war, a strategy, a truce*.

Following the bold translations, dependent constructions are given in italic. This gives a distinctive format to the sequence '(subject) **verb** -object', and, because the exit language, English, has the same ordering (S-V-O), it is always clear whether 'of persons' (for example) refers to a subject or to a complement. This contrasts with LSJ, whose lack of clarity in this regard is described by Glare (1987: 12-13). The regular triple ordering is preserved throughout the entry.

It may be noted that the sections are also organised internally by meaning, rather than by syntax. Middle and passive usages are given within the sections to which they belong semantically: here, in sections 1, 2, 4, 5, 6, 10. For clarity, they are given after the actives, preceded by double vertical bars.¹⁷

There is also a more general advantage to the contextual presentation: by introducing sections with verbal subjects, rather than only with the senses of the lemma, the logical principles of sense-ordering can also be applied to the grammatical context. For example, senses relating to persons and to gods are grouped together, and precede senses relating to events and logical relationships, within each numbered section, and also between sections. It may also be seen that semantic groupings dominate the structure, and that chronological information is considerably less prominent, being given only by the author abbreviations.¹⁸

8.2. Integration of contextual information: adjectives

Differences in the application of collocational information to each part-of-speech may be illustrated with an adjectival entry, for the word μέτριος, *moderate*, which is shown in Figure 6.

μέτριος ἄνθρωπος (also οὐδ' ὀν' ἄνθρωπος) *adj.* (freq. as neut.sbj. and neut.adv.; freq. in litotes) **1** of normal and not excessive size, quantity or number; (of a measure) **standard** Hdt.; (of a person) of **ordinary height** Hdt.; (of an animal) **average-sized** Plb.; (of hair) of **medium length and thickness** X.; (of a place) **medium-sized** Arist. Plb.; (of a number of people) **moderate** Pl. Arist.
2 of average and proper length (in time); (of a life-span, of a stage in life) **normal, average** S. E. fr. Pl.; (of time allotted for a speech) **appropriate** Isoc. Pl.
3 of sufficient number or quantity; (of a number of men or amount of time, needed for a task) **reasonable, appropriate** Pl. X. Plb.; (of a quantity of poison, to bring on death; of wine, not to cause intoxication) Pl. || NEG.PHR. (of the life of the unfortunate) too long S.
4 (of a person, in character, emotions, conduct) **moderate, restrained, reasonable** Thgn. Ar. Att.orats. +; (of demeanour) **unobtrusive** Pl.
5 (of a person, in way of life) without ostentation or extravagance, **moderate, not excessive** Th. E. Att.orats. Pl. +; (of dress, of quantities of food and wine, of

ceremonious occasions) Th. Pl. X. +
6 (of a deity, person or state, in the exercise of power) **moderate, fair, balanced** Th. E. Att.orats. Pl. +; (of laws, of political systems) Th. Pl. Arist.
7 (of a prayer or request) **reasonable, moderate** A. E. Att.orats. +; (of terms of an agreement) Th. D.; (of statements, discussions) Att.orats. Pl. +
8 (of means, property) **moderate, not excessive** E. Att.orats. +; (of a sum of money, of a gift) Att.orats. Pl. +; (of necessities, provisions, supplies) Pl. +
9 (of a wind, of a season, of certain times of the day) **temperate, mild** E. Ar. Pl. X.; (of an emotion or passion) **not excessive, tempered** E. D.
10 harsh but not excessively; (of a storm) **moderate** E.; (of a task, a burden, troubles) **moderate, tolerable** E. Pl. Men. Plb.; (of punishment, imprisonment, servitude) Th. Att.orats.; (of compulsion or force) Pl.
11 (pejor.) of indifferent quality or importance; (of figs) **second-rate** Hippon.; (of things said and done) **commonplace** Plb.
12 (of literary or narrative style) **moderate, balanced** Arist.

This word has a wide range of meanings (*normal, moderate, appropriate, fair, indifferent*), which vary with context. Thirteen major sense sections are given, with senses given in bold translations, which are, in half the sections (1, 2, 3, 5, 10, 11, 13), preceded by plain-text definitions.

Again, the logical ordering of senses is followed, with physical measurements preceding (spatial in 1, temporal in 2), number in 3, then references to personal character and way of life in 4 and 5, the expression of authority in

¹⁷ This format is inspired by the practice of the GI.

¹⁸ Grouping the authorial citations alongside the semantic information gives a link between chronology and meaning, creating what ZGUSTA (1989: 190, 199, 220) describes as *double articulation*.

6. In sections 7-12, we move from persons to abstract referents: requests in 7, possessions in 8, weather and emotions in 9 and 10. Sections 11 and 12 cover value-judgements, referring to objects (pejoratively) and to literary-style.

It can be seen that this sequence depends in large part on the nouns which the adjective qualifies. Consequently, the internal structure of the sections is also organised in this way, with the nouns given in parentheses preceding the translations (rather like the verbal subjects discussed in 8.1). The nouns are regularly placed at the start of each numbered section, where they delimit the semantic field for a particular sense. Alternatively, semantically-wider sections may be introduced by plain-text definitions. In section 1, for example, we can see that the sense of *standard, average* is applied to a great range of nouns, indicating humans, animals, locations, and measurements, and so a plain-text definition precedes the qualified nouns. On the other hand, the meanings in section 4 and 5 (*moderate, restrained*) can be understood only in terms of their application (to persons, in their character or way of life), and so the nouns are given first. Similar considerations apply to the *requests* in section 7 and the *possessions* in 8. In section 9, the meteorological phenomena lead to a transferred emotional sense (*temperate, tempered*).

In sum, though we follow the same logical ordering principles as developed by Liddell and Scott and by Murray, our sense-sections differ considerably in content and order from those in LSJ, because we use more detailed contextual information to identify the semantic groupings.

8.3. Integration of contextual information: other parts of speech

There is no space here to give further examples, but it may be seen that contextual information has a major grammatical component, and consequently that it will differ according to the part of speech of the lemma. For this reason, the Cambridge dictionary uses different entry-structures for nouns, adjectives, verbs, prepositions and adverbs. The editors can format the entries in a very regular way, specific to each part-of-speech, because we compose them in XML files (similar to the HTML used for coding web pages), which have been designed with structures matching each entry type, so giving us more precision than is possible with word-processing documents. See Fraser (2005).

9. Conclusion: lexicography, semantics and context

The contextual method was inspired by the founder of the Cambridge dictionary, John Chadwick. From his work on the *Oxford Latin Dictionary* and on the *LSJ Revised Supplement*, and also from his wartime experience as a cryptographer, Chadwick (1996: 3-6, 20-23) came to the conclusion that contextual analysis could be combined with analysis of word-form in order to arrive at the meaning of each lemma. He decided that an experimental approach could be best realised in an intermediate-sized lexicon, and since

1998, under the editorship of Dr Thompson, the Cambridge dictionary project has followed the method.

Attention to context has considerable advantages for the writers and also for readers. It gives writers an opportunity to consider new data, and so to rethink many of the semantic groupings of LSJ. Every day, we identify new senses which have not been described in the older dictionary.

Presenting meanings in their contexts is also helpful for the reader, because, as Quine (1992: 58) observed, dictionaries do not deal only in words, but also 'teach the use of sentences.' This is especially appropriate for a student dictionary, where we wish to alert readers to the subtleties of Greek word usage in the most natural way: that is, by giving examples. We have also found that giving contextual information can assist students to gain an appreciation of the ancient language, and of the ways in which its words interacted with each other in sentences, producing narrative and lyrical literature which still communicates powerfully, across the millennia, to readers today.

Bibliography

A. Dictionaries

- DGE 1980-. ADRADOS, F. R., GANGUTIA, E. *et al.*, *Diccionario griego-español*, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GI 1995, 2004. MONTANARI, F. *et al.*, *GI: Vocabolario della lingua greca*, Turin: Loescher.
- HASE, K. *et al.* 1831-65. *Thesaurus Graecae Linguae*, Third Edition, Paris: Didot.
- LAMPE, G. W. H. (1961-8). *A Patristic Greek lexicon*, Oxford: Clarendon.
- LFgE 1955-. SNELL, B., METTE, H. J., and MEIER-BRÜGGER, M., *Lexikon des frühgriechischen Epos*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- LIDDELL, H. G. and SCOTT, R. 1843. *A Greek-English Lexicon: Based on the German work of Francis Passow*, Oxford: University Press.
- LSJ 1925-1940. LIDDELL, H. G. and SCOTT, R., revised by H. S. JONES, with the assistance of R. MCKENZIE, *A Greek-English Lexicon: a New Edition*, published in ten Parts, Oxford: Clarendon.
- LSJ Supplement 1968. BARBER, E. A., with the assistance of MAAS, P., SCHELLER, M. and WEST, M. L., *Greek-English Lexicon: a Supplement*, Oxford: Clarendon.
- LSJ Revised Supplement 1996. GLARE, P. G. W., with the assistance of THOMPSON, A. A., *Greek-English Lexicon: a Revised Supplement*, Oxford: Clarendon.
- OED 1888-1928. MURRAY, J. A. H. *et al.*, *A New English Dictionary on Historical Principles* (reprinted 1933 with the title *Oxford English Dictionary*), Oxford: Clarendon.
- OLD 1968-82. WYLLIE, J. M., GLARE, P. G. W. *et al.*, *Oxford Latin Dictionary*, Oxford: Clarendon.

- PASSOW, F. 1831. *Handwörterbuch der griechischen Sprache*, Leipzig: Vogel.
- SCHNEIDER, J. G. 1797-8. *Kritisches griechisch-deutsches Handwörterbuch: beym Lesen der griechischen profanen Scribenten zu gebrauchen*, Leipzig: Frommann.
- STEPHANUS 1572. ESTIENNE, H. *Thesaurus Graecae Linguae*, Geneva.
- TRAPP, E. *et al.* 1994-9. *Lexikon zur byzantinischen Gräzität*, Vienna: Österreichische Akademie der Wissenschaften.
- VALPY, A. J. and BARKER, E. H. 1816-28. *Thesaurus Graecae Linguae*, Second Edition, London: Valpy.

B. Other literature

- ABEILLÉ, A. (ed.) 2003. *Treebanks: Building and Using Parsed Corpora*, Dordrecht: Kluwer.
- ADRADOS, F. R. 1977. "Organización de los artículos del diccionario. Criterios a seguir" in F. R. ADRADOS, E. GANGUTIA *et al.* (eds.), 259-280.
- ADRADOS, F. R. 1986. "The Greek-Spanish Dictionary and Lexicographic Science", *Lexicographica Series Maior*, 2: 8-32, republished as "El DGE y la ciencia lexicográfica" in F. R. ADRADOS and J. R. SOMOLINOS (eds.), 2005, 235-244.
- ADRADOS, F. R. 1997. "More on the *Diccionario griego-español*" in H. H. HOCK (ed.), *Historical, Indo-European and Lexicographic Studies: a Festschrift for L. Zgusta on the Occasion of His 70th Birthday*, Berlin: Mouton de Gruyter, 221-231.
- ADRADOS, F. R. 2000. "La Semántica en el *Diccionario griego-español*" in M. MARTINEZ *et al.* (eds.), *Cien años de investigación semántica*, Volume 1, Madrid, 99-110, republished in F. R. ADRADOS and J. R. SOMOLINOS (eds.), 2005, 289-300.
- ADRADOS, F. R., GANGUTIA, E. *et al.* (eds.) 1977. *Introducción a la lexicografía griega*, Madrid: Instituto Antonio Nebrija.
- ADRADOS, F. R. and SOMOLINOS, J. R. 1994. 'The TLG Data Bank, the DGE and Greek Lexicography.' *Emerita* 62: 241-251, republished as "El banco de datos del TLG, el DGE y la lexicografía griega" in F. R. ADRADOS and J. R. SOMOLINOS (eds.), 2005, 193-203.
- ADRADOS, F. R. and SOMOLINOS, J. R. (eds.) 2005. *La lexicografía griega y el Diccionario griego-español*, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- BAMMAN, D. and CRANE, G. 2007. "Computational Linguistics and Classical Lexicography", *Digital Humanities Quarterly*, Autumn, 2007 (www.digitalhumanities.org/dhq).
- BERGK, T. 1882. *Poetae Lyrici Graeci*, Volume 3, Leipzig: Teubner.
- BERKOWITZ, L. and SQUITIER, K. A. 1990. *Thesaurus Linguae Graecae: Canon of Greek Authors and Works*, New York: Oxford University Press.
- BUCK, C. D. and PETERSEN, W. 1944. *A Reverse Index of Greek Nouns and Adjectives*, Chicago: University of Illinois Press, republished 1970, Darmstadt: Olms.
- CHADWICK, J. 1994. "The Case for Replacing Liddell and Scott", *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, 39: 1-11.
- CHADWICK, J. 1996. *Lexicographica Graeca: Contributions to the Lexicography of Ancient Greek*, Oxford: Clarendon.
- CRANE, G. 1991. "Generating and Parsing Classical Greek", *Literary and Linguistic Computing*, 6.4: 243-245.

- DIELS, H. 1905. "Der lateinische, griechische und deutsche Thesaurus", *Neue Jahrbücher für das klassische Altertum Geschichte und deutsche Literatur*, 15: 689-697.
- FIRTH, J. R. 1957. "A Synopsis of Linguistic Theory 1930-55", *Studies in Linguistic Analysis*, Oxford: Philological Society, 1-31, reprinted in F. R. PALMER (ed.), 1968, *Selected Papers of J.R. Firth 1952-59*, London: Longmans, 168-205.
- FRASER, B. L. 2005. "Author-tagging: a Dictionary DTD as Part of the Writing Environment", *Cultural Heritage Language Technologies* (www.chlt.org/lexicon/papers/Author-Tagging.pdf).
- FRASER, B. L. 2008 forthcoming. "Beyond Definition: Organising Semantic Information in Bilingual Dictionaries", To be published in *International Journal of Lexicography*, 21; draft online at www.chlt.org/lexicon/papers/Beyond-Definition.pdf.
- GLARE, P. G. W. 1987. "Liddell & Scott: its Background and Present State" in R. BURCHFIELD (ed.), *Studies in Lexicography*, Oxford: Clarendon, 1-18.
- GLARE, P. G. W. 1997. "Liddell-Scott-Jones: Then and Now", *Hyperboreus*, 3: 205-217.
- HIORTH, F. 1955. 'Arrangement of Meanings in Lexicography.' *Lingua*, 4: 413-424.
- KARLSSON, F. et al. (eds.) 1995. *Constraint Grammar: a Language-independent System for Parsing Unrestricted Text*, Berlin: Mouton de Gruyter.
- KIPFER, B. A. 1984. "Methods of Ordering Senses within Entries" in R. R. K. HARTMANN (ed.), *LEXeter '83 Proceedings: Papers from the International Conference on Lexicography at Exeter, 9-12 September 1983*, Tübingen: Niemeyer, 101-108.
- LOBEL, E. and PAGE, D. 1955. *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*, Oxford: Clarendon.
- MURRAY, J. A. H. 1879. *An Appeal to the English-Speaking and English-Reading Public, to Read Books and Make Extracts for the Philological Society's New English Dictionary*, 2nd edition, Oxford: Clarendon (dictionary.oed.com/archive/appeal-1879-06/p5.html).
- MURRAY, J. A. H. 1884. "The President's Address for 1884", *Transactions of the Philological Society*, 1882-4, 501-531.
- MURRAY, J. A. H. 1888. 'General Explanations' in *OED*, Volume 1, xxiv-xxxiv.
- PANTELIA, M. 2000. "Noûç into Chaos: The Creation of the Thesaurus of the Greek Language", *International Journal of Lexicography*, 13.1, 1-11.
- QUINE, W. V. O. (1992) 'Meaning' in W. V. O. QUINE, *Pursuit of Truth*, Revised Edition, Cambridge MA: Harvard University Press, 37-59.
- RYDBERG-COX, J. A. 2005. "Word Profile Tool", *Cultural Heritage Language Technologies* (www.chlt.org/CHLT/Slip_Sample/index.html).
- SILVA, P. 2000. "Time and Meaning: Sense and Definition in the *OED*" in L. MUGGLESTONE (ed.), *Lexicography and the OED: Pioneers in the Untrodden Forest*, Oxford: Oxford University Press, 77-95.
- SOMOLINOS, J. R. and BERENQUER, J. A. 2005. "El trabajo de documentación en el *Diccionario griego-español*" in F. R. ADRADOS and J. R. SOMOLINOS (eds.), 2005, 105-130.
- ZGUSTA, L. 1987. "Derivation and Chronology: Greek Dictionaries and the Oxford English Dictionary (Dvādaśakośyam)", *Lexicographica Series Maior*, 23: 259-281.
- ZGUSTA, L. 1989. "The Oxford English Dictionary and Other Dictionaries (Aikakośyam)", *International Journal of Lexicography*, 2.3: 188-230.
- ZGUSTA, L. 2006. *Lexicography Then and Now: Selected Essays*, edited by F. S. F. DOLEZAL and T. B. I. CREAMER, *Lexicographica*, Series Maior, 129, Tübingen: Niemeyer.

Lexicografia no início do século XXI: novas perspectivas, novos recursos e suas consequências¹

MARGARITA CORREIA
ILTEC / Fac. Letras, Lisboa
margarita.correia@iltec.pt

1. Introdução

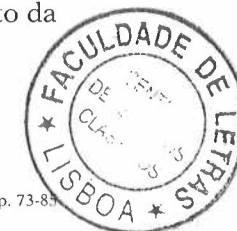
No século XX, a linguística constituiu-se como uma ciência e os dicionários, como repositórios de saber lexical, não poderiam ficar alheios a esse facto.

Nos últimos anos, tornou-se cada vez mais clara a noção de que o léxico de uma língua é um conjunto virtual de unidades lexicais e que, como tal, qualquer trabalho lexicográfico mais não é do que a descrição de um determinado vocabulário. Ora, sempre que a língua em observação é uma língua viva e em evolução, a selecção de palavras a incluir nesse vocabulário, assim como a informação a incluir sobre cada unidade lexical, acabam por constituir alguns dos tópicos mais interessantes e determinantes na realização de qualquer dicionário. A par desta concepção do léxico, a montante e a jusante dela, encontram-se os *corpora* linguísticos computadorizados, assim como as ferramentas computacionais concebidas para o armazenamento e a exploração de dados lexicais. A linguística de *corpus* mudou em muito a forma de fazer linguística e, particularmente, a teoria e a técnica lexicográficas.

Com este trabalho pretende-se mostrar o impacto e as consequências que as novas concepções do léxico e da língua, por um lado, e os recursos computacionais disponíveis, por outro, têm para a lexicografia monolíngue contemporânea. Em suma, procurarei demonstrar como se passou de uma lexicografia geral de cariz mais prescritivo para uma lexicografia essencialmente descritiva e comunicativa. Referirei, por fim, algumas das implicações desta mudança no uso que o falante comum faz do seu dicionário monolíngue.

Neste trabalho, ocupar-me-ei apenas de dicionários monolíngues destinados a serem usados por humanos, deixando de lado o desenvolvimento da lexicografia bilingue e da lexicografia computacional.

¹ Agradeço à Mafalda Antunes o apoio na revisão gráfica deste trabalho.



2. Novas perspectivas: as concepções da língua e do léxico

Com o dealbar da linguística como ciência, no início do século XX, graças sobretudo aos ensinamentos de Saussure e seus seguidores, a língua passou a ser encarada como um objecto de estudo por si própria e a ser alvo de um discurso que, como qualquer discurso científico, se quer descritivo, objectivo, distinto, portanto, do gramaticismo prescritivo predominante ao longo da história. Também o dicionário, repositório de saber lexical de uma língua, tem vindo a incorporar as realizações da linguística e o seu discurso científico próprio, predominantemente descritivo, tendo-se transformado, sobretudo ao longo da segunda metade do século passado, num objecto distinto daquele que conhecíamos e que consistia num instrumento por excelência de normalização linguística. Esta mudança de carácter do dicionário nem sempre tem sido entendida pela sociedade, alheia aos desenvolvimentos da própria linguística e da lexicografia².

Ao longo do século XX, mesmo do ponto de vista científico, a concepção de língua foi-se enriquecendo. De uma concepção de língua como fenómeno social, introduzida por Saussure e seguida por grande parte dos linguistas da primeira metade do século, passou a ver-se a língua também como facto mental, graças, sobretudo, aos trabalhos de Chomsky e seus seguidores, já na segunda metade do século.

Além disso, os estudos em psicolinguística ao longo dos últimos 50 anos proporcionaram-nos um entendimento do modo como adquirimos a língua, materna ou segunda, e do modo como processamos o conhecimento linguístico a nível mental, tendo tido, genericamente, uma importância decisiva para a confirmação das propostas teóricas de Chomsky relativamente ao bioprograma humano para a linguagem. Actualmente as neurociências trazem-nos cada vez mais evidências sobre o modo como a linguagem é processada a nível cerebral.

A partir dos anos 60 do século XX, os trabalhos de Labov trouxeram, ainda, para a ordem do dia a questão da relação íntima entre a língua e a sociedade, tendo-se em conta, nos estudos linguísticos, parâmetros de variação linguística tais como a classe social, a geografia, o sexo ou a situação política dos Estados. Os trabalhos da sociolinguística levaram a que se explicassem e se tomassem como igualmente válidas e dignas de estudo variedades linguísticas pouco reconhecidas socialmente³.

Ao nível dos estudos do léxico, esta mudança teve consequências, como seria de esperar. Uma das principais consequências é a concepção clara de que o léxico de uma língua é um conjunto apenas virtual de unidades lexicais e, portanto, impossível de descrever em intensão. A lexicologia ocupa-se de descrever a estrutura do léxico, o modo como se organiza, as regulari-

² As críticas, tantas vezes injustas, e o debate levado a cabo na imprensa aquando da publicação, em 2001, do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (vulgarmente conhecido como “o dicionário da Academia”) são a prova cabal da incompreensão da sociedade em relação a muitas das características da moderna lexicografia.

³ Cf. TRUDGILL, *Sociolinguistics – An introduction to language and society*, 4.^a ed., Londres, 2000.

dades apreensíveis no léxico, que têm vindo progressivamente a tornar-se mais claras para o observador: o léxico já não é hoje encarado meramente como o repositório das unidades lexicais e suas respectivas idiosincrasias, mas antes como uma componente da gramática que, apesar das suas particularidades (tais como o facto de ser uma componente aberta e em expansão, de limites imprecisos, abrangendo todo o universo conceptual de uma língua⁴), apresenta as suas regularidades próprias e uma forma de estruturação específicas. Trabalhos extensivos em Morfologia, no quadro de modelos associativos como o de Danielle Corbin, contribuíram, também, para a percepção crescente das regularidades internas da componente lexical⁵.

O léxico, como parte de uma língua entendida como facto social, foi estudado durante anos sobretudo ao nível do que efectivamente ocorre na língua, sobretudo no discurso formal escrito e na literatura⁶, como de resto acontece nas chamadas gramáticas tradicionais, de carácter prescritivo. Com a mudança de paradigma, os estudos lexicais passaram também a incorporar a tentativa de entender o modo como o conhecimento lexical é estruturado, adquirido e processado a nível mental e a linguística passou a ver o léxico como uma componente específica da gramática. Uma das consequências da concepção de léxico como módulo gramatical foi o reforço do entendimento das relações estreitas entre léxico e as restantes componentes da gramática e da necessidade de descrever a própria gramática das unidades lexicais como única forma de ter uma melhor apreensão do que é o conhecimento lexical. Tem-se hoje uma percepção mais clara dos diversos tipos de conhecimento associados às unidades lexicais, que vão da sua forma (oral e escrita), à sua estrutura interna, flexão e às relações com palavras da mesma família, aos seus significados e, no caso das unidades de significado lexical, à sua capacidade denominativa, às relações com outras unidades no plano sintáctico, às suas combinatórias, passando pelas relações semânticas que estabelecem com outras palavras. Estes conhecimentos viram-se reforçados também pelos dados da linguística de *corpus*, como bem realça Sinclair a propósito dos estudos sobre as formas inglesas *yield* e *decline* e sobre os “phrasal verbs”⁷.

⁴ Cf. BIDERMAN, Maria Tereza Camargo, *Teoria lingüística*, São Paulo, 2001, p. 179 e *passim*.

⁵ Cf. por exemplo, CORBIN, Danielle, *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, 2 vols., Tubinga, 1987, e restantes trabalhos desta autora, os trabalhos publicados volume da revista *Lexique*, n.º 10 (Villeneuve d'Ascq, 1991), ou CORREIA, Margarita, *A denominação das qualidades em português – contributos para a compreensão da estrutura do léxico português*, diss. de Doutoramento, Lisboa, 1999.

⁶ Matoré, ao referir a confusão entre a lexicologia e outras disciplinas, refere o facto de, frequentemente, os estudos lexicológicos se confundirem com estudos de estilística, dada a confusão entre o estudo do vocabulário de uma época e de uma região e o estudo do estilo de um determinado autor. Estudava-se o vocabulário de autores consagrados, por se acreditar que estes teriam a prerrogativa de contribuir para a evolução da língua (cf. MATORÉ, Georges, *La méthode en lexicologie – domaine français*, Paris, 1959, pp. 10-11).

⁷ Cf. a obra clássica de SINCLAIR, John, *Corpus, Concordance, Collocation*, Oxford, 1991, particularmente os seus capítulos 4, 5 e 6. Cf. também toda a obra de BIBER, Douglas, Susan CONRAD e Randi REPPEN, *Corpus Linguistics – Investigating Language Structure and Use*, Cambridge, U.K., 1998, que, ao longo das suas 300 p., nos oferece uma panorâmica bastante informativa dos vários tipos de estudos realizados até à data em linguística de *corpus*.

Em paralelo, é ao nível da psicolinguística que encontramos os primeiros grandes avanços no sentido de compreender a natureza, a aquisição e o processamento do saber lexical. O léxico mental passa a ser alvo de estudos sistemáticos e é hoje praticamente consensual o facto de que, na estruturação deste léxico mental, são absolutamente essenciais as relações que as palavras estabelecem entre si⁸ e que podem ser de natureza diversa – formal (homofonia, homografia, homonímia, paronímia), morfológica (palavras da mesma família), semântico-conceptual (sinonímia, oposição, hiponímia/hiperonímia, meronímia/holonímia e, sobretudo mais recentemente, em parte graças às propostas de Pustejovski, outro tipo de relações como causa-efeito, matéria-produto, etc.)⁹. O léxico passou, então, a ser entendido como uma rede de itens lexicais (daí o conceito de *wordnet*), ligados por nexos semânticos e conceptuais, indispensáveis à estruturação do léxico.

3. Novos recursos: o desenvolvimento da informática

Ao longo da segunda metade do século XX, o progresso da micro-informática desencadeou, de acordo com linguistas como Sardinha, “uma verdadeira revolução no pensamento linguístico, com implicações sérias sobre como respondemos a questões fundamentais, tais como o que é a língua, como ela é organizada, como deve ser estudada, como deve ser ensinada. A mola propulsora dessa revolução é a tecnologia, mais especificamente o computador”¹⁰. O desenvolvimento das capacidades de armazenamento e de gestão de grandes quantidades de informação, assim como as crescentes capacidades de pesquisa (semi-)automatizada cada vez mais avançadas, tiveram conseqüências directas para a linguística e, conseqüentemente, para o trabalho lexicográfico. No âmbito deste trabalho, iremos deter-nos em duas linhas de desenvolvimento fundamentais: o desenvolvimento de *corpora* e o incremento do armazenamento de informação em bases de dados.

As fontes: os corpora

Corpus linguístico não é um conceito novo em linguística, embora alguns muitas vezes o esqueçam. Desde sempre, os linguistas sentiram necessidade de coligir dados linguísticos que servissem de ponto de partida para as suas pesquisas, numa perspectiva empírico-indutiva, ou que pudessem confirmar as suas hipóteses de trabalho, quando adoptavam uma perspectiva hipotético-dedutiva. Dubois *et al.* incluem a entrada “*corpus*” no seu dicionário, explicitando que este é constituído pelos dados (passagens, frases, conjuntos de frases, palavras, ...), tomados de um universo, que serão submetidos a análise linguística¹¹.

⁸ Cf. AITCHINSON, Jean, *Words in the Mind*, Cambridge, Mass. e Oxford, U.K., 1987.

⁹ Cf. PUSTEJOVSKI, James, *The Generative Lexicon*, Cambridge, Mass., 1995.

¹⁰ SARDINHA, Tony Berber, *Linguística de Corpus*, Barueri-SP, 2004, p. xvii (prefácio da obra).

¹¹ Cf. DUBOIS, Jean *et al.*, *Dicionário de Linguística*, 8.ª ed. da tradução brasileira, 2001 (ed. original, *Dictionnaire de Linguistique*, Paris, 1973), s.v. *corpus*.

Quando, porém, se fala em *corpus* actualmente, pensa-se em *corpus* computadorizado. Ainda que sejam diversas as suas actuais definições, podemos definir *corpus*, no âmbito deste trabalho, seguindo Sardinha que, por seu turno, cita Sanchez e Cantos, como “Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum dos seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise”¹².

Desde 1964, quando foi lançado o primeiro *corpus* linguístico electrónico, o Brown University Standard Corpus of Present-day American English, que continha um milhão de ocorrências, quantidade notável para a época¹³, até aos nossos dias, as capacidades de armazenamento de dados têm possibilitado a compilação de *corpora* progressivamente mais vastos e mais representativos da língua. Tal facto, tem contribuído decisivamente para o desenvolvimento dos estudos linguísticos, dando origem àquilo que hoje alguns defendem ser uma disciplina específica – a linguística de *corpus* – e, indiscutivelmente, para o desenvolvimento da lexicografia.

Para a língua portuguesa, destaquem-se três *corpora* com impacto na lexicografia desta língua: a) o *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo, desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, sob a coordenação de Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, do qual dados foram usados na confecção do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*; b) o *corpus* do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP), sob a coordenação de Francisco da Silva Borba, que serviu de base à elaboração do *Dicionário de Usos do Português do Brasil*; c) o *corpus* do projecto *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI a XIX*, ainda em desenvolvimento, sob a coordenação de Maria Tereza Biderman, também da UNESP de Araraquara.

A compilação de vastos *corpora* textuais como base para o trabalho lexicográfico permitiu o desenvolvimento de toda uma lexicografia baseada em *corpus*, que, de acordo com Biber, Conrad e Reppen, permite abordar seis questões fundamentais para a lexicografia: 1) Quais os significados associados a uma determinada palavra?; 2) Qual a frequência de uma palavra relativamente a outras palavras relacionadas?; 3) Que padrões de associação não-linguísticos tem uma determinada palavra (ex.: registos, períodos históricos, dialectos)?; 4) Que palavras co-ocorrem vulgarmente com uma palavra particular e qual a distribuição dessas seqüências combinatórias (“collocational”) ao longo dos diferentes registos?; 5) Como se distribuem os sentidos e usos de uma determinada palavra?; 6) Como são usadas e qual a distribuição de palavras aparentemente sinónimas?¹⁴

¹² SARDINHA, Tony Berber, *op. cit.*, p. 18.

¹³ Cf. SARDINHA, Tony Berber, *op. cit.*, p. 1.

¹⁴ Cf. BIBER, Douglas, SUSAN CONRAD e RANDI REPPEN, *op. cit.*, pp. 23-24 e ss.

A maioria dos estudos que se têm desenvolvido nos últimos anos sobre combinatórias (entendidas aqui em sentido amplo como associações frequentes de palavras, que vão desde os compostos sintagmáticos às fraseologias que admitem maior ou menor grau de variação interna) têm sido desenvolvidos com base na análise de *corpora*. Muita da lexicografia que hoje se pratica a nível internacional é uma lexicografia baseada em *corpus*, o que tem permitido uma descrição mais pormenorizada e próxima do uso efectivo das unidades lexicais em situações concretas de uso.

O armazenamento: o incremento da memória dos computadores e o desenvolvimento das bases de dados

O desenvolvimento da informática abriu, ainda, a possibilidade de armazenar a informação em bases de dados digitais, não apenas tornando possível armazenar de modo estruturado quantidades de informação antes inimagináveis, como, sobretudo, de levar a cabo pesquisas rápidas e eficientes nessas bases de dados, agilizando significativamente o trabalho do lexicógrafo. Hoje em dia, o recurso a bases de dados torna muito mais fácil obedecer, por exemplo, a critérios de sistematicidade da obra lexicográfica.

Além disso, as bases de dados apresentam uma característica não negligenciável, que é a reusabilidade dos dados, isto é, a possibilidade de reaproveitar, corrigir e/ou adicionar constantemente os dados contidos nas bases de dados, dando azo à produção, em tempo reduzido, de edições específicas de dicionários com diferentes tamanhos, formatos e visando públicos-alvo distintos (ex.: uma editora de dicionários como a casa Le Robert, em Paris, pôde com relativa facilidade, a partir da sua base de dados, produzir, o *Petit Robert*, o *Grand Robert*, o *Robert Méthodique*, o *Robert Junior*, o *Robert Micro*, o *Robert de Poche*, o *Robert pour tous*, etc., para falarmos apenas dos dicionários monolíngues desta editora). A reusabilidade dos dados permite, ainda, a produção frequente de edições revistas e actualizadas do mesmo dicionário, como tem sido o caso, nos últimos anos, do dicionário geral monolíngue da Porto Editora.

Ainda que a produção de um dicionário de raiz seja um projecto extremamente caro e moroso (daí que tantos dicionários existentes no mercado mais não sejam do que antigos dicionários com novas roupagens), a possibilidade de reusar os dados do modo descrito faz com que um projecto deste tipo possa hoje ser encarado como um investimento a longo prazo e que pode ser constantemente rentabilizado. É de lamentar, portanto, que em projectos de dicionário com estas características, produzidos em contexto não-empresarial, esta filosofia não tenha ainda sido incorporada e o investimento feito para a produção de um dicionário não seja rentabilizado para a produção de outros, corrigidos, mais actuais e melhores.

4. Breve panorâmica da lexicografia portuguesa no início do séc. XXI

Ao desenvolvimento da lexicografia nos últimos anos não foi indiferente o desenvolvimento do ensino de línguas estrangeiras. Mais do que os grandes

projectos de lexicografia baseada em *corpora* iniciados na segunda metade do século XX, de que o projecto do *Trésor de La Langue Française* (1971-1994) é significativo exemplo, aquilo que mais caracteriza a lexicografia moderna é o desenvolvimento de uma quantidade significativa de dicionários monolíngues destinados à aprendizagem de grandes línguas internacionais, particularmente da língua inglesa¹⁵. Trata-se de dicionários de pendor predominantemente descritivo (e não normativo), dando conta do uso real que é feito da língua, visando a descrição do vocabulário da chamada língua corrente, fornecendo informação pertinente não apenas para a função de compreensão linguística, mas também, e de forma significativa, informação pertinente para a função de produção e para o alargamento do vocabulário do consulente (informação gramatical, relativa a relações entre palavras, etc.). São exemplos de dicionários deste tipo:

- o *Collins COBUILD English Dictionary* (1.^a ed.: 1987) e o *Longman Dictionary of Contemporary English* (1.^a ed.: 1978), para o Inglês;
- o *Dictionnaire du Français Contemporain* (1966) e o *Lexis* (1.^a ed.: 1975), para o Francês;
- o *Diccionario de Uso del Español* (1.^a ed. 1967), de María Moliner, para o Espanhol;

Para a língua portuguesa, o único dicionário inteiramente baseado em *corpus* de que temos conhecimento é o *Dicionário de Usos do Português do Brasil*, de Francisco da Silva Borba, com primeira edição em 2002. Dicionários modernos, em termos de concepção e metodologia destinados à aprendizagem da língua portuguesa, são o *Dicionário do Português Básico*, de Mário Vilela (Porto, 1990), o *Dicionário Contemporâneo do Português*, de Maria Tereza Biderman (São Paulo; 1992; reeditado em 1998, com o título *Dicionário Didático de Português*) e o *Dicionário da Língua Portuguesa – Verbo* (Lisboa, 2006), embora nalguns casos não sejam completamente explícitos quanto ao uso que fazem de *corpora* textuais para a sua elaboração ou, noutros, não os tenham mesmo usado. Como pode verificar-se, a lexicografia baseada em *corpus* e a lexicografia de aprendizagem levaram algum tempo a desenvolver-se em Portugal e no Brasil.

Nos primeiros anos do presente século, Portugal conheceu a publicação de três dicionários gerais de língua que enriqueceram decisivamente a oferta lexicográfica do nosso país: o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (DLPC), em 2001, a versão *Portuguesa do Dicionário Houaiss da Língua*

¹⁵ Também no passado, o desenvolvimento da lexicografia beneficiou do desenvolvimento do ensino de línguas não-maternas: "A lexicografia começou a estruturar-se como disciplina linguística desde a primeira metade do século XVI, em vários centros humanísticos europeus. Foi inicialmente motivada pelas solicitações do ensino do latim como língua não materna, e encontrou na técnica tipográfica uma condição determinante para a sua configuração e difusão" (p. 15). – VERDELHO, Telmo, "Dicionários portugueses, breve história", in NUNES, José Horta e PETTER, Margarida (orgs.), *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*, São Paulo, pp. 15-64.

Portuguesa, em 2002-2003, e o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*¹⁶, em 2004. Tendo sido elaborado de raiz, o DLPC, com todos os seus erros, as suas faltas de sistematicidade e as escolhas discutíveis que apresenta, é aquele que, como projecto de dicionário, mais se aproxima daquilo que pode ser considerado um dicionário concebido de acordo com os recentes avanços da lexicografia: ele incorpora avanços da lexicografia de aprendizagem desenvolvida nos últimos anos. Assumindo-se como um dicionário geral de língua, ele funciona, também, como um dicionário apto para a compreensão e a produção em português europeu, incorporando um acervo importantíssimo de informação gramatical sobre cada uma das entradas que descreve e uma micro-estrutura rica e bem estruturada, contemplando uma quantidade de remissões que possibilitam o enriquecimento vocabular dos seus consulentes.

5. Consequências para a lexicografia contemporânea

Os dicionários que hoje se publicam não poderiam ser indiferentes a todas as mudanças de perspectiva e ao surgimento de novos recursos descritos anteriormente. Os dicionários contemporâneos são necessariamente diferentes dos que conhecemos no passado, tendo incorporado os efeitos dessas mudanças, embora nem sempre com os efeitos mais desejados, nem contando com a aceitação do público geral. Nas linhas que se seguem, referiremos algumas das características dos dicionários gerais de língua modernos que os distinguem dos seus antepassados.

A primeira grande mudança do dicionário geral de língua tem a ver a sua representatividade. Numa lexicografia baseada em *corpora*, as palavras não podem ser inseridas na nomenclatura do dicionário apenas com base na intuição do lexicógrafo, mas sim com base em critérios rigorosos que vão da frequência de ocorrência de um item no *corpus*, à sua representatividade no tipo de discurso cujo vocabulário se pretende retratar. Deste modo e dado que o léxico é hoje claramente entendido como sendo impossível de descrever em extensão, um dicionário contemporâneo, por muito extenso que seja, não pode arrogar-se a capacidade de representar todo o léxico da língua, como no passado, quando implícita ou explicitamente tinha essa pretensão¹⁷.

¹⁶ Este dicionário, publicado pela Porto Editora, não apresenta exemplos de uso nem abonações e a sua informação gramatical limita-se à indicação da categoria ou categorias a que corresponde cada uma das suas entradas, características que fazem dele um dicionário apto apenas para a função de compreensão ou descodificação. Tem, no entanto, a virtude de ser o dicionário de língua portuguesa de nomenclatura mais extensa (cerca de 130.000 entradas) que apresenta transcrição fonética dos lemas.

¹⁷ Torna-se, portanto, difícil de compreender que um dicionário publicado no início do século XXI, da dimensão do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, apresente nas versões brasileira e portuguesa da sua "Introdução" afirmações do tipo das seguintes, sem fornecer qualquer pista concreta sobre as efectivas opções metodológicas assumidas na sua composição: «Do trabalho geral resultou uma obra de cerca de 228.500 unidades léxicas que não privilegia determinada faixa cronológica e geográfica da língua. Versa diacronicamente sobre fenómenos

Os bons dicionários de hoje são representativos de fatias bem delimitadas do léxico de uma língua, de vocabulários claramente delimitados em função de critérios como a frequência de ocorrência das palavras e o seu interesse para o público-alvo visado pelo dicionário.

Outra das consequências do uso de *corpora* prende-se com o tipo de exemplificação que é feita do uso das unidades lexicais. Não pretendemos afirmar, neste trabalho, que até à actualidade não tenham sido usados *corpora*, no sentido mais lato deste termo, para a confecção de dicionários: já no seu *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728), Raphael Bluteau destaca a importância de um *corpus* de referência formado por autores portugueses para a confecção do dicionário¹⁸. Também a descrição lexicográfica de grandes projectos clássicos de dicionários de língua inglesa como o *Dictionary of English Language*, de Samuel Johnson (1755) e o *Oxford English Dictionary* (elaborado a partir dos anos 60 do século XIX) se basearam na compilação de vastos conjuntos de excertos de autores literários¹⁹. A diferença entre os dicionários modernos e os seus antepassados é que as fontes usadas não se limitam a ser textos de escritores consagrados pela sociedade, mas são constituídas por textos representativos dos mais diversos registos linguísticos (formal e informal, escrito e oral, científico, jornalístico, pedagógico, etc.). Como consequência, os dicionários modernos não apresentam apenas abonações (excertos retirados de obras do cânone literário destinados a abonar, a validar, a indicar o "bom uso" das palavras), mas, sim, exemplos retirados

não apenas do português contemporâneo do Brasil e de Portugal, mas ainda, embora de forma selectiva, sobre vocábulos da língua antiga e da arcaica (...).

Outra característica da obra é a sua vocação lusófona, que a fez debruçar-se sobre dialectalismos tanto brasileiros como portugueses, assim como registar e definir na sua nomenclatura palavras e locuções dos crioulos orientais e africanos de origem portuguesa, além de vocábulos de outros idiomas – por exemplo do chinês e de algumas línguas africanas –, incorporados ao nosso léxico por se registarem em obras literárias cujo meio de expressão foi o português» (VILLAR, Mauro, "Introdução", *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, versão portuguesa, Lisboa, 2002-2003, p. xv – sublinhados meus).

Poucos estudos metalexigráficos foram, ainda levados a cabo sobre o *Dicionário Houaiss*, que, a meu ver, foi aceite acriticamente pela sociedade de fala portuguesa como a obra lexicográfica de referência contemporânea, mas que, no caso da versão portuguesa, provavelmente pelas limitações impostas à sua adaptação, acaba por se constituir como um objecto híbrido, assistemático e incoerente, que não representa já o léxico da variedade brasileira, mas que está muito longe de ser representativo do léxico português. Refiram-se BIDERMAN, Maria Tereza Camargo, "Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss", in ISQUERDO, Aparecida N. & KRIEGER, M. da Graça (orgs.), *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, Vol. II, Campo Grande (MS-Brasil), 2004, pp. 185-200 e CORREIA, Margarita, "Versão portuguesa *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*: um dicionário do português europeu?", in MIYARES, Leonel Ruiz, ALVARADO, Alex Muñoz & MORENO, Célia Alvarez (eds.), *Actas – X Simpósio Internacional de Comunicación Social Santiago de Cuba*, Santiago de Cuba, pp. 270-274.

¹⁸ *Apud* MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo, "D. Raphael Bluteau: marco na lexicografia portuguesa de setecentos", in MURAKAWA, C. A. A. e GONÇALVES, Filomena (orgs.), *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*, Araraquara - SP, 2007, pp. 159-188 (p. 165).

¹⁹ Cf. BIBER, Douglas, CONRAD, Susan e REPPEN, Randi, *op. cit.*, 1998, p. 22.

das mais diversas fontes e destinados, sobretudo, a dar conta do uso efectivo, real da língua.

Se o dicionário se propõe descrever o uso efectivo dos itens lexicais por parte dos falantes, podemos entender que acabem por registar usos que, de acordo com a norma vigente são usos indevidos, corruptelas, mas que são efectivamente frequentes no uso quotidiano. Entende-se, assim, que o DLPC, por exemplo, tenha registado o uso do adjectivo *solarengo* com o sentido de “banhado pelo sol” – o que não pode aceitar-se é que essa acepção não tenha sido alvo de uma marca de uso que permita ao consulente saber que, embora se diga, a norma ainda considera esse uso errado e que, portanto, deverá recorrer ao adjectivo *soalheiro*.

Dada esta preocupação em retratar o uso efectivo da língua, os dicionários de hoje têm a preocupação de retratar a variação lexical, não apenas a variação diatópica e a diacrónica – como já ocorria, de resto, ainda que de forma assistemática –, mas também a variação diastrática e a diafásica. Justifica-se, portanto, que o DLPC tenha inserido na sua nomenclatura a forma *bué*, dado tratar-se de uma forma de alta frequência no português informal contemporâneo dos estratos mais jovens da população – o que não se pode aceitar é que as entradas propostas para *bué* não tenham sido alvo de nenhuma marca de uso que as assinale como formas próprias de um registo muito informal da linguagem, próprio de adolescentes e jovens, não se tratando, portanto, de unidades passíveis de ser usadas em qualquer contexto, como o seu registo não marcado deixa supor.

Os exemplos de uso são um complemento da informação gramatical, que passa a ocupar um espaço cada vez mais alargado não apenas no interior do artigo lexicográfico, como em apêndices constituintes da macro-estrutura do dicionário. Além da categoria, informação gramatical clássica que qualquer dicionário de língua comporta, o dicionário passou a incorporar informação relativa a subcategoria (ex.: nome contável *vs.* nome não-contável), flexão (especialmente a não regular), estrutura argumental de verbos, regências, combinatórias (co-ocorrências privilegiadas), palavras derivadas (por exemplo, indicação de advérbios em *-mente* derivados de adjectivos que constituem lemas), etc. A incorporação crescente de informação gramatical na micro-estrutura do dicionário tem vindo a esbater as tradicionais fronteiras entre a descrição própria da gramática (a das regularidades da língua), por oposição ao dicionário (comummente considerado repositório das idiosincrasias próprias de cada item lexical).

Como consequência da visão do léxico como “rede” de itens, os dicionários de hoje apresentam um número cada vez mais significativo de remissões para outros artigos, relativos a unidades relacionadas com aquela em análise. A remissão é o meio disponível, nos dicionários impressos, necessariamente organizados por ordem alfabética, para o estabelecimento dessas ligações entre artigos impressos necessariamente em pontos distintos da obra. Já nos dicionários publicados em suporte digital (CD-Rom), mais leves, de consulta mais fácil e mais baratos, a representação destas relações é muitíssimo mais eficiente: graças ao recurso a hiperligações, o consulente pode navegar no seu dicionário de forma eficiente e agradável. Infelizmente, porém, em Portugal

as entidades responsáveis pela publicação de dicionários (salvo honrosas excepções) continuam a considerá-los produtos de luxo, destinados apenas a pequenas elites, continuando, portanto, a apostar em edições impressas desnecessariamente luxuosas e inaceitavelmente caras, e não investindo, por exemplo, na disponibilização de edições em CD-Rom (além de edições impressas económicas, acessíveis a todos os públicos, como acontece com os grandes dicionários das grandes línguas mundiais).

Os dicionários em suporte digital permitem também facilidades de consulta antes inimagináveis. Com um bom dicionário em CD-Rom é possível, por exemplo, encontrar palavras com determinadas terminações, entradas que contenham determinada palavra na definição. Para quem trabalha em lexicologia ou em metalexicografia, por exemplo, estas possibilidades são de extrema importância.

Os dicionários incorporam uma quantidade cada vez maior de informações distintas sobre cada unidade lexical. Esta incorporação tem conduzido a uma complexificação crescente da microestrutura lexicográfica – é cada vez mais complexo o sistema de representação e diferenciação gráfica dos diferentes tipos de informação nela incorporados (fontes tipográficas diferentes, maiúsculas, negros, itálico, símbolos diversos). Esta complexificação é de tal ordem que acreditamos que a maioria dos consulentes não é capaz de a descodificar (apesar de os bons dicionários incorporarem actualmente “guias do dicionário”, onde é explicitada a estrutura dos artigos) e, infelizmente, os professores de língua não estão geralmente alertados para esta questão, não ensinando os estudantes a tirar o melhor partido do dicionário, pressupondo um conhecimento que eles efectivamente não têm.

De tudo o que temos vindo a expor, verificamos que a lexicografia deixou de privilegiar a faceta prescritiva que a caracterizou durante séculos, para centrar os seus esforços numa tentativa de descrição o mais eficiente possível das unidades lexicais tal como são efectivamente usadas e de tudo o que sobre elas sabemos actualmente.

Chamaremos a esta lexicografia de pendor descritivo “lexicografia comunicativa”, por duas razões: em primeiro lugar, porque se trata efectivamente de uma lexicografia centrada no consulente, visando incrementar o seu domínio da língua, a sua produção linguística (para além da mera compreensão) e a sua capacidade comunicativa; em segundo lugar, para retomar a designação de “Teoria Comunicativa da Terminologia” proposta por Maria Teresa Cabré para a sua abordagem teórica do trabalho terminológico²⁰, e que no fundo se apresenta, na minha opinião, como uma tentativa de trazer para o âmbito do estudo e da descrição das terminologias científicas e técnicas as práticas que a lexicografia de pendor descritivo desenvolveu sobretudo a partir das décadas de 60 e 70 do século XX, com resultados muito profícuos para ambas as disciplinas.

²⁰ Cf. CABRÉ, Maria Teresa, “Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación”, in CORREIA, Margarita (org.). *Terminologia Desenvolvimento e Identidade Nacional – Actas do VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia* [comunicação apresentada em 1998], Lisboa, pp. 41-60.

6. Uma lexicografia meramente descritiva tem valor social?

Ao longo deste trabalho temos vindo a mostrar que, se os dicionários que hoje conhecemos são diferentes dos dicionários do passado e fonte de muitas perplexidades, tal não acontece por acaso e é fruto do próprio desenvolvimento da ciência linguística e da lexicologia, assim como do desenvolvimento tecnológico.

Vimos que os dicionários hoje se constituem como instrumentos privilegiados de promoção da comunicação linguística, em língua materna, segunda ou estrangeira, nas suas vertentes de compreensão, mas também de produção. Vimos que os dicionários perderam, portanto, o carácter fundamentalmente prescritivo que os caracterizou durante séculos.

Mas a verdade é que, se os dicionários mudaram, o seu público não mudou ao mesmo ritmo e, hoje como antes, o consulente continua a ver no dicionário um instrumento normalizador, um repositório de usos correctos, uma resposta para as suas dúvidas, enfim, o “manual de tira-teimas” que às vezes se refere. Mais do que explicações, o consulente do dicionário procura respostas concretas para perguntas do tipo: Posso dizer isto? Esta expressão é correcta? Farei boa figura se usar esta palavra? Em suma, o dicionário é, ainda, para o consulente, um orientador dos usos.

Além disso, o dicionário é (ou deveria ser) um instrumento pedagógico, útil para a aprendizagem de uma língua estrangeira, mas também para o estudo da língua materna, na escola. Ora, o ambiente linguístico em que vivemos em Portugal, a nível escolar, pode caracterizar-se por ser um ambiente em que as atitudes dominantes oscilam entre a mera imposição da norma culta e o bidialectalismo (aceitação do dialecto do aluno como objecto de estudo, mas imposição do uso da norma linguística)²¹. Por outro lado, o mercado de trabalho é muitas vezes implacável relativamente aos usos “incorrectos” da língua, aos usos violadores da norma instituída. Deste modo, é desejável que o falante tenha ao seu dispor obras que lhe indiquem o modo “correcto” de falar, porque vai precisar de falar desse modo em diversos contextos de comunicação ao longo da sua vida.

Ora, o modo de conciliar uma lexicografia comunicativa moderna com estas prerrogativas passa, a meu ver, por um tratamento muito cuidadoso da variação, particularmente da diastrática e da diafásica, assim como dos usos não canónicos mas frequentes de determinadas unidades lexicais (muitas vezes indícios de mudanças em curso na língua), e do uso coerente e sistemático de marcas de uso no interior da microestrutura que possam tornar o dicionário capaz de conciliar as suas duas perspectivas fundamentais, a descritiva e a prescritiva, que, afinal, não são, nem podem ser, incompatíveis, mas devem, isso sim, ir de mãos dadas na produção lexicográfica²².

²¹ Cf. TRUDGILL, Peter, *op. cit.*, p. 198-203.

²² Um trabalho interessante a realizar é verificar como o *Dicionário de Língua Portuguesa*, da Editorial Verbo, editado em 2006 com apoio do Ministério da Educação e assumidamente destinado ao uso em contexto de estudo da língua materna, trata a variação e até que ponto usa de forma eficiente as marcas de uso.

Assim, ainda que a lexicografia portuguesa muito se tenha desenvolvido nos últimos anos, muitos desafios novos se lhe colocam neste início de século e de milénio e muito trabalho se encontra ainda por realizar. Assim a sociedade portuguesa possa ultrapassar alguns preconceitos e traumas sentidos nos últimos anos e continuar a apostar na produção de uma lexicografia de qualidade, moderna, bem como no estudo do dicionário, na metalexiconografia, como modo privilegiado de contribuir para o seu aperfeiçoamento.

ABSTRACT: Contemporary general monolingual dictionaries are much different from their ancestors: these were almost exclusively concerned with prescription, with the representation of the “correct” usages of lexical units, while present-day dictionaries are more concerned with the description of the effective usage of words. This fact is not always well understood by dictionary users, still acquainted with ancient models of the dictionary. This paper presents the main causes which gave rise to this change of paradigm, focusing recent approaches to lexical studies, *corpus* linguistics and the development of efficient databases, as well as the development of a learning lexicography. Main changes in the body of the dictionary will be referred, and some discussion about the role of dictionaries in contemporary Portuguese society, and about their prescriptive or descriptive character will be held.

KEYWORDS: Lexicography; learning dictionary; general language dictionary.

O adjectivo *Morsimos* na poesia grega arcaica

MARIA DO CÉU FIALHO

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra

Pelo seu próprio nexu etimológico com *μοῖρα* e *μόρος*, o adjectivo *μόρσιμος* estava, à partida, vocacionado para uma associação qualificativa com substantivos pertencentes ao âmbito da verbalização da experiência humana de tempo, de um tempo de historicidade de cada homem, ou do homem, vivido na especificidade do que a cada um toca e individualiza e define a sua própria vida.

A raiz do termo impregna o substantivo que o acompanha – e a vivência traduzida nele – com aquela marca de inevitabilidade e exclusividade existencial que reconhecemos em *μοῖρα* e *μόρος*. Por estar intrinsecamente ligado à expressão de uma experiência de temporalidade da existência humana de cada um, será adequado proceder a uma breve reflexão sobre o modo como, na Grécia Arcaica, se sentia e exprimia a vivência do tempo humano.

Determinantes foram, para a compreensão desta problemática, os trabalhos de H. Fränkel, “Die Zeitauffassung in der frühgriechischen Literatur” e “*Ephemeris* als Kenntwort für die menschliche Natur”, publicados pela primeira vez em 1955¹. As publicações do insigne helenista consolidaram a tradição de investigação hermenêutica sobre este assunto, iniciada na primeira metade do século passado com os estudos sobre o sentido de *αἰών*, da autoria de C. Lackeit² e de Festugière³. Na esteira de Fränkel destaque, entre outros, os trabalhos de S. Accame⁴, E. Degani⁵, C. Eggers Lan⁶ e, mais recentemente, o monumental livro de M. Theunissen⁷, dedicado à expe-

¹ In: *Wege und Formen frühgriechischen Denkens*, München, 1955. A edição utilizada neste trabalho é a terceira, de 1968.

² C. LACKEIT, *Aion: Zeit und Ewigkeit in Sprache und Religion der Griechen*, Diss. Königsgberg, 1916.

³ A. J. FESTUGIÈRE, “Le sens philosophique du mot ΑΙΩΝ”, *PP*, 4, 1949, 172-189.

⁴ S. ACCAME, “La concezione del tempo nell’età omerica e arcaica” *RFIC*, N.S. 39, 1961, 359-394.

⁵ E. DEGANI, *ΑΙΩΝ da Omero ad Aristotele*, Padova, 1961.

⁶ C. EGGERS LAN, *Las nociones de tiempo y eternidad de Homero a Platon*, Univ. Auton. Mexico, 1984.

⁷ M. THEUNISSEN, *Pindar. Menschenlos und Wende der Zeit*, München, 2000.

riência de tempo em Píndaro, com uma profundidade que ela há muito merecia, encarando, metodologicamente, o discurso poético nas suas referências filosóficas, que procura recuperar como um metadiscorso coerente.

Perante a riqueza do investimento hermenêutico já operado sobre a poesia grega arcaica no que toca à vivência e expressão do tempo, difícil se torna lograr algum espaço do ainda não dito. Contudo, a reflexão filológica sobre o adjectivo μόρσιμος obriga-nos a uma prévia reflexão sobre os caminhos da experiência de tempo humano.

Χρόνος, consoante o notou Fränkel⁸, assume, em Homero, o carácter de uma duração tendencialmente longa, na qual os acontecimentos ocorrem, sem que o tempo – χρόνος seja sujeito desse acontecer. Ele assinala sempre uma duração, nunca um momento. Se atentarmos no modo como o poeta formula o conhecimento privilegiado do adivinho Calcas quanto ao que no tempo aconteceu ou acontece, verificamos que tais acontecimentos se deixam verbalizar como coisificados e quase como espacialmente localizados. Sirva de exemplo o famoso verso da *Ilíada* e o que parece exprimir, ainda que de modo bastante tímido, dos primeiros vestígios de uma incipiente consciência de planos temporais (*Il.* 1. 70):

ὅς ἤϊδη τά τ'έόντα τά τ'έσσόμενα πρό τ'έόντα,

É, então, ao dia homérico, ἡμᾶρ, que está destinado receber essa carga expressiva existencial de tempo humano, germe da consciência de temporalidade e historicidade que da lírica para a tragédia desabrochará em plenitude. O termo ἡμᾶρ tanto pode exprimir, em Homero, a unidade temporal, *cronométrica*, como a especificidade vivencial de um momento que marca, decisivamente, a existência de um homem e a determina e define. A coloração dessa vivência é conferida pelo adjectivo que qualifica o nome. A oscilação de uma para outra percepção de ἡμᾶρ é compreensível, se atendermos à consciência que a épica deixa transparecer daquela incerteza que marca o herói homérico sobre o seu amanhã, e que é simultânea da consciência da sua mortalidade: experiência que toca o próprio Aquiles, que a si mesmo se define, perante a mãe imortal, como μινυθᾶδιος – de existência curta, isto é, mortal (*Il.* 1. 352).

Assim se compreende que, para além da qualificação com adjectivos como ἐλευθερόν, δούλιον, ἀναγκαῖον, νόστιμον, ὄρφανικόν, se constitua um grupo semântico de adjectivos que colorem preferencialmente o conteúdo do ἡμᾶρ homérico. Dele fazem parte κακόν, νηλεές, ὀλέθριον, αἴσιμον, μόρσιμον.

Consoante o nota Theunissen⁹, este dia como negatividade corresponde à expressão da própria morte, vivida no tempo, um tempo derradeiro, que é revelação final e certa no contexto da incerteza do *continuum* de unidades cronométricas em sequência contínua. Essa incerteza, nota ainda o autor,

⁸ H. FRAENKEL, "Die Zeitauffassung in der frühgriechischen Literatur", pp. 1-2.

⁹ *Op. cit.*, p. 27.

converte-se, da mudança homérica de um dia para outro dia, na mudança da fortuna, que constitui o tom de fundo da poesia lírica¹⁰.

A dependência desse 'dia' ou do dia como expressão de toda a fragilidade e incerteza do que é humano, porque é humano e mortal, a definirá Píndaro na *P.* 8, definindo o homem, como ἐπάμερος, ou ἐφήμερος, em falar ático.

O termo αἰών, que tão expressiva fortuna há-de conhecer na poesia grega posterior, tem em Homero, em contrapartida, essencialmente o valor de 'impulso vital', ainda que, excepcionalmente, dê já sinal, na épica, de uma abertura semântica a 'duração do impulso vital' – refiro-me, entre outros passos, a *Il.* 9.415 (δηρὸν... αἰών) e *Il.* 4. 478 (μινυθᾶδιος... αἰών)¹¹ – que deixa antever a futura aceção de 'tempo de duração da existência' ou, pura e simplesmente, de 'existência'. É este o termo que herdará, ainda que marcado pela plurissignificação, a capacidade de exprimir a vivência do tempo humano, dada na sua diversidade através dessa plurissignificação. É particularmente expressivo o caso de Píndaro.

A par da 'doce existência' (μείλιχος αἰών, *P.* 8. 96-97), ou da existência ilustre (κλυτὰς/αἰώνος, *P.* 5. 5-8), o poeta canta-nos o θνατὸς αἰών (*N.* 3. 75) que, graças ao qualificativo, como já referi em outro lugar, se torna quase sinónimo de 'condição humana'¹². O referido substantivo, tal como o ἡμᾶρ homérico, adquire conteúdo interno e definição própria através do adjectivo que o acompanha¹³. Esse adjectivo é, com razoável frequência, μόρσιμος. Que exprime, então, esse αἰών μόρσιμος da *O.2*, em que se reúne riqueza, felicidade e virtudes congénitas, senão a própria existência, vivida como destino, que avança até ao termo, próxima da própria *moira*?

Mas no caso de *I.7.39a-42*, onde o eu lírico de Píndaro canta a velhice (γῆρας) que o envolve e impele ἔς τε τὸν μόρσιμον αἰώνᾱ, o fim de tudo, esta expressão, por oposição ao decorrer da velhice, mais do que *dies fatalis*, significa a própria morte. É que a expressão assinala aqui, por um lado, o desenlace da velhice. Por outro lado, torna-se compreensível que a morte, pela 'Sorge' que a antecipa, e que é bem perceptível na lírica arcaica, se reflecte e colora a própria disposição humana no decorrer da sua mortal existência.

A utilização do adjectivo em contextos em que a concordância não diz respeito a termos de 'tempo', como é o caso de *Od.* 16.391-392 deixa clara a sua aceção como 'destinado', 'marcado pelo destino'¹⁴:

..... ἡ δέ κ' ἔπειτα
γῆμαιθ' ὅς κε πλεῖστα πόροι καὶ μόρσιμος ἔλθοι.

¹⁰ *Ibid.*, p. 400.

¹¹ Cf. E. DEGANI, cap. I e II: o autor aduz outros passos, como é o caso, a título de exemplo, de *Odisseia*: 5. 152 e 160; 18. 204.

¹² M. C. FIALHO, "Sobre o tempo em Píndaro", *Miscelânea de estudos em Honra do Professor A. Costa Ramalho*, Coimbra, 1992, p. 60.

¹³ *Id.*, *ibid.*, pp. 60-61.

¹⁴ Cf. *Od.* 21.162.

É essa também a leitura semântica feita pelos léxicos da expressão pessoal *μόρσιμον εἶναι* (*fato concessum*, segundo *LSJ*), exemplificável com *Il.* 5. 674-675¹⁵:

Οὐδ' ἄρ' Ὀδυσσῆι μεγαλήτορι μόρσιμον ἦεν
ἴφθιμον Διὸς υἱὸν ἀποκτάμεν ὄξει χαλκῶν·

Expressivamente, a substantivação da forma neutra do adjetivo, que ocorre quer no singular quer no plural, oferece problemas de ambiguidade de leitura análogos aos do adjetivo a qualificar *ἦμαρ* ou *αἰών*. Essa substantivação parece ser posterior a Homero. Sólon utiliza, na sua *Elegia às Musas* (frg. 13W. 55-56), τὰ δὲ μόρσιμα. A expressão é utilizada quando, na enumeração das actividades humanas, restringe a do adivinho, cuja clarividência não pode alterar τὰ μόρσιμα. Tal expressão apresenta-se, no poema, em correlação com o termo *μοῖρα* (v. 63) e é nítido o seu sentido de 'destino' ou 'marcado pelo destino'.

Assim parece poder também entender-se a expressão pindárica de *P.* 12. 30 – 'ao destino não se pode fugir':

...τὸ δὲ μόρσιμον οὐ παρφυκτόν...

O facto de a morte constituir o destino dos destinos não me parece suficiente para ler nesta expressão um equivalente a 'morte'.

Já o frg. de Píndaro, do seu *Péan 6* (frg.52 Snell-Maehler, 94), *μόρσιμ' ἀναλύειν* me merece uma outra reflexão, acompanhando Theunissen¹⁶: o sujeito é Zeus, que não ousa desfazer ('desatar os fios') do destino. Consoante este autor o nota, é comum um tal *topos* da incapacidade do pai dos deuses de alterar aquilo que está destinado. Tratando-se, no passo em causa, da morte de Aquiles, *μόρσιμα* assume, simultaneamente, a acepção de morte e de destino – equiparável, afinal, a *μοῖρα*.

As reflexões feitas sobre o uso do adjetivo *μόρσιμος*, tendo em vista o seu contexto pragmático próximo e um contexto mais lato, que é o do universo do pensamento e da expressão peculiar do próprio autor, levam-me às seguintes conclusões:

- é absolutamente imprescindível ter em conta e registar com critério, num léxico, o substantivo qualificado por *μόρσιμος*, em particular *ἦμαρ* ou *αἰών*, mas também substantivos outros que ilustrem diferentes acepções na qualificação;
- quanto a *μόρσιμον ἦμαρ* ou *μόρσιμος αἰών*, para além do sentido, respectivamente, de 'dia marcado pelo destino' ou de 'destino' ou 'existência marcada pelo destino', há que levar em consideração a natureza

¹⁵ Outro exemplo pode ser verificados em *Il.* 19.416-417.

¹⁶ *Op. cit.*, p. 449.

ténue da fronteira entre essa configuração recebida como inevitável pelo tempo humano e a própria morte, verdadeiro motor da configuração, termo da existência enquanto destino. Esse é o sentido que propomos, pelo menos para uma das ocorrências: a da *Ístmica 7* de Píndaro, 41-42, em que, no contexto pragmático, a oração explicativa que se segue à verificação de que todos caminhamos para o *μόρσιμον αἰώνα* constata: "É que todos morremos igualmente".

ABSTRACT: For the entry of *μόρσιμος*, in the building of a lexicon, it is essential to bear in mind and to register with precision the noun qualified by this adjective – specially the nouns *ἦμαρ* or *αἰών*. However, other nouns can be illustrative of different meanings in the qualification process. Regarding *μόρσιμον ἦμαρ* or *μόρσιμος αἰών*, besides the meaning of 'a day marked by destiny' or of 'an existence marked by destiny' respectively, we should take into consideration the tenuous nature of the boundaries between this configuration, received as inevitable by human time, and death itself. This is the meaning we suggest, at least for one of the occurrences: *Isthmian 7*, 41-42.

A Cambridge Lexical Handbook of New Testament Greek: Social Settings, Semantic Domains and First-Century Synonyms

BRUCE W. WINTER
Cambridge University

There are a number of factors that encouraged the commencement of a lexical project for the New Testament. During two decades as the Director of the Institute for Early Christianity in the Graeco-Roman World, Tyndale House, Cambridge I became increasingly concerned about what I perceived to be inadequate approaches to New Testament philology by Cambridge University's doctoral students.

In this presentation it is proposed to explore (I) the promise that the *TLG* and the *PHI* data bases held out for New Testament studies when it was first produce, the problems created from their use or rather misuse and the prospects for New Testament lexicography(II) the broad way in which the first-century world defined various social settings using an ancient dichotomy with various sub-settings within them, (III) the critical nexus between these settings and their semantic domains, and (IV) the importance of New Testament synonyms that are an essential part of any language. The final section (V) will discuss as an example the forensic setting of criminal cases in the New Testament, and the terms that occur in them as part of one semantic domain.

I. Promise, problems and prospects

Just two decades ago the *Thesaurus Linguae Graecae* (*TLG*) along with the Packard Humanities Institute's non-literary sources (*PHI*) was made available in electronic form. They were heralded as the beginning of a new era in Greek philology for New Testament studies. Never before in the history of scholarship has such a vast body of extant primary material been so accessible to ancient historians and to New Testament scholars alike. There was excitement that searches took only forty-five minutes compared with the vast amount of time spent searching literary sources that did not always have indexes. My own institution was the first in Cambridge to secure an Ibycus

Scholarly computer and when we took delivery of them, we felt we were standing at the dawn of a new era.

However, these databases have been largely under-utilized or when used, have been exploited in fairly unsophisticated ways. There have been investigations that have simply recorded the number of occurrences of a term overall or by centuries. Sometimes these databases have been simply the last resort when there have been substantial disputes over the meaning of a particular word and all examples are cited. These have been noted without discerning any nuances in meanings that occur with different social contexts in which a term appears.

Inappropriate uses have not been restricted to those beginning doctoral research but are to be found in the wider study of New Testament *corpus* by some senior scholars in the academy.

Some now regard these tools as almost an albatross around the necks of New Testament research – an unimaginable thought when the TLG disk first arrived. The results of word searches have been perceived to be something of a ‘problem’ because of an over abundance of evidence.¹

As a result the resources that were originally heralded as a great breakthrough just two decades ago are now largely ignored or used in a random way by New Testament scholars. Why is this so? The problem is not always the amount of data but the failure to use examples critically, i.e. not to note their meaning in a particular semantic domain or not to see the importance of evaluating literary or non-literary sources, giving greater weight to some than others in certain instances.

In addition, New Testament doctoral students have studied in theological institutions where the history of the late Roman Republic and the first-century empire is not covered in any scholarly way. As a result they emerge from Master’s degree courses with no real understanding of the nature of the life in the Roman East and in Rome itself. If you do not understand that world, how will you understand the significance of terms used to describe it?

To seek to counter this deficiency, our institute has run an annual summer school over the past decade with two weeks in Greece and Turkey learning how to read archaeological sites and five weeks in Cambridge reading samples of extant ancient sources. This has resulted in a more informed approach to the setting of the New Testament but has not always affected the handling of the text.

The problem not only adheres to the rising generation. A revision of the Revised Standard Version of the Bible also highlighted fundamental lexical failures by senior New Testament scholars connected with that project. There was almost a total dependence on Bauer, and Danker’s Greek New Testament lexicon with a methodological approach to lexicographical largely stretching back to *Liddell & Scott*’s earliest editions in 1840’s, although there have been some changes in the most recent edition. It is interesting to note that so

¹ J. CHADWICK, *Lexicographica Graeca: Contributions to the Lexicography of Ancient Greek*, Oxford: Clarendon Press, 1996, p. 17 who felt it was best to keep the TLG data base ‘in reserve and use it selectively’ because of ‘the weight of the material’.

soon after *Liddell & Scott*’s second edition of 1845, E. Robinson, produced his revised and in great part ‘rewritten’ *Greek and English Lexicon of the New Testament* incorporating their work.² Bauer and Danker’s inadequacies have been highlighted in two important studies published recently.³ *Liddell & Scott*’s problems are our problems.

Moulton and Milligan’s monumental work on non-literary sources began in 1910’s completed some 75 years ago is now largely ignored and if consulted at all. It is cited but its sources are seldom consulted because of the complexity of the epigraphic material that demands an understanding of ancient conventions and not least of all the problems for ‘outsiders’ in the recording of epigraphic sources in the past. A major revision was begun over two decades ago and we await its publication with the incorporation of relevant epigraphic as well as papyrological sources from the last 7 decades.

There are other weaknesses in the approaches by the rising generations of New Testament scholars to the philology of the Koine Greek. These are in part due to a lack of exposure to both literary and non-literary Koine Greek sources outside the New Testament *corpus*. And there are deficiencies in recent advanced grammars because some provide no reference to extra-New Testament examples. It is also assumed that there is one Koine Greek, even though the New Testament corpus shows substantial variations in style and usages by different authors.

What are possible solutions to some of the problems in the ways that this relatively short corpus that is known as the New Testament has been handled? The Institute for Early Christianity in the Graeco-Roman World, Cambridge has been undertaking preliminary soundings on approaches to lexicography since the beginning of the new millennium.

At a conference held at Samford University the research staff from the Institute presented papers addressing the important issue of synonymy that is judged to be an omission in recent lexicography.⁴ This was followed up at a conference of the *Studiorum Novi Testamenti Societas (SNTS)* in Bonn in the Greek of the New Testament seminar with a paper on ‘Hesychius, New Testament Lexicography and 1 Corinthians 7:36 and 1 Timothy 2:12’. I made soundings on the usefulness for New Testament lexicography of Hesychius’ sixth century A.D. dictionary with its 53,000 entries of Greek words modestly claiming to be an *Alphabetical Collection of All Words*. He had incorporated at least two dictionaries relevant to our era, viz. the five-volume lexicon of

² E. ROBINSON, *Greek and English Lexicon of the New Testament* (New York: Harper and Brothers, 1850).

³ J. A. L. LEE, *A History of New Testament Lexicography*, Studies in Biblical Greek volume 8, (New York: Peter Lang, 2003) and B. A. TAYLOR, J. A. L. LEE, P. R. BURTON and R. E. WHITAKER ed., *Biblical Greek and Lexicography* (Grand Rapids: Eerdmans, 2004).

⁴ ELIZABETH MAGBA, ‘Do Synonyms exist?’, PETER HEAD, ‘Synonyms in Luke’s Gospel’, DAVID INSTONE BREWER, ‘The electronic tools for lexicographical purposes’ and my paper on ‘Trench’s Synonyms of the New Testament’ formed the basis of the symposium. I am grateful to the Dean, Beeson Divinity School, Samford University for the Senior Visiting Research Professorship granted to me in the Spring Semester in 2000 to continue exploratory work on this project. Part of the fruits of that research are found in this paper.

Pamphilus who lived in Alexandria c. A.D. 50 and ninety-five books called 'On Words and Expressions' which was the second century A.D. work by Diogenianus. Hesychius wrote somewhat disparagingly referring to their authors as 'Poor Scholars' whose work did not survive but had apparently been incorporated into his work.⁵

That paper sought to demonstrate from a very small sample that words found in Hesychius when used discriminately could be profitably exploited for New Testament lexicography, provided the terms were verified using the *TLG* or *PHI* and the search limited to the first and second century A.D. Little thought today is given to the possible occurrences of synonyms within the New Testament corpus itself or with other *corpora* of its era, even though Hesychius' dictionary, as is the case with any dictionary, bears eloquent witness to the existence of synonymy – one Greek word or words or a phrase being used to explain the meaning of the main entry.

Another major turning point was the important conference on Ancient Greek lexicography held at the University of Cambridge, where the on-going challenges were laid out following the 9th revised edition of *Liddell & Scott* with its important non-literary supplement. The deficiencies stretching back to its first edition in 1843 were recognized. The late John Chadwick had undertaken soundings of a number of entries in it and found them wanting – his well-known view was that there needed that to be a comprehensive revision of *Liddell & Scott*.⁶

When compared with the Latin lexicographical resources, William Johnson has made this critique. 'We are not walking into a slum exactly, but the buildings are more closely spaced, the porch banisters more rickety, the lawns not so well kept'.⁷ He may well be contrasting the way cities had just grown in the Hellenistic period with the symmetrical Roman town plan with its centuriation grids in first-century cities such as Corinth. Johnson's critique has to be noted for New Testament studies, all the more so because *Liddell & Scott* was its predecessor and often the 'Bible' for 'serious' research.

Unlike Hesychius, we will not speak disparagingly of former New Testament lexicographers as 'Poor Scholars'. At an annual conference of the *SNTS* in Tel Aviv Professor Danker acknowledged in his *apologia* for his revision of Bauer, Arndt, Gingrich and Danker (1977) – now authored as 'Bauer and Danker' (2001) – that his work represented the end of an era for New Testament lexicography. In a volume honoring his endeavors in lexicography by others he also recorded the need for a new lexicon for future generations.⁸

⁵ What Marlow said of Shakespeare whom he accused of plundering his plays for his works, his philological predecessors of Hesychius might have said of him had they been alive at the time that he was 'a crow beautiful with our feathers'.

⁶ CHADWICK, *Lexicographica Graeca: Contributions to the Lexicography of Ancient Greek*.

⁷ W.A. Johnson, 'Greek Electronic Sources and the Lexicographical Function', *Biblical Greek and Lexicography*, pp. 75-84, *cit.* p. 77.

⁸ F. W. DANKER, 'Lexical Evolution and Linguistic Hazard', *Biblical Greek and Lexicography* p. 28.

A new tool will hopefully redress some of the deficiencies perceived in New Testament lexicography with its 'crowded buildings', 'rickety porch banisters' and 'unattended lawns'. A major failure has been to appreciate the critical nexus between the first-century social settings of the world of the Graeco-Roman East and the terms used to describe the activities that occurred within each of them. The other is the presence of synonyms.

This paper will focus on forensic terminology drawn from trials recorded by the New Testament writers as an example how the narrative then can help shape the understanding of how they operate. There will not be time to show how such terms were 'plundered' to describe theological terms to describe their new movement. There had been something of a precedent when the Hebrew Bible was translated into Greek in the Ptolemaic period. At that time when the LXX was created a vocabulary of theological terms needed to be invented to render those found in its books written in Hebrew and Aramaic. Did the New Testament writers simply borrow those terms from the Greek current in Egypt at the time of its translation or did they inject 'secular' of their era with new significance? Time will also preclude a discussion of why words that one would expect would have been used in the New Testament were not, given their common currency. Such exclusions I sense are explicable.

II. Social settings

The basic dichotomy for the ancients in describing their world is well attested. There was 'the household', or literally 'the things of our own' (τὰ ἴδια) which we would call 'home'. The New Testament itself bears witness to this: Acts 21:6 records that they returned 'home' and in John 16:32 every man scattered to his 'own home', both using εἰς τὰ ἴδια.

The other term covered the rest of their world, i.e., that which was outside their home and was designated πολιτεία. It would be a major mistake to transliterate the term and render it as 'politics'. Rather it described all the social settings and activities that took place in the city outside of the home.⁹ Under *politeia* came the civic instruments for ruling the city, i.e. 'the council and the people' and honorary public offices, the criminal and civil courts, commerce, cults, as well as all cultural activities.¹⁰

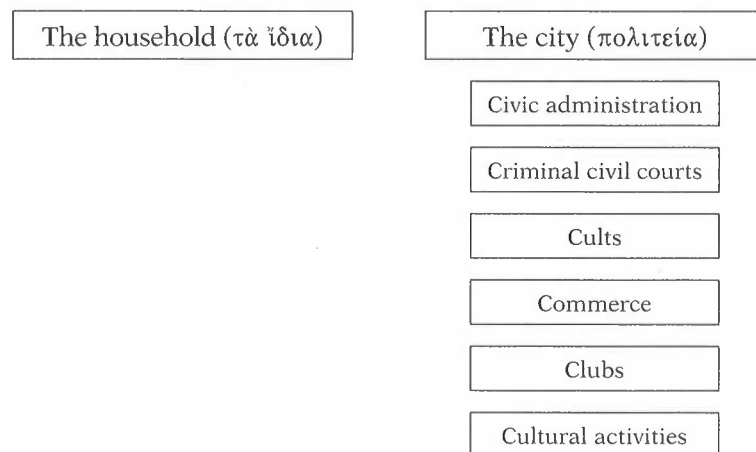
It needs to be noted that in this convenient ancient dichotomy there were minor crossovers. The clients first gathered before their patron in his home in the morning to give the *salutatio* before following in procession as he went about his business for the day, his bath and the return home for dinner. The house, according to the first-century architect, Vitruvius, should also be designed to be a place where the patron could hold private meetings relating to activities in the sphere of *politeia* that had to do with the civic affairs of

⁹ J. C. MEIER, *The Greek Discovery of Politics* (ET Harvard: University Press, 1990) 13ff. J. BORDES, *Politeia dans la pensée grecque 'a' Aristote* (Paris: Les Belles Lettres, 1982) 116ff.

¹⁰ E. A. JUDGE, *The Social Patterns of Early Christian Groups in the First Century* (London: Tyndale, 1960).

the city.¹¹ Given this minor *proviso*, the fundamental dichotomy was an accepted one and the social sub-settings and activities and relationships within them were clearly understood in the first century.

This ancient Greek phenomenon was the basis of my proposal for in a paper, 'Social settings, Semantic domains and New Testament Lexicography' read to the philology group at the annual conference of the *SNTS* in Barcelona.



III. Semantic Domains

My understanding is that a semantic domain encompasses terms describing activities that occurred in a particular social setting. A particular word may have a wide range of meanings that can be narrowed down once the actual social context is located. This nexus between social setting and the semantic domain is critical in any language. This has not been clearly understood in New Testament lexicography but is important in the shaping of a new lexicon.

The exception has been the ground-breaking *Greek-English Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains* that was published by the United Bible Society in 1988 by Louw and Nida where Koine Greek words were entered alphabetically but were also classified under semantic domains. The authors explained in their preface that it was designed 'primarily for translators of the New Testament in various languages' but they also felt 'that biblical scholars, pastors and theological students will no doubt also find this lexicon of particular value'.

They rightly noted that 'this is the first time that such a large body of lexical data has been submitted to careful analysis and organization into semantic domains'.¹² Their work was 'the outgrowth of field experience which

¹¹ Vitruvius, 'The Training of Architects', *De architectura*, 1.1, 7.

¹² J. P. LOUW and E. A. NIDA, *Greek-English Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains* (New York: United Bible Societies, 1989, 2nd ed), pp. iv, v.

has included helping Bible translations in some 200 different languages in the world, largely I might add from English into other languages.¹³

They used ninety-three different domains with sub-domains in order to classify all the Greek words used in the New Testament which they indicate was based on 'a dictionary published by the United Bible Society'. They provide details of their 'basic principles of semantic analysis and classification'.

Their first principle was 'there are "no synonyms" in the sense that no two lexical items ever have completely the same meanings'.¹⁴ Their definition is unnecessarily restricting by invoking words such as 'completely' and 'in all contexts'. This would rule out the role of any dictionary *per se*, as it works on the basis that other words provide an explanation of the meaning of a particular term. In the first-century a dictionary would be an extremely important tool for budding young orators in the educative process to find an alternative rendering of a word or phrase, especially with the rise of the grand style of oratory in Second Sophistic in the Julio-Claudian period.¹⁵ It would not be considered scholarly to keep repeating the same words and using archaic terms suggested one was learned.

The second principle that Louw and Nida enunciated was 'that differences in meaning are marked by context, either textual or extra-textual'. In the latter case they indicate that these 'are essentially historical and may shed light upon the referents, either from historical documentation or from archaeology'.¹⁶ However, their lexicon does not give even one example drawn from historical sources. That would have been extremely helpful, but would have involved an immense amount of primary research securing apposite examples. New Testament dictionaries do not seek to differentiate social setting in the selection of ancient sources they cite for the occurrences of a particular word. Louw and Nida were content to cite in their bibliography the standard New Testament lexicons because they felt that these provide such references.

Their third principle was that the number of different meanings that adhere to particular terms 'depends to a considerable extent on the fineness of the semantic grid, that is to say the extent to which one tends to lump or to split the differences'.¹⁷ However, there were known ancient semantic grids that were not a matter of lumping or splitting but whose 'fineness' can be isolated based on known social settings of the first century.

What emerges from their introduction and their work as a whole is that they chose the ninety-three domains based, not on ancient dichotomy of

¹³ See JOHN A. L. LEE, *A History of New Testament Lexicography* (New York: Peter Lang, 2003), pp. 155-66 for a discussion of their work.

¹⁴ LOUW and NIDA, *Greek-English Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains*, p. xvi.

¹⁵ On the dating of the beginning of the Second Sophistic see my *Philo and Paul among the Sophists: Alexandrian and Corinthian Responses to a Julio-Claudian Movement* (Grand Rapids: Eerdmans, 2002, 2nd ed.) and the preface supporting this by G. W. BOWERSOCK.

¹⁶ LOUW and NIDA, *Greek-English Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains*, p. xvi.

¹⁷ *Ibid.*

reality but contemporary Western ones. That is not to imply that some might not also be relevant to the ancient world but that the predominant grids used to describe these settings and activities undertaken within them were not those of the Graeco-Roman world.

There clearly were already enormous challenges for Louw and Nida in producing their innovative dictionary but what did not guide their choice of domains was the way in which the first-century inhabitant of the Greek East described and communicated their perceptions of their world. The semantic grids were linked to the social settings at the end of the last century and not the first.

IV. Synonyms/synonymy

The concept of synonyms is in evidence among ancient writers. Ammonius, an ancient grammarian wrote on Greek synonyms that, like the ancient dictionaries, were meant to meet the needs presumably of contemporary students and scholars, especially with the flowering of the Second Sophistic. In the nineteenth century there developed considerable interest in synonyms in Classical Greek lexicography. In 1822 Völem produced his *Synonymisches Wörterbuch*, a work that rarely cited New Testament references and Pillon wrote *Synonymes grecs* that was translated into English and edited by T. K. Arnold in 1850.

This trend naturally had its effect on the New Testament as expected, simply because it is one *corpus* among many *corpora* surviving from the ancient world. J. A. H. Tittman, *De Synonymis in Novo Testamento* was a work in Latin in 1829 that was translated into English by E. Craig. Trench's work, *Synonyms of the New Testament*, which stood on their shoulders was first produced in 1853 and, for at least a century after, his tenth edition of 1886 it was known and cited by former generations of scholars.¹⁸ Trench justified his endeavors on the grounds that Tittman's work was not widely used and did not meet the needs of theological students and ministers. His tenth and final edition of 1886 contained a long list of 98 examples of New Testament synonyms that he had not yet to explore.¹⁹ Until recently it was constantly cited but little more than that.

While in retrospect there were deficiencies in Trent's discussion of synonyms and on occasions antonyms, in more recent times the discussion of synonyms in New Testament studies has quietly ceased. This is in part due to the arguments by some linguists that the very concept of synonymy is

¹⁸ R. C. TRENCH, *Synonyms of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1948) was reprinted almost 60 years. He was a distinguished scholar holding the chair of divinity at King's College, London and Dean of Westminster Seminary.

¹⁹ R. C. TRENCH, *Synonyms of the New Testament* (London: James Clarke, 1961), pp. x-xi, n. 3. See most recently its appearance in 1989 by Baker Book House Company that was simply revised to render its English style more simply. The Greek has been transliterated and sadly the important preface has been reduced from 23 pages in Clarke's edition to two pages emasculated the theoretical basis of his work.

open to serious question. As has been noted, Louw and Nida take a strong stance against that concept with their dictum there were 'no synonyms'. The parameters they set are considered unreasonable, for all written languages have them, and in fact the entries in any dictionary gives evidence that they overstated their first principle in the Introduction.

Furthermore, all dictionaries provide the explanation of the meaning of a word with another word, and hence we return to the importance of the work of Hesychius and the need to make judicious use of his *Alphabetical Collection of All Words* in New Testament Greek. As noted with the help of the TLG it is now easy to verify his explanatory word or phrase by checking for examples from the Greek literary *corpora* surviving from the first century.

There clearly are examples of synonymy within the Greek corpus of the New Testament itself. Not only is it the case that words have specific meanings in particular contexts, as we have noted, but that different words may have the same meaning in the same context.

An example is in the semantic domain of sexuality, Paul used the term 'I touch' (ἅπτομαι) and the verb 'I have' (ἔχω) which mean the same thing, i.e. to have sexual intercourse. In both Latin and Greek these two terms used in that domain indicate sexual intercourse.²⁰ In 1 Corinthians 7:1 the reference is 'to touch a woman/wife' and in the following verse Paul states that because of the problem of immorality 'each man must have (ἔχέτω) his own wife and each wife must have her own husband' (ἔχέτω). He simply does not mean that they must marry but sexual intercourse is essential in marriage. Furthermore, in the next verse there is a reference to giving one another conjugal rights, literally 'render the obligation' (ἀποδίδωμι τὴν ὀφειλήν) to the other partner, i.e. to engage in sexual intercourse. It is a polite circumlocution or a synonymous statement for the two previous terms, as indeed is the clause in verse 5 to 'be together again [sexually]' (πάλιν ἐπὶ τὸ αὐτὸ ἦτε) and his explication that 'you must not refuse one another [sexually]' (ἦτε μὴ ἀποστέριτε ἀλλήλους).²¹ Here is synonymy. The terms used elsewhere in other social settings in the New Testament have very different connotations.

It does not surprise us that Adams could produce extensive examples of the use of a number of words that refer to one sexual activity in his *Roman Sexual Terms*, i.e., from Latin sources in one semantic domain and, in passing, occasionally citing Greek terms. This shows that there were synonyms used to discuss sexual activities both in polite and impolite society in the ancient world.

What can assist in isolating these terms that are synonyms more accurately is focusing on a semantic domain, as demonstrated in the penultimate section. It acts as a control – a concept that did not come within the purview of the nineteenth-century approach of Trench and his predecessors. A programme is being written that will assist in searching for synonyms using the TLG database.

²⁰ J. N. ADAMS, *Roman Sexual Terms* (London: Duckworth, 1982), pp. 185, 187.

²¹ For a detailed discussion of 1 Cor. 7:1-5 and the terminology used see my *After Paul left Corinth: The Influence of Secular Ethics and Social Change* (Grand Rapids: Eerdmans, 2001) 225 ff.

V. A Forensic Sounding

Before turning to an analysis of a forensic setting it is helpful to lay out Louw and Nida's entry they designate 'Courts and Legal Procedures'. They do this by means of eight sub-domains – A. 'court of justice', B. 'lawsuit, case', C. accusation, D. judicial hearing, inquiry, E. judge, condemn, acquit, F. 'obtain justice', G. 'attorney, lawyer', and H. 'lead off to punishment'. They preface their discussion with a note that legal procedures 'apply not only to human institutions and activities but also to corresponding judicial procedures in heaven'. However, there is no reference to the present role of judgment in the believing community.

The alternative approach is based on known Roman and local forensic procedures of the first century, evidence for which and confirmation of them can be found in actual New Testament passages reporting criminal and civil cases. To show the usefulness of this approach over against that of Louw and Nida, it is proposed to highlight the technical forensic terms that appear in the New Testament passages relating to legal actions. These are classified under the headings of (i) the procedure for initiating a legal action, (ii) the nature of preliminary proceedings, (iii) the actual hearings, (iv) the judgment handed down, and (v) unbecoming behavior to which parties might resort in such legal actions.

(i) criminal jurisdiction

It was the role of the judge who was seen as God's servant to be the one who legitimately 'bears the sword' (τὴν μάχαιραν φέρει Rm. 13:4.) punishing those who did wrong 'the avenger for judgement' (ἐκδικος εἰς ὀργὴν Rm. 13:4).

(ii) Initiating a legal action

The private prosecutor, i.e. 'accuser' (κατήγορος Acts 23:30, 35, 24:8, 25:16, 18) institutes proceedings. He 'accuses', 'lays the charge against' (κατηγορέω Mt. 12:10// Mk. 3:2// Lk. 6:7//, Mt. 27:12// Mk. 15:3-4// Lk. 23:2, 10, 14, Acts 22:30, 24:2, 8, 13, 19, 25:5, 11, 16, 18, 28:19; ἐγκαλέω, Acts 19:38, 40, 23:28, 29, 26:2, 7, brings a 'charge' (αἰτία Acts 28:20 or ἔγκλημα Acts 23:29) or 'accusation' (λόγος Acts 18:14, 19:38) against the 'the accused' (κατηγορούμενος) by means of a legal petition and 'delivers up' the accused for trial, παραδίδωμι, Mt. 27:2, 18, Mk. 15:10, ἐμφανίζω Acts 23:15, 22, 24:1, 25:2, 15).

(iii) The preliminary hearing

The 'judge' (κριτής Acts 24:10, δικαστής Acts 7:27), 'a ruler who bears the sword' (τὴν μάχαιραν φορεῖ Rm. 13:3-4) hears the case in a 'law court' (κριτήριον 1 Cor. 6:2, 4, James 2:6) on the 'judgement seat' (βῆμα Acts 18:12). He 'examines' (ἀποκρίνω Mt. 27:14, 17, Lk. 23:14 or ἀπερτάω Lk. 23:9) the accused to see if there is a 'crime' (αἰτία Jn. 18:38) or 'a charge' (ἔγκλημα, Acts 23:29, 25:16), a capital offence 'a crime worthy of death' (αἰτία θανάτου Acts 28:18). An examination by scourging (ἀνετάζω μάστιξιν Acts 22:24) could be undertaken to see if there was a charge as was proposed a deputy

in an assize centre. The purpose of the examination was to see if there was evidence of a 'crime' (αἰτία Jn. 18:38, 19:3, i.e. a 'felony' (ἀδίκημα Acts 18:14) or a 'political misdemeanor' (ῥαδιούργημα Acts 18:14). The judge could dismiss or 'drive away' the plaintiff (ἀπελάω Acts 18:16) from the judgement seat or decide to 'admit a complaint' (κατὰ λόγον ἀνέχομαι Acts 18:14) and proceed with the case.

(iv) The criminal hearing

The 'trial' (κρίσις) would proceed, and the accuser (κατηγόρος) or his legal representative 'lawyer' (ῥήτωρ Acts 24:1) presents the evidence of the 'crime' (αἰτία Acts 25:18), with witnesses who 'testify against' (καταμαρτυρέω Mt. 27:13) the accused. The defendant then presents his 'defence' (ἀπολογία Acts 25:16). During a trial some might 'give false testimony' (ψευδομαρτυρέω Mk. 14:56), present 'false testimony' (ψευδομαρτυρία Mt. 26:9), be a 'false witness' (ψευδόμενος Mt. 26:60). The judge or the judicial body may also adjourn the case in order to seek legal advice or more information so that he can 'determine' (διαγινώσκω Acts 24:22 cf. 23:15) its outcome.

(v) The judgement

The judge gives his 'judgement' (κρίσις Mt. 5:21, 10:15, 23:23, κρίμα Rms 13:2). If he finds him innocent, he would 'release' (ἀπόλω Lk. 24:22) the accused or if he is guilty (κατακρίνω Mk. 14:64) he pronounces 'sentence' (καταδίκη, Acts 25:15), in some cases 'the sentence of death' (ἀπόκριμα τοῦ θανάτου 2 Cor. 1:9) if the misdemeanor 'is worthy of death' (ἐνοχον εἶναι θανάτου Mk. 14:64), or punishes him (παιδεύω Lk. 23:16) and/or 'delivers him over' (παραδίδωμι Mt. 27:26) to the executioner. The actual crime could be indicated on the cross for all to show why the person was condemned to death Mt. 27:37// Mk. 15:26.

In the case of Jesus, Pilate makes it clear that he can find no 'crime' (αἰτία) of which he was guilty (Jn. 19:4, 6, Acts 13:28). That was also the case for Paul who told the Jews in Rome that he had committed no 'felony worthy of death' (αἰτία θανάτου Acts 28:18). As a Roman citizen could appeal to the emperor, Paul exercised that right and said 'I appeal to Caesar' (Καίσαρα ἐπικαλοῦμαι Acts 25:11) and as in his case there was the need for the governor, Porcius Festus, to provide a covering statement along with copies of the official proceedings, stating the 'crime' (αἰτία Acts 25:27). Paul recounted that 'when they [the Roman governors] had 'examined' me (ἀνακρίνω Acts 28:18), they wished to set me at liberty because there was no 'capital offence' (αἰτία θανάτου Acts 28:18) but the accusers objected' i.e., the Jews, 'objected' (ἀντιλέγω Acts 28:19) to him being set free 'I was compelled to appeal to Caesar' – 'though I have no charge to bring 'against my nation' (ἔχων τι κατηγορεῖν Acts 28:19).

(vi) Unbecoming behaviour in criminal actions

Bribes: Felix hoped that a bribe, literally 'money would be given to him' (χρήματα δοθήσεται Acts 24:26) by Paul to prejudice the outcome of the trial in his favour.

Evil intent: The reason for prosecuting might not relate to the charge. Pilate understood that it was out of a desire to actively harm (φθόνος Mt. 27:18) that Jesus was delivered up to him.²²

Pre-trial slander: While awaiting trial accusers or others might seek to slander the person or his reputation in order to prejudice the outcome of the proceeding. By preaching Jesus as the Messiah some wanted to do Paul 'harm' (φθόνος 1:15) being motivated by 'enmity' (ἔρις Phil. 1:15). They did so as a 'political maneuver' (ἐπιθειά Phil. 1:17) in order to create 'trouble' (θλίψις Phil. 1:17) for Paul as he awaited the hearing of his trial.

The other forensic setting not covered in this paper is that of vexatious civil litigation (1 Cor. 6:1-8). The Herculaneum Tablets make provision for the appointment of 'an arbitrator by agreement', for two parties to give a decision (διακρίνω 1 Cor. 6:5). The city appointed an arbiter on an annual basis to hear 'private' cases.²³ Valerius Maximus records a number of 'remarkable private trials' in which the arbitrator undertook the role of judge.²⁴

The role of the Areopagus Council in formally assessing Paul in Acts 17:18-31 was a 'quasi-judicial' one that went back to the classical period. Members of the Council of the Areopagus informed Paul who was perceived to be 'the herald of new divinities' i.e. Jesus and the resurrection' that 'we possess authority to judge' (δυνάμεθα γνῶναι)²⁵ what this new teaching is that is being spoken by you, i.e. the admission of 'new gods'. On the basis of the meaning of γνῶναι in v. 19 read in the light of examples are drawn from language in the forensic *Sitz im Leben*, the sentence reads; 'We therefore wish to make a judgement (γνῶναι) on what you claim these things are'.²⁶

What are we to conclude from this exploration of forensic terms in section V of this paper? It records proceeding in Jewish and Roman courts with a rich vocabulary of forensic terminology. There clearly are in some instances synonyms. Time does not permit us to explore how some of these terms proved to be extremely useful to New Testament authors in their proclamation of their gospel of divine judgment and clemency, nor does it permit us to show how some of this terminology but by no means all, is also to be found in the Greek Old Testament. That it should be so borrowed does not surprise us, given the dependence of the New Testament writers on citations from the former. However, it cannot be overlooked that the words they used had common legal currency. What appears to have happened was that in the

²² K. M. D. DUNBABIN and M. W. DICKIE, *Invidia rumpanture pactora: Iconography of Phthonos/Invidia in Graeco-Roman Art* *JbAC* 26 (1983): 10 'it was widely assumed that the ill-will of φθόνος was likely to be intense; hatred and enmity are inadequate precisely because they lack the element of active ill-will... The φθόνερος then, in his ἐχθρά not only dislikes the object of his φθόνος, but wishes actively to see him harmed'.

²³ *Lex Irmitana*, ch. 86.

²⁴ Valerius Maximus, *Memorable Deeds and Sayings*, 8.2.

²⁵ Cf. DIO CHRYSOSTOM, *Or.* 14:24 'we shall not be able to judge (δυνησόμεθα γνῶναι) between the free man and the slave', although in this case it relates more to a matter of outward appearance.

²⁶ For details see my 'On introducing Gods to Athens: An alternative reading of Acts 7:18-20' *Tyndale Bulletin* 47.1 (May, 1996) pp. 71-90.

New Testament some terminology underwent a theological metamorphosis when linked to their preaching and explanation of their message.

What might lexical handbook of the New Testament contain? It would require an explanation of each social setting. The forensic one has been done but not included in this presentation. As in section V of this paper, each would have a narrative of the ancient social setting with Greek terms bracketed and occurrences cited.

It would also need to provide examples from primary sources, preferably also in electronic form so that students could read them for themselves both in Greek and translation. Few New Testament students consult primary sources either literary and fewer non-literary ones being content to cite them without verification. Entries in Moulton and Milligan and Bauer and Danker tend to suffer the same fate is my observation. This would be an accessible tool to use.

In summary what would this handbook/lexicon aim to do and to contain in order to achieve its purpose?

- (i) It would have a short explanation of how the social setting operated with references to standard works on the subject. As in the case of the forensic example cited above, there would be a description of how criminal and civil actions were initiated and the protocol of court proceedings.
- (ii) It would aim to educate the reader about semantic domains that explains the activities in the particular social setting and the nuances in meaning of that term within it.
- (iii) Synonyms would be noted that emerged as they do in section V with technical forensic terms and sometimes nontechnical ones as well.
- (iv) There would be the important citing of examples of identical extra-New Testament sources drawn from the same domain with the texts available in electronic form both in Greek and translation.
- (v) Terms that were harnessed for theological, apologetic or polemic purposes would be noted along with any relevant parallels from the Old Testament Greek version.

The 'handbook' could be laid out in such a way so that it operated like a lexicon with data also recorded in electronic form and a search engine that enabled the user to find information quickly about the setting and the domain as well as appropriate examples.

What it hopes would happen, would be an appropriate harvesting of the enormous extra-New Testament sources now readily available and a more scholarly approach to using the Greek New Testament for research and teaching. Is such a project possible? Compared with the vast amount of material confronting those engaged in the lexical work in the ancient world generally, the task facing New Testament lexicography is a far less daunting one and in fact I suspect from an ancient historians perspective, a relatively easy one.

A linguagem biológica: um tratamento específico

MARIA DE FÁTIMA SILVA
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Coimbra

O contributo modesto que pretendo trazer a este encontro, em que beneficiamos da presença de especialistas responsáveis pela edição de dicionários de grego para diversas línguas e dos elementos de uma equipa que vem trabalhando no terreno a elaboração de um dicionário grego-português – uns e outros, por razões diversas e a diferentes níveis, conhecedores das questões que uma tal tarefa suscita –, é a do simples utilizador. E, no sentido de seleccionar algumas expectativas de quem consulta um dicionário, escolhi uma área semântica específica – a terminologia biológica e zoológica –, em função da minha experiência recente como tradutora dos seis primeiros livros de Aristóteles, *História dos Animais*. É no tipo de informação que pude encontrar nos diferentes dicionários de que dispunha, especificando os lados particularmente positivos dessa informação, como também as carências que deixaram sem resposta a minha busca, que me vou centrar, numa exemplificação limitada.

Trata-se, como facilmente se reconhece, de um campo semântico muito restrito e difícil. Ousaria mesmo dizer que os autores de um novo dicionário, no que à biologia e zoologia se refere, deverão colocar, à partida, como tarefa inevitável a revisão sistemática das *variae lectiones* dessa nomenclatura (em muitos casos ainda de leitura duvidosa), e a necessidade de preverem a colaboração, como árbitros e conselheiros, de especialistas das disciplinas em causa. Devo confessar que eu própria, para colmatar a minha ignorância na especificidade desse vocabulário, me vali, para a tradução da *História dos Animais*, da colaboração de um cientista e pude verificar, da sua reacção em várias situações, alguma insatisfação produzida pelas sugestões disponíveis nos dicionários existentes.

É consensual, nas diversas reflexões a que tive acesso referentes a experiências de elaboração de dicionários, a ideia de que avançar para um novo projecto é, antes de mais, trasladar de um modelo seguro o bolo essencial da matéria (e Liddell-Scott-Jones tem reunido, por motivos conhecidos, as preferências), como ponto de partida para opções, que levam a ampliações e arranjos inovadores em termos de material a considerar, de organização da pesquisa e do tratamento e apresentação dos dados. Sobre essa base, há

que produzir uma tarefa árdua de testar, acrescentar, renovar ou mesmo corrigir; para me valer das palavras experientes de F. Rodríguez Adrados, a propósito do projecto que vem coordenando do *Dicionário Grego-Espanhol*¹: 'Utilizando os dicionários e léxicos existentes, recorrendo, por outro lado, aos inventários directos dos textos e revendo sempre os materiais de todo o tipo de origem, tentamos produzir uma obra mais extensa e completa do que as anteriores e mais de acordo com as tendências actuais da Lexicografia e Semântica'.

Justifica-se, por isso, que a minha proposta de reflexão parta de um processo comparativo, entre diversos dicionários de grego que vêm, ao longo de décadas, servindo, com uma amplitude geográfica verdadeiramente global, diferentes utilizadores; para além de **LSJ** (1.^a ed. 1843, que eu usei na 9.^a edição de 1968, já acrescida de suplemento), vou considerar **A. Bailly** (pela primeira vez editado em 1894, que eu uso na 16.^a edição de 1950, embora as haja posteriores), *Dictionnaire Grec-Français* (Hachette) (que foi durante décadas e continua ainda a ser um manual de utilização alargada entre estudantes de nível universitário) e **Franco Montanari** (1.^a ed. 1995, que eu uso na versão de 2000), *Vocabolario della Lingua Greca* (Loescher), que, mais recentemente, conquistou pelos seus méritos uma posição destacada entre a mesma faixa de utilizadores.

A primeira questão a ser considerada passa pela utilização dos manuscritos e das edições existentes, e pela selecção de uma edição ou de edições, identificada(s), nas páginas iniciais, como base de pesquisa e de referência para cada autor. No que às edições diz respeito, os responsáveis pela feitura dos dicionários que estou a considerar usam diferentes critérios: ou definem, para cada autor, uma edição de referência determinada e única (caso de **LSJ**); ou citam simultaneamente por mais do que uma edição (como **Bailly** e **Montanari**). A utilização de uma única edição de referência naturalmente tem a comodidade de remeter para o editor as questões de crítica textual e talvez seja, globalmente, o critério mais coerente.

Se considerarmos o caso particular do tratado *História dos Animais*, vemos que um novo dicionário, que naturalmente vá partir dos grandes dicionários que o precederam, terá de ter em conta a inevitável substituição das edições, porque são já bastante envelhecidas aquelas de que partiram os seus antecessores. De resto, este é um tipo de texto que, pela sua própria índole, não dispõe de um número confortável de edições de qualidade, o que poderá constituir uma restrição à avaliação do vocabulário em causa. É flagrante o que resulta do confronto das diferentes opções:

LSJ usa a edição de I. Bekker, Berlin, 1831-1870.

Bailly remete para a mesma edição da Academia Real da Prússia, 1831-1870, e para a velha edição de Les Belles Lettres de Mathieu-Haussoulier.

Montanari usa a de L. Dittmeyer, Teubner, 1907 e a nova edição de Les Belles Lettres de P. Louis, 1964-1969.

¹ 'El Diccionario Griego Español. Estado actual de los trabajos', *Emerita* 39 (1971) 1.

Importa, no entanto, considerar a edição publicada em 1991 na Loeb, por A. L. Peck, e completada, após a sua morte, por D. M. Balme, que para os livros I-VI do tratado vem na linha de Dittmeyer, mas procede a uma reavaliação dos manuscritos para os livros VII-X, dada a controvérsia que os rodeia do ponto de vista da fixação do texto ou mesmo – para o livro X – da autenticidade.

Para além dos dicionários gerais de grego, a existência de obras monográficas dedicadas a esta terminologia específica pode ser um contributo relevante; estão neste caso os glossários de D'Arcy Thompson, um dedicado às aves (*A glossary of Greek birds*, 1936) e outro aos peixes (*A glossary of Greek fishes*, 1947); como o de L. G. Galiano, que versa os insectos (*Nombres de insectos en griego antiguo*, Madrid, 1969). De resto, D'Arcy Thompson interveio na revisão que Jones efectuou da versão de Liddell-Scott, para esta área semântica específica. O seu glossário sobre as aves, bem como a experiência de tradutor da *História dos Animais* na Oxford, para tal o credibilizavam, satisfazendo essa inevitável necessidade.

Passo a exemplificar de forma breve, com um único passo concreto escolhido entre inúmeros possíveis, as soluções encontradas nos três dicionários em análise, tecendo a propósito alguns comentários.

História dos Animais 498b 32-34:

Ἐχει δὲ καὶ ὁ ἰππέλαφος καλούμενος ἐπὶ τῇ ἀκρωμία χαιτήν καὶ τὸ θήριον τὸ πάρδιον ὀνομαζόμενον.

O animal chamado antílope tem também uma crina sobre o garrote, como um outro selvagem chamado girafa.

Os sublinhados marcam os pontos de especificidade vocabular, que, no que é uma característica genérica em todo o tratado, se situam a dois níveis: o da nomenclatura precisa para designar duas espécies animais (antílope e girafa na versão que adoptei), como também de termos que especificam características fisiológicas, que nas diferentes espécies merecem diferentes soluções (caso das palavras crina e garrote). Verifiquemos o tratamento dado, pelos dicionários em causa, a estes quatro casos:

Ἰππέλαφος (a esta palavra corresponde, em A. L. Peck (Loeb), uma nota de rodapé por certo inspirada em LSJ assim redigida: Lit. "horse-deer", probably the *nylghau* (= "blue bull"), *Boselaphus tragocamelus*, a large short-horned Indian antelope. Na tradução, o mesmo comentador usa simplesmente a transcrição, *hippelaphus*).

LSJ

Ἰππ-έλαφος, ὁ, lit. *horse-deer*, perhaps *nylghau*, *Portax picta*, ARIST. *H.A.* 498b 32; ἡ θήλεια ἰππελάφου οὐκ ἔχει κέρατα, ib. 499b 2.

Bailly

Ἰππ-έλαφος, ou (ή) sorte d'élan ou de gazelle, ARIST. *H.A.* 2, 1, 20 (i. ἔλαφος).

Montanari

Ἴππ-έλαφος -ου, ὁ (ἵππος, ἔλαφος) *zool.* **antilope** (*lett.* cervo-cavallo) ARIST. *H.A.* 489b 32, *al.*

Aspectos a destacar:

– identificação do género da palavra, masculino em **LSJ** e **Montanari**, indicado erradamente como apenas feminino por Bailly. **LSJ** é o único dos três a não introduzir a enunciação da palavra, o que é, no entanto, um elemento útil para o leitor menos informado; desde logo a experiência do ensino universitário do grego não pode deixar de ver como pertinente esta informação. Fica clara a opção diversa que a cada um dos três volumes subjaz em termos de público.

– etimologia – é explicitada nos seus componentes gregos em todos os casos em apreço, mas com registo distinto: em posição inicial, na própria alfabetação, a separação dos elementos constitutivos da palavra é comum aos três léxicos; **Bailly** e **Montanari**, porém, acrescentam uma informação adicional mais precisa, introduzida logo a seguir ou no final do lema, repetição que pode parecer excessiva; **LSJ** dá ainda a versão inglesa literal, do mesmo modo que **Montanari** a versão italiana, o que **Bailly** não faz para a correspondente francesa. Na minha opinião a hipótese da dupla etimologia – no original, sem necessidade de repetição, e na língua de recepção – é a que melhor serve um maior leque de utilizadores. **Montanari** é ainda o único que regista o campo semântico a que a palavra se refere (*zool.*), o que me parece também um dado oportuno.

– tradução – este será sem dúvida um aspecto de informação particularmente relevante; e o que vemos? **LSJ** regista, com um ‘talvez’, a hesitação sobre a identificação do animal em causa; por isso não chega propriamente a traduzir, mas antes tenta identificar com termos técnicos, não usados na linguagem comum, a designação da espécie. Ou seja, as sugestões que dá não podem ser usadas como ‘tradução’ pelo seu utilizador. **Bailly** deixa a opção ao critério do seu leitor: ‘espécie de alce ou de gazela’, o que duvido que seja, numa perspectiva rigorosamente zoológica, a mesma coisa. Logo fica a cargo do utilizador a opção, ou a consulta a um especialista. Finalmente **Montanari** é o único que brinda o seu leitor com uma solução prática, utilizável numa tradução, não duvido que filtrada pelo controle de um especialista. Teve pelo menos a adesão do biólogo a quem recorri na revisão da minha tradução. Recordo, no entanto, que nas suas advertências iniciais, **Montanari** reconhece a existência de casos – e a terminologia botânica ou zoológica constitui um exemplo referenciado – em que se torna impossível, com rigor, estabelecer propriamente uma tradução, vinculando a um termo o equivalente da versão grega. Uma explicação ou comentário introduzido no léxico tenta informar o leitor; à falta de uma verdadeira tradução; a partir daí a simples transcrição do grego será a única solução possível numa versão que se queira escrupulosa.

– outras citações – deste ponto de vista, **LSJ** é o único que, neste caso, introduz uma abonação, que é útil, apesar da raridade de ocorrências do

vocábulo e da proximidade contextual dos passos considerados; no entanto a citação ajuda a desfazer a dúvida existente quanto ao género da palavra.

– tipo gráfico – destaco a preferência de **Montanari** pelo **bold** no registo das soluções de tradução, o que se mostra particularmente eficaz para uma captação visual imediata dos principais sentidos de cada vocábulo. Por outro lado, a informação que nos dá é muito despojada de sinais de pontuação, utilizando com frequência, para a separação dos elementos registados, apenas espaços. Esta simplificação parece-me excessiva e menos evidente para a eficácia da consulta.

Πάρδιον (que merece a Peck o seguinte comentário em nota de rodapé: not otherwise known e, no texto da tradução, a simples transcrição *pardion*).

LSJ

Πάρδιον, τό, an unknown animal, ARIST. *HA* 498b 33 (v. I. ἱππαρίδιον).

(s. v. ἱππάριον – porque ἱππαρίδιον não tem registo – é dada como diminutivo de ἵππος, e traduzida por *poney*).

Bailly

Πάρδιον, ου (τό) sorte d'animal inconnu, *p.-ê.* girafe, ARIST. *H.A.* 2, 1, 20; cf. ἱππάρδιον.

(s. v. ἱπ-πάρδιον, **Bailly** inclui uma explicação de natureza fonética: *p.-ê. correct par dissimilation, p. ἱπποπάρδιον (ἱ. πάρδος)*).

Montanari

Πάρδιον, -ου, τό *zool.* **gazella** ARIST. *H.A.* 498b 33.

– etimologia – uma tentativa de elucidar o sentido da palavra com recurso a uma possível etimologia comparada é feita por **LSJ** e **Bailly**. **Montanari** não parece convencido pela proposta etimológica anterior. Não está, porém, em causa, a validade do recurso à etimologia comparada na clarificação de questões vocabulares.

– tradução – dadas as dificuldades suscitadas pela identificação do animal a quem cabe esta designação, verifica-se um claro progresso entre os diferentes registos. **LSJ** não arrisca uma tradução, antes se escuda no reconhecimento das dúvidas. **Bailly** e **Montanari** avançam para uma tradução, mais cautelosa no caso do léxico francês e mais firme no do italiano. No entanto, como se percebe claramente, a tradução por ambos adoptada não é a mesma, e naturalmente, do ponto de vista estrito da zoologia, nem mesmo indiferente. Impõe-se, por isso, a intervenção de um especialista que, no caso do revisor da minha própria tradução, se pronunciou pela equivalência ‘girafa’.

ἀκρωμία (trad. de Peck ‘on its withers’)

LSJ

ἀκρ-ωμία, ἡ, *point of the shoulder, acromion process*, *Hp. Art.* 14: in a horse, *withers*, *X. Eq.* 1. 11, cf. ARIST. *H.A.* 498b 30.

Bailly

ἀκρ-ωμία, ας (ή) pointe de l'épaule, crête de l'omoplate, HPC. Art. 791; garrot d'un cheval, XÉN. Eq. 1.11, ARIST. H.A. 2,1,11 (ἄ. ὦμος).

Montanari

ἀκρ-ωμία, ας, ή (ἄκρος, ὦμος) anat. **punta della spina della scapola, processo acromio** HP. Art. 14 ecc. / **garrese**, XEN. Hip. 1.11, al. ARIST. H.A. 498b 30 ecc.

Como comentário geral a este exemplo, parece evidente como todas as versões se decalcam no essencial.

– tradução – apenas registo como em todos os casos é feita a necessária distinção de tradução, conforme as espécies animais (humana ou equina) a que se deve aplicar. Esta é, naturalmente, uma distinção fundamental, que pode exigir também, em situações de maior dificuldade, a intervenção de um especialista. Saliento mais uma vez a catalogação específica do campo semântico da palavra feita por **Montanari** com a menção *anat.*

Χαίτη (trad. de Peck 'mane')

LSJ

Χαίτη, -ης, *loose, flowing hair*, ξανθὴν ἀπεκείρατο χαίτην, Il. 23.141; τίλλοντό τε χαίτας, Od. 10.567, cf. S. Aj. 634 (lyr.): χαίταν ἐλαίαι... στεφανωσάμενον B. 10.28; pl., of a single person, χαίτας πεξαμένη Il. 14.175, cf. 10.15, Pi. N. 1.14, B. 16.105, etc.; χαίτας (Dor. acc.) ὑπὲρ κεφαλῆς Tyr. 1.39 Diehl; used esp. of *back hair*, acc. to Ruf. *Onom.* 14.2. of a horse's *mane*, θαλερὴ δ' ἐμαίνετο χαίτη Il. 17.439, cf. 19.405; ἀμφὶ δὲ χαῖται ὦμοις αἰσσοῦνται 6.509, cf. X. Eq. 5.5, 7.1, Plu. *Pel.* 22.3. after Hom., of a lion's *mane*, E. *Ph.* 1121; ὅσα λοφιὰν ἔχει, ὡσπερ λέων, opp. ὅσα λοφιὰν ἔχει, ὡσπερ ἵππος Arist. H.A. 498b 28, cf. PA 658^a 31; but metaph., φρίξας λοφιάς λασιούχενα χαίταν, of Aeschylus, Ar. *Ra.* 822 (hex.). b. ὄξυβελεις χ., of a hedgehog's spines, Emp. 83.2.4. *crest* of a helmet, Plu. *Alex.* 16.5. metaph. of trees, *foliage*, Call. *Del.* 81: pl., Theoc. 6.16, *Anacreont.* 17/18,12; also βύβλος... ἐπ' ἄκρωι χαίτην ἔχουσα Str. 17.1.15. (Ambraciot. word acc. to AB 1095: not in Prose of human hair; cf. avest. *gaesa*- 'curly hair'.)

Bailly

Χαίτη, ης (ή) I cheveux flottants, longs cheveux, longue ou épaisse chevelure, Il. 23,141; *au plur.* Od. 10, 567; *au plur. en parl. d'une seule pers.* Il. 10,15; 14,175; SOPH. Aj. 633; EUR. Alc. 473; *en parl. d'animaux*, crinière, Il. 6.509; 15,266; 17,439; 19,405, etc.; EUR. Ph. 1121; XÉN. Eq. 5,5 et 7; 7,1; 8,8, etc.; ARIST. H.A. 2,1,19, etc. | II *p. anal.*: 1 crinière d'un casque, PLUT. Alex. 16|2 feuillage, ANACR. 18; THCR. 6,16; d'ou plante, M. SID. 99 (*obscur, vocal. a*).

Montanari

Χαίτη, -ης, ή (*ie. *ghait-*; cf. *m. irl. gaiset. avest. gaesa*) (a) **chioma, capigliatura, capelli** Il. 19.405, al. Od. 10.567, al. ARCHIL. 217 TYRT. 20.14 SOPH. Ai. 634; ξανθὴν χαίτην capelli biondi Il. 23.141 χαίταν ἐλαίαι...

στεφανωσάμενον con i capelli coronati di ulivo BACCHYL. 11.28 | *pl. = sg.* IL. 10.15, 14.175 PIND. O. 3.6 BACCHYL. 17.105 ecc. (b) **criniera, di cavallo** XEN. Hip. 5.5, al. θαλερὴ χαίτη folta criniera Il. 17.439; ἀμφὶ δὲ χαῖται ὦμοις αἰσσοῦνται la criniera ondeggia sulle spalle Il. 6.509 | *postom. di leone* EUR. Ph. 1121 ARISTOT. H.A. 498b 28 | tras. di Eschilo ARISTOPH. Ran. 822 | *del riccio*: ὄξυβελεις χ. criniera dalle punte aguzze EMPED. B 83.2 | *dell' elmo* **penacchio** PLUT. Alex. 16.7 (c) *di alberi* **chioma, fogliame, foglie** CALLIM. H. 4.81 NIC. Al. 260 | *pl. = sg.* THEOCR. 6.16, (ANACR.) 18.12; βύβλος... ἐπ' ἄκρωι χαίτην ἔχουσα il papiro che ha le foglie in cima STRAB. 17.1.15 (d) **chioma, di una cometa** HERH. 1.24.5 **dor.* χαίτα BACCHYL. l.c.

Verifiquemos agora o exemplo de uma palavra bastante menos restrita no uso do que as que anteriormente apreciámos, a exigir portanto um nível de informação mais amplo e diversificado. Vamos valorizar apenas algumas questões mais salientes.

– utilização de citações ou abonações – há claras divergências de critério de dicionário para dicionário:

– desde logo o número de exemplos e o espectro de textos considerados é claramente mais reduzido em **Bailly**; a transcrição de citações obedece a diferentes critérios (**Bailly** não transcreve outras abonações, ao contrário dos dois restantes). **Bailly**, nas observações introdutórias ao seu dicionário, faz referência ao equilíbrio difícil na inclusão do número de exemplos. Do ponto de vista que defende – e a que eu em certa medida adiro considerando um utilizador mais geral e de preparação limitada – parece mais útil moderar o número de exemplos, acrescido das respectivas traduções, em vez de uma multiplicação de exemplos sem tradução, que constituam para quem consulta uma dificuldade acrescida, em vez de uma solução simples e directa.

– **Montanari** reduz as citações ao essencial, excluindo palavras sem interesse para o seu ponto de vista (cf. **LSJ** ξανθὴν ἀπεκείρατο χαίτην / **Montanari** ξανθὴν χαίτην); não se limita, ao contrário de **LSJ**, a transcrever abonações do grego para sentidos específicos da palavra, como também inclui a tradução italiana de cada caso concreto (**LSJ** χαίταν ἐλαίαι... στεφανωσάμενον B. 10.28 / **Montanari** χαίταν ἐλαίαι... στεφανωσάμενον con i capelli coronati di ulivo BACCHYL. 11.28); é saliente, nas preferências expressas sob este ponto de vista, a coerência com a definição de um público privilegiado, desejavelmente mais conhecedor no caso de **LSJ**. A selecção de exemplos aborda aspectos vários e relevantes, do ponto de vista social e cultural, em torno da ideia de cabelos humanos: cor, dimensão, disposição, tratamento comum ou uso cerimonial da cabeleira. A selecção de exemplos para especificação de utilizações ou de sentidos será sem dúvida um processo de gestão delicada, de forma a que o produto resulte numa medida correcta e os exemplos de facto entre si distintivos, dificuldade agravada quando se trata de palavras correntes, como é o caso de χαίτη.

– **LSJ** é mais preciso no registo do nível de linguagem (S. Aj. 634 (lyr.), do dialecto (χαίτας (Dor. acc.)), ou do valor estilístico (but metaph.); **Montanari** só mais pontualmente inclui estas precisões (*dor.* χαίτα BACCHYL. l.c.);

Bailly nunca, no verbete que analisamos. **LSJ** e **Montanari** incluem referências a outras línguas de raiz indo-europeia fora do estrito universo grego, como o avéstico ou o irlandês, abrindo assim um apontamento para a linguística comparada, dirigido a um público mais aberto, com interesses mais diversificados, e sem dúvida mais especializado do que o estudante universitário corrente.

– tradução – todos os dicionários são claros na separação dos diversos sentidos, dos mais directos aos metafóricos, por áreas semânticas, com soluções específicas para cada caso. A ordenação dos diversos campos semânticos (cabeleira humana, animal, penacho de elmo, uso metafórico para as plantas), que segue nos três exemplos uma disposição semelhante e obedece a uma separação que se pretende graficamente destacada, implica um esforço de clareza, equilíbrio e coerência a ter em conta. **Montanari** oferece ainda um número maior e mais diversificado de soluções concretas de tradução, não se limitando a definir um sentido, mas proporcionando várias sugestões de expressão, que são de indiscutível utilidade (**LSJ** *loose, flowing hair* / **Montanari** *chioma, capigliatura, capelli*; ou **LSJ** *foliage* / **Montanari** *chioma, fogliame, foglie*).

– Apresentação gráfica – talvez em palavras com profusão de informação se torne mais visível o conforto que o uso de **bold** (**Montanari**) representa para uma avaliação imediata, de conjunto, da diversidade de usos e de significados.

À laia de conclusão, reservo-me apenas um comentário final, que resulta desta brevíssima exemplificação. O projecto que se vem concretizando, para preencher um espaço estranhamente vazio – o da existência de um dicionário de qualidade grego-português – parte, naturalmente, dos seus congéneres de alto nível, de há muito existentes noutras línguas. Mas não pode esquecer também o público a que se destina, nivelando-se talvez pelo tipo ‘estudante universitário de conhecimentos limitados’, que será sem dúvida o seu público-alvo. A definição desta terceira ponta do triângulo – para além da equipa e do trabalho a produzir – será também um factor decisivo em termos de opções de trabalho e de nível de sucesso.

Bibliografia

- F. R. ADRADOS, “El Diccionario Griego-Español. Estado actual de los trabajos”, *Emerita*, 39 (1971) 1-32.
- M. M. ALBUQUERQUE, “Diccionario Griego-Español”, *Euphrosyne*, 12 (1983-1984) 241-246.
- J. L. FACAL, “Más información sobre el Diccionario Griego-Español”, *Emerita*, 46 (1978) 335-341.
- R. PRETAGOSTINI, “Un nuovo vocabolario greco-latino”, *QUCC* 55 (84), 1 (1997) 137-140.
- J. R. SOMOLINOS, “Notas lexicográficas. Materiales para un futuro suplemento”, *Emerita*, 56 (1988) 233-244.
- J. R. SOMOLINOS, “Informática y lexicografía: la experiencia del *Diccionario*”, *Emerita*, 59 (1991) 81-99.

O vocabulário para «contratos» em Tucídides

ADRIANA FREIRE NOGUEIRA
Univ. Algarve

Este pequeno estudo partiu da necessidade que tive de compreender os diferentes tipos de contratos que Tucídides nos apresenta. O facto de algumas traduções¹ não darem completamente conta das variações de significado e utilizações de alguns vocábulos, levou-nos a procurar nos contextos pistas que nos indicassem o seu sentido mais exacto.

1. Relevância da variação vocabular

1.1. ἐπιμαχία / ξυμμαχία

Quando se refere a estes contratos, Tucídides usa palavras diferentes em situações similares, o que nos poderia levar a crer que a sua aplicação seria, de algum modo, indiferente e o seu significado semelhante. No entanto, podemos verificar que a escolha vocabular não é tão irrelevante quanto parece; pelo menos, a precisão da linguagem que se tenta desenvolver no século V a.C. é aqui posta ao serviço dos interesses de cada partido e é possível ver estes usos específicos em diversos passos. Além de tentar entender as aplicações de cada palavra, também é minha intenção propor uma tradução fiel aos sentidos e adequações originais, tarefa que nem sempre se revelou fácil ou plenamente conseguida. Fica aqui a tentativa.

Algumas palavras deste campo semântico têm um uso mais frequente que outras. Por exemplo, ἐπιμαχία é usada apenas 3 vezes em toda a obra, enquanto ξυμμαχία, só no livro I, surge para cima de 25 vezes e, no livro V,

¹ Encontrei nas traduções consultadas algumas discrepâncias, que imagino não podem ser atribuídas a um menor cuidado dos tradutores. No entanto, penso ser possível manter uma versão que dê ao leitor a possibilidade de se aperceber da riqueza de vocabulário. Como nem sempre discordo dos tradutores e também não pretendo fazer um levantamento vocabular completo, apresentarei sugestões de tradução apenas quando forem diferentes e consideradas pertinentes. A versão usada foi a de RICHARD CROWLEY, na revisão de ROBERT STRASSLER, *The Landmark Thucydides: A Comprehensive guide to the Peloponnesian War*, Touchstone, Nova Iorque, 1998, e a de JACQUELINE DE ROMILLY, RAIMOND WEIL e LOUIS BODIN, *Thucydide. La Guerre du Péloponnèse. Livres I-VIII*, Paris, Société d'Éditions «Les Belles Lettres», 1958 (2.ª ed.) – 1972. Doravante estas edições serão referidas como versão inglesa e versão francesa.

cerca de 50 vezes². O sentido de ἐπιμαχία é especificado em I.44.1., tomando o sentido de «acordo defensivo», pois quando o autor acrescenta que se ajudavam mutuamente δ' ἐποιήσαντο τῆ ἀλλήλων βοηθεῖν, o seu sentido alarga-se. Esta expressão parece uma fórmula que se acrescenta para uma melhor compreensão do termo, o que pode sugerir que não seria muito usado ou conhecido³.

Quando, em I.44.1., se diz que os Atenienses não fazem uma ξυμμαχία com os Corcíreus, mas uma ἐπιμαχία, pois não querem quebrar o σπονδαί⁴ que têm com os Peloponésios, temos um exemplo de utilizações diversas destas palavras. A proposta que faço é que ξυμμαχία (e ξυμμαχικόν, que se pensa ser uma variação⁵) seja entendida como *aliança* e o seu cognato οἱ ξύμμαχοι seja, então, traduzido⁶ como «os aliados», sem nenhuma especificação sobre a sua natureza ofensiva ou defensiva. Quanto menos especificações são dadas pelo texto, mais amplo deverá ser o sentido atribuído na tradução. Dada a frequência desta palavra seria fastidioso apresentar exemplos da sua utilização na *História da Guerra do Peloponeso*.

Para ἐπιμαχία proponho «acordo defensivo»⁷, pois que esse seria um sentido possível, próximo de um primordial, facultado pela preposição ἐπί adjunta ao verbo μάχομαι, atribuindo-lhe a ideia de tempo sequencial: *lutar depois*, donde, só após um ataque, portanto, *defensivamente*.

1.2. ὁμολογία

Outra palavra usada com frequência nestes contratos, alianças, acordos e tratados, é ὁμολογία, que surge cerca de 25 vezes no *corpus* tucidiano. Apesar de o seu sentido incluir a ideia de concordância, donde «acordo», podemos ver que é usada principalmente em situações de submissão, ou,

² O que não é de estranhar, visto que este livro é especialmente pródigo em acordos e tratados de várias partes que se vão fazendo e desfazendo conforme as conveniências.

³ G. E. M. DE STE CROIX (*The Origins of the Peloponnesian War*, Duckworth, London, 1972, p. 328, Appendix XIII) informa-nos da raridade desta palavra, também pouco usada fora do texto de Tucídides. A discrepância de utilização entre ξυμμαχία e ἐπιμαχία também lhe chamou a atenção, de modo que remete para o comentário de ANDREWS (em A. W. GOMME, A. ANDREWS e K. J. DOVER, *Historical Commentary on Thucydides*, Oxford University Press, 1945-1981), que pensa que o termo caiu em desuso, pois as alianças passaram a ser todas defensivas, perdendo ἐπιμαχία utilidade. JEFFREY RUSTEN (Cornell University-EUA, editor do Livro II na Cambridge University Press) chamou-me a atenção para a possibilidade desta palavra ter sido uma invenção de Corcira para justificar uma aliança à qual não teria direito. Já que não lhes era permitida uma ξυμμαχία com os Atenienses (pois seria redundante, visto serem aliados através de Corinto), uma nova forma de se associarem a Atenas, sem violarem regras, seria fazendo um acordo especificamente defensivo, a ἐπιμαχία.

⁴ Ver §2 deste artigo.

⁵ Para o recuso à variação como parte do estilo de Tucídides, ver J. G. A. Ros, *Die METABOAH (VARIATIO) als Stilprinzip des Thukydides*, Verlag Adolf M. Hakkert, Amsterdão, 1968.

⁶ Esta proposta é consensual entre os tradutores: «allies», na versão inglesa e «alliés», na versão francesa.

⁷ A tradução francesa retém a ideia de «defensivo», mas não estabelece uma forma única de o designar: em I.44.1. traduz por «accord défensif», em V.27.2., por «entente défensive» e em V.48.2. por «alliance défensive»; a tradução inglesa traduz sempre por «defensive alliance».

pelo menos, que nas situações de submissão é a escolha preferida, como acontece nos exemplos seguintes:

- I.114.3., onde os Atenienses, através de uma ὁμολογία, deslocam a população de Histieia e ocupam, eles próprios, a terra, como clerucos;
- I.117.3., onde os Sâmnios, perdendo a favor dos Atenienses, fazem uma ὁμολογία com eles;
- III.90.3, quando os Atenienses forçam a população de Milas a cederem às suas exigências: ἠνάγκασαν ὁμολογία;
- VI.94.3, quando se apoderam de Centúripo;

Ou quando a população de Mitilene se apercebe que não está em condições de sustentar um combate e entra em conversações com os Atenienses com vista a uma ὁμολογία τινὶ ἐπιεικεῖ (um «acordo conveniente»)⁸.

Neste sentido, ὁμολογία é o termo usado nas rendições, com um significado não muito distante do usado em I.98.4 através do verbo καθίστημι. Tucídides diz-nos que Naxos foi a primeira a ser escravizada *contra o que estava acordado* (ou *estabelecido*): παρὰ τὸ καθεστηκός. Tendo em conta todas estas gradações nos significados, a minha proposta, sempre alargada, é a que enunciei atrás: «acordo», tendo em consideração que é um acordo de submissão. Para as formas verbais cognatas proponho «submeter-se a um acordo», dando assim a noção implícita nos contextos.

1.3. ἀνοκωχή;

Algumas palavras têm uma implicação menos determinante no envolvimento das partes ou estão associadas à ideia de um período de tempo mais reduzido, como acontece com ἀνοκωχή.

Como Corinto era aliada de Esparta e esta tinha uma σπονδαί com os Atenienses, por extensão, também Corinto a tinha, de modo que seria redundante uma outra σπονδαί. Daí que, em V.32.7., se diga que os Coríntios têm uma ἀνοκωχή ἄσπονδος, uma «trégua sem tratado» com os Atenienses.

Forma reforçada de ἀνοχή, ἀνοκωχή significa *aguentar*, donde a minha proposta de «armistício» ou «trégua». O seu uso no texto de Tucídides também não é muito frequente (oito vezes), coexistindo junto de outros termos afins, como σπονδαί. Em I.40.4., os Coríntios realçam que os Atenienses têm para consigo uma σπονδαί, e com os Corcíreus não têm, sequer, uma ἀνοκωχή⁹. Este contraste com σπονδαί acontece também em V.25.3., onde se diz que, por sete anos e dez meses, tentaram não romper a σπονδαί, movimentando-se μετ' ἀνοκωχῆς οὐ βεβαίου («com uma trégua pouco firme»). O termo aplicado no contexto de I.66.1 quase se podia identificar com a própria σπονδαί que existia entre Atenienses e Lacedemónios e cuja quebra esteve na origem desta guerra do Peloponeso, pois o autor diz-nos que, apesar de tudo o que aconteceu (ataque a Potideia), a ἀνοκωχή continuou. Parece-me que ἀνοκωχή signi-

⁸ A tradução francesa faz equivaler ὁμολογία a «conditions» e a inglesa a «terms».

⁹ A versão francesa tem «pacte provisoire».

ficaria, então, o espaço de tempo em que vigoraria legalmente um armistício, independentemente da existência de um tratado regulador. Daí, «trégua».

1.4. ἐκεχειρία; ξύμβασις / ξυμβαίνω; ξυμβολή

Como variação de ἀνοκωχή encontramos ἐκεχειρία com um sentido semelhante a «armistício», «trégua». Sendo esta palavra composta pelo verbo ἔχω e o substantivo χεῖρ, podemos estender o seu sentido imediato, de *ter nas mãos*¹⁰ para *segurar, aguentar, fazer uma pausa*, donde, também «trégua».

Um outro termo frequentemente usado (o mesmo número de ocorrências de ὁμολογία) é ξύμβασις, tanto na forma substantiva como nas formas conjugadas do verbo ξυμβαίνω. O sentido do nome será o de *acordo, tratado*, mas, para manter a *uariatio*, proponho que se opte por «convenção». O verbo será *chegar a uma acordo, aceitar uma convenção, fazer um tratado*.

Em I.77.1., os Atenienses dizem que têm uma ξυμβολαίας [...] δίκαις com os seus aliados, estabelecida ἐν τοῖς ὁμοίοις νόμοις. Jacqueline de Romilly¹¹ explica que estas

étaient conventions conclues par les cités et déterminant les conditions des procès entre leurs ressortissants. Le contenu de ces conventions ne nous est pas assez connu pour que l'idée exprimée par Thucydide soit claire.

Em IV.117.1. temos um bom exemplo destes usos: Lacedemónios e Atenienses fazem uma trégua (ἐκεχειρίαν) por um ano com vista a chegar a um acordo (ξυμβήναι), pensando que uma trégua (ἀνοκωχῆς) aos males podia ser o prelúdio para se realizar um *contrato por mais tempo* (σπονδάς ποιήσασθαι καὶ ἐς τὸν πλείω χρόνον).

2. Diferenças e semelhanças entre ξυμμαχία e σπονδαί.

Em V.24.2., com os dois termos presentes na mesma frase (Αὕτη ἡ ξυμμαχία ἐγένετο μετὰ τὰς σπονδάς οὐ πολλῶ ὕστερον), podemos perceber que havia uma diferença de sentido entre ξυμμαχία e σπονδαί. O mesmo acontece em V.39.3. quando se diz que os Beócios, como os Atenienses, querem uma ξυμμαχία e, no mesmo parágrafo, que os Lacedemónios têm uma σπονδαί com os Atenienses e fazem uma ξυμμαχία com os Beócios¹². Também os Argivos, pensando que os Beócios tinham uma σπονδαί com os Atenienses, concluíram que nunca poderiam vir a ter nem mesmo uma ξυμμαχία com estes últimos (V.40.2.).

¹⁰ Aristófanis, na comédia «A Paz», 908, faz um jogo de palavras com estes dois sentidos de ἐκεχειρία.

¹¹ P. 104 da sua edição de Thucydide, *La Guerre du Peloponnese*, Livre I, Sociéte d'Éditions «Les Belles Lettres», Paris, 1958, nota a este passo I. 77.1.

¹² J. G. A. Ros, *op.cit.*, p. 101, apresenta esta passo como primeiro exemplo quando afirma que «Ξυμμαχία und σπονδαί stehen in ihrer Bedeutung oft deutlich genug nicht auf derselben Linie, so z. B. V 24, 2».

Por vezes o uso destas palavras é, realmente, próximo, como em V.42.2:

ὅτι καὶ Βοιωτοῖς ἰδίᾳ ξυμμαχίαν πεποιήνται, φάσκοντες πρότερον κοινῇ τοὺς μὴ δεχομένους τὰς σπονδάς προσαναγκάσειν

E que tinham feito uma ξυμμαχίαν em privado com os Beócios, quando antes diziam que haviam de forçar os que não aceitassem uma σπονδάς em comum.

mas a diferença era reconhecida pelos Gregos, pois em V.48.1. e V.80.1. temos, numa expressão textualmente idêntica, os dois termos ligados por uma copulativa: Αἱ μὲν σπονδαί καὶ ἡ ξυμμαχία οὕτως ἐγένοντο.

Por estas razões compreende-se que a tradução não é fácil nem as decisões pacíficas. O termo, por vezes, na sua forma composta ὑπόσπονδοι, é empregue para designar *autorizações com fins determinados, pactos*, como acontece quando, após uma batalha, os perdedores recolhem os corpos¹³. Esta utilização, em vez de limitar, parece-me que alarga a abrangência do termo que poderá ser usado com um sentido geral de *contratos*. Daí que não me pareça que opções como «trégua»¹⁴ sejam desejáveis. Esta palavra tem na nossa língua uma conotação de *paragem de confrontos* enquanto σπονδαί, se for traduzida por «tratado» ou «contrato», como sugiro, assegura, segundo me parece, a grandeza que a palavra implica.

3. Propostas

- ἀνοκωχῆ – trégua
- ἐκεχειρία – trégua; armistício
- ἐπιμαχία – acordo defensivo
- ξύμβασις – convenção
- ξυμβαίνω – chegar a uma acordo, aceitar uma convenção, fazer um tratado
- ξυμβολή (ξυμβολαί) – trégua
- ξυμμαχία (e ξυμμαχικόν) – aliança
- οἱ ξύμμαχοι – os aliados
- ὁμολογία – acordo
- σπονδαί (no plural) – tratado; contrato.

¹³ Os corpos dos combatentes podem ser recuperados através de um pacto (II.82. – ὑποσπόνδους) ou sem pacto (II. 22.2. – ἀσπόνδους).

¹⁴ Como na tradução francesa «trêve» ou ingles «truce», em IV.118.10; ou em VI.7.4.

Os nomes próprios no Dicionário de Grego-Português

CRISTINA ABRANCHES GUERREIRO
CEC, Fac. Letras, Lisboa

Quem entre nós habitualmente traduz textos gregos, ou procede à revisão técnica de versões portuguesas de ensaios no âmbito da literatura ou da cultura da Hélade, decerto já se confrontou com algumas dúvidas na adaptação de determinados nomes próprios menos frequentes ou conhecidos.

Indispensável instrumento de trabalho nesta área é, sem dúvida, o *Vocabulário da Língua Portuguesa*¹, que regista a adaptação à nossa língua de milhares de nomes próprios gregos e latinos. Para adaptar os que aí se não encontram inventariados (tarefa tão árida e árdua quanto minuciosa), dois volumes editados pela Fundação Calouste Gulbenkian (em colaboração com a Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica) poderão ser úteis auxiliares de trabalho: o primeiro é um manual intitulado *Do Grego e do Latim ao Português*², que fornece uma sistematização e exemplificação das regras de adaptação de nomes próprios; tomando por base os nomes próprios de origem grega e latina que figuram no *Vocabulário da Língua Portuguesa* de Rebelo Gonçalves, o segundo volume, *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos*³, inclui um índice inverso, em que surgem agrupados todos os vocábulos com idênticas terminações, que poderão assim servir de paradigma à adaptação de outros com as mesmas características.

Não raramente porém outras consultas são necessárias a quem empreende a tarefa de adaptar à nossa língua nomes próprios gregos, dado que a versão portuguesa pressupõe a mediação da correspondente forma latina (atestada ou conjecturada):

- a) no caso de palavras terminadas em *-εια*, é necessário verificar se a forma latina termina em *-ea* ou em *-ia*, o que não será indiferente para chegar à forma portuguesa (e.g., *Ἀμάλθεια* / *Amalthea* / Amalteia; *Θάλεια* / *Thalia* / Talia; *Ἐλάτεια* / *Elatea* ou *Elatia* / Elateia ou Elatia);

¹ FRANCISCO DA LUZ REBELO GONÇALVES, *Vocabulário da Língua Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, 1960

² MARIA HELENA DE TEVES COSTA UREÑA PRIETO/MARIA ISABEL GRECK TORRES/CRISTINA MARIA NEGRÃO ABRANCHES, *Do Grego e do Latim ao Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.

³ MARIA HELENA DE TEVES COSTA UREÑA PRIETO/JOÃO MARIA DE TEVES COSTA UREÑA PRIETO/ABEL DO NASCIMENTO PENA, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.

- b) no caso de ecónimos (nomes de edifícios) ou topónimos em -ειον, a terminação da forma portuguesa poderá ser em -eu ou em -io (cf. Δασκύλειον /*Dascylium*/Dascílio; Ἐρεχθεῖον/*Erechtheum*/Erecteu);
- c) no caso de nomes em -ειος, a forma latina também influencia a portuguesa (Ἄλφειός/*Alpheus*/Alfeu; Νεστόρειος/*Nestorium*/Nestório);
- d) no caso de nomes masculinos em -ης, ου, é preciso procurar a forma latina, para verificar se termina em -as, em -a ou em -es (cf. Αἰακίδης/*Aeacida*/Eácida; Πελοπίδης/*Pelopidas*/Pelópidas; Πέρσης/*Perses*/Perses);
- e) os dois sigmas poderão manter-se, ou simplificar-se: Νάρκισσος/*Narcyssus*/Narciso; Οἰνοῦσαι/*Oenussae*/Enussas.

Exceptuando os nomes cujo nominativo termina em -ωρ (e.g. Ἀλεγήνωρ - Alegenor) ou em -άος com alfa longo (e.g. Νικόλαος - Nicolau; mas Οἰνόμαος - Enómao), a acentuação da versão portuguesa reproduzirá, em regra, a acentuação da forma latina (atestada ou conjecturada): serão graves as formas portuguesas correspondentes a vocábulos latinos com a penúltima sílaba longa; serão esdrúxulas, se a penúltima sílaba for breve. A necessidade de averiguar a quantidade de determinadas vogais da penúltima sílaba das formas latinas poderá tornar imprescindível a consulta ao *Onomasticon* de Forcellini⁴; no caso de ser necessário proceder à conjectura de uma forma latina não atestada, poderá ser útil verificar a quantidade de algumas vogais no dicionário de nomes próprios de Pape e Benseler⁵.

São estes instrumentos de trabalho a panóplia imprescindível para uma tarefa aparentemente tão simples como adaptar nomes próprios (sem, por vezes, chegar ao desejado esclarecimento das dúvidas que motivaram a consulta...).

Para ilustrar algumas destas questões, coligi uma amostra de cerca de trezentos nomes próprios e adjectivos étnicos, entre as rubricas Ἄλανοί e Ἄμοπάων. Destas três centenas de palavras, pouco mais de um terço tem a sua adaptação registada no *Vocabulário da Língua Portuguesa* de F. Rebelo Gonçalves; cabe-nos usar os instrumentos disponíveis, para procurar a melhor adaptação para as restantes.

- Ἄλανοί, ὦν (οἶ). etn. m. pl. Alanos (povo da Sarmácia)
- Ἄλαρόδιοι, ὦν (οἶ). etn. m. pl. Alaródios (povo das margens do Ponto Euxino)
- Ἄλαστορίδης, ου (ὅ). patr. m. sing. Alastórides (filho de Alastor)
- Ἄλάστωρ, ορος (ὅ). antr. m. Alastor
- Ἄλάτα. top. cidade da Arábia
- Ἄλάτας, ου (ὅ). antr. m. Alatas (var. Ἄλάτης)

⁴ A. FORCELLINI *et al.*, *Lexicon Totius Latinitatis*, V-VI *Onomasticon*, Bononiae, Arnaldus Forni, 1965

⁵ W. PAPE - G. BENSELER, *Wörterbuch der griechischen Eigennamen*, Graz, 1959 (repr. da ed. de 1911).

- Ἄλβα, ας (ἡ). top. cidade do Lácio
- Ἄλβανία, ας (ἡ). top. Albânia
- Ἄλβανις λίμνη (ἡ). hidr. lago do monte Albano
- Ἄλβανοί, ὦν (οἶ). etn. m. pl. Albanos
- Ἄλβανός, ἡ, ὄν. adj. Albano 1. de Alba (no Lácio)
2. da Albânia (na Ásia, perto do mar Cáspio)
- Ἄλβιαννα, ας (ἡ). Albiana
- Ἄλβιγαυνον, ου (τό).
- Ἄλβίνος, ου (ὅ). antr. m. Albino
- Ἄλγιδος, ου (ὅ). top. Álgido (cidade do Lácio)
- Ἄλέα, ας (ἡ). top. Álea
- Ἄλεαῖα, ὦν (τά). heort. Aleeus (jogos)
- Ἄλεγνηνορίδης, ου (ὅ). patr. m. Alegenórides (filho de Alegenor)
- Ἄλεγήνωρ, ορος (ὅ). antr. m. Alegenor
- Ἄλεῖος, ου (ὅ). mit. m. Aleu (epíteto de Zeus)
- Ἄλεις, εντος (ὅ). hidr. Halente 1. rio da Lucânia 2. rio de Cós
- Ἄλείσιον, ου (τό). top. orón. Alísio (vila e colina da Élide)
- Ἄλεκτορίδης, ου (ὅ). patr. Alectórides (filho de Alector)
- Ἄλέκτρα v. Ἡλέκτρα
- Ἄλεκτρών, ὄνος (ὅ). antr. m. Aléctrion
- Ἄλέκτωρ, ορος (ὅ). antr. m. Alector
- Ἄλεντία, ας (ἡ). pros. Alência (cognome de Afrodite)
- Ἄλεξαμένης, ους (ὅ). antr. m. Alexâmenes
- Ἄλεξαμενός, οῦ (ὅ). antr. m. Alexâmeno
- Ἄλεξάνδρα, ας (ἡ). antr. f. Alexandra
- Ἄλεξάνδρεια, ας (ἡ). top. f. Alexandria
- Ἄλεξανδρεύς, ἕως (ὅ).
- Ἄλεξανδρίδης, ου (ὅ). antr. m. Alexândrides
- Ἄλεξανδρόπολις, εως (ἡ). top. Alexandrópolis/Alexandrópole (nome de cidade)
- Ἄλέξανδρος, ου (ὅ). antr. m. Alexandre
- Ἄλέξαρχος, ου (ὅ). antr. m. Alexarco
- Ἄλεξᾶς, ᾶ (ὅ). antr. m. Alexas
- Ἄλεξιάρους, (ὅ). top. (local da Beócia)
- Ἄλεξίας, ου (ὅ). antr. m. Aléxias
- Ἄλεξιβιάδας, α (ὅ). patr. Alexibíades (filho de Alexíbio)
- Ἄλεξίβιος, ου (ὅ). antr. m. Alexíbio
- Ἄλεξίδα, ας (ἡ). antr. f. Aléxida
- Ἄλεξίδας, α (ὅ). antr. m. Aléxidas
- Ἄλεξίδημος, ου (ὅ). antr. m. Alexidemo
- Ἄλεξικλῆς, ἕους (ὅ). antr. m. Alexicles
- Ἄλεξικράτης, ου (ὅ). antr. m. Alexícrates

Ἀλεξίμαχος, ου (ό). antr. m. Alexímaco
 Ἀλεξίνομος, ου (ό). antr. m. Alexínomo
 Ἀλεξῖνος, ου (ό). antr. m. Alexino
 Ἀλεξίππα, ας (ή). antr. f. Alexípa
 Ἀλεξιππίδας, α (ό). antr. m. Alexípidas; patr. (filho de Alexipo)
 Ἀλέξιππος, ου (ό). antr. m. Alexipo
 Ἀλεξίροη, ης (ή). antr. f. Alexírroe. V. Ἀλεξίρροια, ας
 Ἀλεξίρροια, ας (ή). antr. f. Alexirreía
 Ἀλεξίς, ιδος (ό). antr. m. Aléxis
 Ἀλεξίων, ωνος (ό). antr. m. Aléxion
 Ἀλεξώ, οὺς (ή). antr. f. Alexo
 Ἀλέξων, ωνος (ό). antr. m. Aléxon
 Ἀλεός, οὔ (ό). antr. m. Aleu
 Ἀλέτριον, ου (τό). top. Alétrio (cidade do Lácio)
 Ἀλευάδαι, ων (οί). patr. pl. Alévadas (descendentes de Alevas)
 Ἀλεύας, α (ό). antr. m. Alevas
 Ἀληϊον πεδῖον (τό). top. a planície de Aleia (na Cilícia)
 Ἀληκτώ, όος-οὺς (ή). mit. f. Alecto (uma das Fúrias)
 Ἀληξ, ηκος (ό). hidr. Hálex (rio da Itália)
 Ἀλης, εντος (ό). hidr. Ales/Alente (rio de Cólofon)
 Ἀλησία, ας (ή). top. Alésia (cidade da Gália)
 Ἀλητα, ας (ή). Aleta (cidade da Dalmácia)
 Ἀλητεῖδαι, ων (οί).
 Ἀλήτης, ου (ό). antr. m. Aletes (var. Ἀλάτας)
 Ἀλήτιον, ου (τό). top. Alécio (cidade da Calábria)
 Ἀλητιάδαι, ὦν (οί). patr. m. pl. Aletíadas (descendentes de Aletes)
 Ἀλθαία, ας (ή). antr. f. Alteia (var. Ἀλθαίη)
 Ἀλθαίη, ης (ή). antr. f. Alteia (var. Ἀλθαία)
 Ἀλθαῖνος, ου (ό). hidr. Alteno (rio da Itália)
 Ἀλθηπος, ου (ό). mit. m. Altepo
 Ἀλθήπιος, ου (ό). antr. m. Altéfio
 Ἀλία, ας (ή). mit. f. Hália (nome de Nereide)
 Ἀλιάκμων, ονος (ό). Haliácmon 1. hidr. (rio da Piéria)
 2. teón. (nome da divindade do rio Haliácmon)
 3. antr. m.
 Ἀλιάρτιος, ου (ό). adj. étn. Haliárcio (habitante ou natural de Haliarto)
 Ἀλιάρτος, ου (ό). top. Haliarto (cidade da Beócia)
 Ἀλίας, ου (ό). hidr. Álias (rio da Itália)
 Ἀλιάς, άδος (ή). top. Hálias (região da Argólida)
 Ἀλιεῖς, έων (οί). top. Hális/Hales (cidade da Argólida)
 Ἀλιζών, όνος (ό). hidr. Alízon
 Ἀλιζώνες, ων (οί). etn. m. pl. Halizōes (povo da Bitínia)

Ἀλιθέρης, ου (ό). antr. m. Haliterses
 Ἀλικάδρα ου Ἀλιδράκα, ας (ή). top. Alicadra ou Alidraca
 (cidade da Média)
 Ἀλικαρνασσεύς, έως (ό). Halicarnássico (dialecto)
 Ἀλικαρνάσιος, α, ον. Halicarnássio
 Ἀλικαρνασσός, οὔ (ό). top. Halicarnasso
 Ἀλικύαι, ὦν (αί). top. Halícias (cidade da Sicília)
 Ἀλικυαῖος, α, ον. adj. Halicieu (de Halícias)
 Ἀλιλάτ. palavra árabe correspondente ao grego Οὐρανία
 Ἀλιμήδη, ης (ή). mit. f. Halimede (nome de uma Nereide)
 Ἀλιμοῦς, οὔντος (ό). top. Halimunte (demo da Ática)
 Ἀλιμούσιος, ου (ό). adj. de Halimunte
 Ἀλινδα, ων (τά). top. Alindos (cidade da Cária)
 Ἄλιος, ου (ό). antr. m. Hálío
 Ἀλιοτρόπιος, ου (ό). cron. Haliotrópio (nome de mês)
 Ἀλίπεδον, ου (ό). top. Halípedon (planície perto do Pireu)
 Ἀλιρόθιος, ου (ό). v. Ἀλιρρόθιος
 Ἀλιρρόθιος, ου (ό). antr. m. Halirrótio
 Ἀλίσαρνα, ης (ή). top. Halisarna (cidade da Mísia)
 Ἀλιταμβοί, ὦν (οί). etn. Alitambos (povo da Líbia)
 Ἀλίττα, ας (ή). teón. f. Alita (nome árabe de Afrodite)
 Ἀλίφηρος, ου Ἀλίφηρος (ό). antr. m. Alifero ou Halifero
 Ἀλκαθόη, ης (ή). antr. f. Alcátoe (var. Ἀλκιθόη)
 Ἀλκάθοος-ους, όου-ου (ό). antr. m. Alcátoo
 Ἀλκαίδης, ου (ό). patr. m. sing. Alcides (descendente de Alceu)
 Ἀλκαϊκός, ή, όν. adj. alcaico (de Alceu)
 Ἀλκαῖος, ου (ό). antr. m. Alceu
 Ἀλκαμένης, ους (ό). antr. m. Alcâmenes
 Ἀλκάνδρη, ης (ή). antr. f. Alcandra
 Ἀλκανδρος, ου (ό). antr. m. Alcandro
 Ἀλκείδης, ου (ό). patr. m. sing. Alcides (descendente de Alceu)
 Ἀλκέτης, ου (ό). antr. m. Alcetes
 Ἀλκεύνας, ου (ό). antr. m. Alceunas
 Ἀλκή, ης (ή). Alce 1. zoón. f. (nome de cadela) 2. antr. f.
 Ἀλκήνωρ, ορος (ό). antr. m. Alcenor
 Ἀλκηστις, ιδος (ή). antr. f. Alceste
 Ἀλκίας, ου (ό). antr. m. Álcias
 Ἀλκιβιάδης, ου (ό). antr. m. Alcibíades
 Ἀλκιβία, ης (ή). antr. f. Alcíbia
 Ἀλκιδάμας, αντος (ό). antr. m. Alcídamas ou Alcidamante
 Ἀλκίδας, α (ό). antr. m. Alcidas
 Ἀλκίδημος, ου (ή). pros. Alcídemo (epíteto de Atena na Macedónia)

Ἄλκιδίκη, ης (ή). antr. f. Alcídice
 Ἄλκιθή, ης (ή). antr. f. Alcítie (var. Ἄλκαθή)
 Ἄλκιμάχεια, ας (ή). antr. f. Alcimaquia. Var. Ἄλκιμάχη, ης (ή)
 Ἄλκιμάχη, ης (ή). antr. f. Alcímaque
 Ἄλκίμαχος, ου (ό). antr. m. Alcímaco
 Ἄλκιμέδη, ης (ή). antr. f. Alcímède
 Ἄλκιμέδων, οντος (ό). antr. m. Alcimedonte
 Ἄλκιμένης, ους (ό). antr. m. Alcímenes
 Ἄλκιμίδης, ου (ό). antr. m. Alcímides
 Ἄλκιμος, ου (ό). antr. m. Álcimo
 Ἄλκινάδας, ου (ό). antr. m. Alcínadas (var. Ἄλκινίδης)
 Ἄλκινίδης, ου (ό). antr. m. Alcínidas (var. Ἄλκινάδας)
 Ἄλκινόη, ης (ή). antr. f. Alcínoe
 Ἄλκίνοος, ους (ό). antr. m. Alcínoo
 Ἄλκίοπος, ου (ό). antr. m. Alcíopo
 Ἄλκίππη, ης (ή). antr. f. Alcípe
 Ἄλκιππος, ου (ό). antr. m. Alcípo
 Ἄλκισ, ιδος (ό). antr. m. Álcis
 Ἄλκισ, ιδος (ή). antr. f. Álcis ou Álcide
 Ἄλκισθένης, ους (ό). antr. m. Alcístenes
 Ἄλκίφρων, ονος (ό). antr. m. Álcifron
 Ἄλκμαιονίδης, ου (ό). antr. m. Alcmeónides; patr. m. sg. Alcmeónida
 (filho de Alcmeón)
 Ἄλκμαίων, ωνος (ό). antr. m. Alcmeón
 Ἄλκμαιωνίδαι, ὦν (οί). patr. pl. Alcmeónidas (descendentes de Alcmeón)
 Ἄλκμάν, ἄνος (ό). antr. m. Álcman
 Ἄλκμάννα v. Ἄλκμήνη
 Ἄλκμανικός, ή, ὄν. adj. alcmânico, relativo a Álcman
 Ἄλκμάων, ονος (ό). antr. m. Alcmeón
 Ἄλκμέων, ωνος (ό). v. Ἄλκμαίων
 Ἄλκμεωνίδης, ου (ό). antr. m. Alcmeónides patr. m. sg. Alcmeónida
 (v. Ἄλκμαιωνίδαι)
 Ἄλκμήνη, ης (ή). antr. f. Alcmena
 Ἄλκμήνωρ, ορος (ό). antr. m. Alcmenor
 Ἄλκνονεύς, ἕως (ό). mit. e antr. m. Alcioneu
 Ἄλκνόνη, ης (ή). antr. f. Alcíone
 Ἄλκνων, ὄνος (ή). antr. f. Alcíon
 Ἄλκων, ωνος (ό). antr. m. Álcōn
 Ἄλληκτω, οὖς (ή). mit. f. Alecto
 Ἄλλιφαι/Ἄλλιφαί, ὦν (αί). top. f. pl. Alifas (cidade samnita) Álifas?
 Ἄλλόβριγες, ὦν (οί). etn. Alóbriges (povo da Gália) (var. Ἄλλόβρογες)
 Ἄλλόβρογες, ὦν (οί). etn. pl. Alóbroges (var. Ἄλλόβριγες)

Ἄλλότριγες, ὦν (οί). etn. pl. Alótriges (povo ibérico)
 Ἄλμος, ου (ό). hidr. Halmō (antigo nome do rio Araxes)
 Ἄλμῶπες, ὦν (οί). etn. Almopes (povo da Macedónia) (espírito rude ou brando?)
 Ἄλμωπία, ας, (ή). top. Almópia (região da Macedónia) (espírito rude ou brando?)
 Ἄλση, ης (ή). top. Áloe (cidade da Índia)
 Ἄλοκύμινος, ου (ό). antr. m. Halocímino
 Ἄλόνησος, ου (ό). top. Haloneso (cidade e ilha do Mar Egeu)
 Ἄλόπη, ης (ή). Ἄλοπε 1. top. (cidade da Ftíótida e da Lócrida) 2. antr. f.
 Ἄλόπιος, ου (ό). mit. m. Alópio
 Ἄλος, ου (ό) ou Ἄλος, ου (ό, ή). top. Alo ou Halo (cidade da Ftíótida)
 Ἄλοῦον, ου (τό). top. Alúon (cidade da Ístria)
 Ἄλοῦς, οὔντος (ό). top. Alunte (local da Arcádia, cidade da Assíria)
 Ἄλουσία, ου (ό). hidr. Alúsias
 Ἄλπηνοί, ὦν (οί). top. Alpenos (cidade da Libúrnica, da Lócrida)
 Ἄλπηνός, οὔ (ό). top. Alpeno (var. Ἄλπηνοί)
 Ἄλπης, ιος (ό). hidr. Álpis (afluente do Istro)
 Ἄλπης, ιος (ή). top. Álpis (a região dos Alpes)
 Ἄλπος, ου (ό). mit. m. Alpo (nome de Gigante)
 Ἄλπωνός, οὔ (ό). top. Alpono (cidade da Hispânia)
 Ἄλτης, ου (ό). antr. m. Altes
 Ἄλτις, ιος (ό). top. Áltis (bosque sagrado de Zeus em Olímpia)
 Ἄλυάττης, ου (ό). antr. m. Aliates
 Ἄλύβας, αντος (ό). top. Alibas ou Alibante (cidade desconhecida
 – Od. 24, 304)
 Ἄλύβη, ης (ή). top. Álibe (cidade dos Halizões)
 Ἄλύζεια, ας (ή). top. Alizia (cidade da Acarnânia) var. Ἄλυζία
 Ἄλύζια, ας (ή). top. Alízia (cidade da Acarnânia)
 Ἄλυκος, ου (ό). antr. m. Álico
 Ἄλύπητος, ου (ό). antr. m. Alipeto
 Ἄλυς, υος (ό). hidr. Hális (rio da Ásia Menor)
 Ἄλυσσος, ου (ή). hidr. Álisso (fonte da Arcádia)
 Ἄλφαιος, ου (ό). antr. m. Alfeu
 Ἄλφειάια, ας, (ή). mit. f. Alfieia (epíteto de Ártemis em Élis)
 Ἄλφειός, οὔ (ό). Alfeu 1. hidr. (rio da Arcádia e da Élide)
 2. teón. (deus do rio Alfeu)
 3. antr. m.
 Ἄλφεισίβια, ας, (ή). antr. f. Alfesibeia
 Ἄλφηνος, ου (ό). antr. m. Alfeno
 Ἄλφίνοος-ους, ὄου-ου (ό). antr. m. Alfnōo
 Ἄλφιτώ, οὖς (ή). antr. f. Álfito
 Ἄλῶα, ὶων (τά). heort. f. pl. Haloas (festas em honra de Deméter)

- Ἄλωεύς, ἦος (ὁ). antr. m. Aloeu
 Ἄλωιάδαι, ὦν (οἱ). patr. m. pl. Aloíadas (descendentes de Aloeu)
 Ἄλωιάδης, ου (ὁ). patr. m. sing. Aloíada (filho de Aloeu)
 Ἄλωπεκή, ἦς (ἡ). top. Alópece (região da Arcádia)
 Ἄλωπεκία, ας, (ἡ). top. Alopécia (ilha do Bósforo)
 Ἄλωπεκόννησος, ου (ἡ). top. Alopeconeso (cidade da Trácia)
 Ἄλωρος, ου (ἡ). top. Aloro (cidade da Macedónia)
 Ἄλωρος, ου (ὁ/ἡ). Aloro antr. m.; top. fem. (cidade da Macedónia)
 Ἄλώτια, ων (τά). heort. f. pl. Halócias (festas por ocasião da captura de prisioneiros de guerra)
 Ἀμάδοκος, ου (ὁ). antr. m. Amádoco
 Ἀμαδρύαδες, ων (αἱ). mit. f. pl. Amadríades
 Ἀμαδρυάς, ἄδος (ἡ). mit. f. Amadríade
 Ἀμαζόνειον, ου (τό). Amazoneu/Amazónio (?)
 1. ecón. (santuário das Amazonas em Atenas)
 2. top. (lugar de Cálcis)
 Ἀμαζονία, ας (ἡ) / Ἀμαζόνια, ας (ἡ). top. e oron. Amazónia
 Ἀμαζών, ὄνος (ἡ). Amazona
 Ἀμάθεια, ας (ἡ). mit. f. Amatia (nome de Nereide)
 Ἀμαθος, ου (ὁ). antr. m. Amato
 Ἀμαθοῦς, οὔντος (ἡ). top. Amatunte (cidade de Chipre)
 Ἀμάθυια, ας (ἡ). mit. f. Amatia (nome de Nereide)
 Ἀμαΐα, ας (ἡ). teón. Ameia (outro nome de Deméter)
 Ἀμαλθεία, ας, (ἡ). Amaltea 1. zoón. (cabra, ama de Zeus)
 2. astr. (constelação)
 Ἀμαλθειον, ου (τό). ecón. Amalteu
 Ἄμανος, ου (ὁ). orón. Amano (monte entre a Cilícia e a Síria)
 Ἀμαξιτός, οὔ (ὁ). top. Hamaxito (cidade da Tróade)
 Ἀμαρακίνη, ης (ἡ). antr. f. Amaracine (cf. quantidade do i)
 Ἀμάραντοι, ων (οἱ). etn. m. pl. Amarantos (povo da foz do Fásis)
 Ἀμαρδος, ου (ὁ). Amardo
 Ἀμαρσάδας, ου (ὁ). patr. m. sing. Amarsíada (filho de Amársias)
 Ἀμαρυγκείδης, ου (ὁ). patr. m. sing. Amaríncida (filho de Amarinceu)
 Ἀμαρυγεύς, ἔως (ὁ). antr. m. Amarinceu
 Ἀμαρυλλίς, ἴδος (ἡ). antr. f. Amarílis
 Ἀμάρυνθος, ου (ὁ). top. Amarinto (local da Eubeia onde havia um templo de Ártemis)
 Ἀμάσεια, ας (ἡ). top. Amasia (cidade do Ponto)
 Ἀμασίας, ου (ὁ). antr. m. Amasias
 Ἀμασις, ἴδος (ὁ). antr. m. Amásis
 Ἀμαστριανός, οὔ (ὁ). adj. étn. Amastriano (natural ou habitante de Amástris)
 Ἀμαστρίς, ἔως (ἡ). top. Amástris (cidade da Paflagónia)
 Ἀμβάσται, ὦν (οἱ).

- Ἀμβιανοί, ὦν (οἱ). etn. m. pl. Ambianos
 Ἀμβροσία, ας (ἡ). antr. f. Ambrósia; mit. f. – uma das Híades
 Ἀμβρόσιος, ου (ὁ). antr. m. Ambrósio
 Ἀμβρυσσος, ου (ἡ). top. Ambrisso/Ambriso (cidade da Fócida)
 Ἀμβρωνες, ων (οἱ). etn. m. pl. Ambrōes (povo da Gália)
 Ἀμεινιάδης, ου (ὁ). patr. m. sing. Aminíada (filho de Amínias)
 Ἀμεινίας, ου (ὁ). antr. m. Amínias
 Ἀμεινοκλῆς, ἔους (ὁ). antr. m. Amínocles
 Ἀμειψας, ου (ὁ). antr. m. Amipsas (var. Ἀμειψίας)
 Ἀμειψίας, ου (ὁ). antr. m. Amípsias (var. Ἀμειψας)
 Ἀμέλης, ητος (ὁ). hidr. Ameles ou Amelete (rio dos Infernos)
 Ἀμελησαγόρας, ου (ὁ). antr. m. Ameleságoras
 Ἀμένας, α (ὁ). hidr. Ámenas (rio da Sicília)
 Ἀμένθης, ου (ὁ). top. Amentes (lugar para onde vão as almas depois da morte, segundo os Egípcios)
 Ἀμερία, ας, (ἡ). Améria 1. top. (cidade da Úmbria) 2. antr. f.
 Ἀμηστρίς, ἴδος (ἡ). antr. f. Améstris
 Ἀμήτωρ, ορος (ὁ). antr. m. Ametor
 Ἀμίαντος, ου (ὁ). antr. m. Amianto
 Ἀμίδης, ου (ὁ). antr. m. Ámides
 Ἀμιζώκης, ου (ὁ). antr. m. Amizoces
 Ἀμίλκας, ου (ὁ). antr. m. Amílcar
 Ἀμιλος, ου (ὁ). top. Amilo
 Ἀμιναία, ας (ἡ). top. Amineia (antigo nome da Peucécia)
 Ἀμισηνός, οὔ (ὁ). Amiseno (habitante de Amiso)
 Ἀμισός, οὔ (ὁ). top. Amiso ou âmiso
 Ἀμίστρης, ου (ὁ). antr. m. Amistres
 Ἀμιτέρνον, ου (τό). top. Amiterno
 Ἀμμέας, ου (ὁ). antr. m. Ámeas
 Ἄμμος, ου (ἡ). top. Amo (encosta da Cária)
 Ἀμμοῦν οὔ Ἀμμοῦς (ὁ) v. Ἄμμων
 Ἄμμων, ωνος (ὁ). teón. Ámon (nome egípcio de Zeus)
 Ἀμμώνιος, ου (ὁ). antr. m. Amónio
 Ἀμμωνίς, ἴδος (ἡ). top. a Terra de Ámon (a Líbia)
 Ἀμναῖος, ου (ὁ). antr. m. Amneu
 Ἀμνισιάς, ἄδος v. Ἀμνισίς, ἴδος
 Ἀμνισίς, ἴδος. adj. de Amniso
 Ἀμνισός, οὔ (ὁ). top. Amniso
 Ἀμνίων, ονος (ὁ). antr. m. Ámnion
 Ἀμοιβεύς, ἔως (ὁ). antr. m. Amebeu
 Ἀμόλιος, ου (ὁ). antr. m. Amólio
 Ἀμομφάρετος, ου (ὁ). antr. m. Amonfáreto
 Ἀμοπάων, ονος (ὁ). antr. m. Amopáon

Esta lista de vocábulos (que apresenta a negrito os nomes que figuram no *Vocabulário* de Rebelo Gonçalves) permite avaliar o contributo que o novo *Dicionário de Grego-Português* poderá dar no âmbito da adaptação dos nomes próprios gregos.

Em harmonia com a economia de informação que preside à concepção deste dicionário, a estrutura das entradas poderá ser a que na lista vocabular se exemplifica:

- a) enunciado da palavra grega;
- b) indicação do *tipo* de nome próprio (antropónimo, astrónimo, bibliónimo, cronónimo, ecónimo, etnónimo, heortónimo, hidrónimo, mitónimo, orónimo, patronímico, prosónimo, teónimo, topónimo, zoónimo);
- c) indicação do género (se se tratar de antropónimo, mitónimo, zoónimo), ou do género e do número (em caso de etnónimos, patronímicos, heortónimos);
- d) forma portuguesa correspondente (com eventuais variantes);
- e) uma breve descrição poderá ser necessária, e.g. a propósito de palavras aplicadas a mais de um referente, ou a propósito de termos geográficos.

Na certeza de ter semeado dúvidas, no espírito de partilha de experiências que norteia este colóquio, aqui ficam estas breves pistas para o longo caminho a percorrer.

RESUMO: Ajudar a definir e a normalizar as entradas de nomes próprios no *Dicionário de Grego-Português* é o objectivo desta breve comunicação. Baseada em regras que pressupõem a mediação das formas latinas correspondentes, a adaptação dos nomes próprios gregos ao português nem sempre é tarefa isenta de dúvidas, por vezes acentuadas pela existência de variantes e de formas inexactas consagradas pelo uso.

Aplicação da informática na criação de um dicionário. *Case study: Lexicon*

JOÃO LEITÃO

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
jleitao@lasige.di.fc.ul.pt

1. Introdução

Os requisitos dos dicionários evoluíram com o tempo, numa sociedade actualmente designada como *sociedade da informação*, esperam-se dos dicionários um nível de detalhe e número de entradas muito superiores às que poderiam ser exigíveis alguns anos atrás. Por outro lado pretendem-se resultados mais rápidos, sendo portanto essencial que se reduza o tempo de produção dos mesmos. Considerando estes novos requisitos, torna-se indispensável uma revisão dos métodos aplicados na criação de dicionários. Estes métodos devem evoluir e adaptar-se por forma a responder a novos requisitos e desafios.

A informática, e especificamente as tecnologias de informação, surgem como uma abordagem prometedora capaz de responder a estas necessidades, podendo ainda ter um elevado impacto em variadíssimos aspectos da produção de um dicionário, entre eles:

- mecanismo para criação de entradas
- tempo de produção total
- produção de publicações intermédias
- gestão da equipa de trabalho

Neste artigo são apresentadas algumas considerações sobre uma nova metodologia para a concepção de um dicionário. Esta metodologia passa pela utilização de um sistema de informação¹. A arquitectura base de suporte a este sistema é composto por uma base de dados relacional [6], um servidor *web*, ou servidor *HTTP*, e vários clientes que acedem remotamente ao sistema através de um *web browser*. Esta arquitectura base encontra-se esquematizada, de forma simplificada, na figura 1.

¹ Um sistema de informação pode ser definido como um sistema que aplica tecnologias de informação.

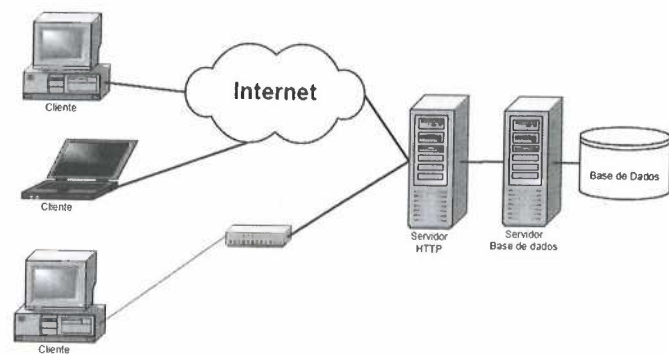


FIGURA 1. Arquitectura genérica de suporte

Neste sistema, a base de dados mantém informação relativamente às entradas do dicionário; estas entradas são manipuladas (criadas, editadas e eventualmente destruídas) por utilizadores que usam uma interface *web* disponibilizada por um servidor *HTTP*, estas interfaces permitem um acesso controlado à base de dados e a toda a informação contida nesta (e às entradas do dicionário).

Os utilizadores criam as entradas, não através da introdução directa destas no formato de texto final a aparecer no dicionário, mas sim através do preenchimento de formulários dinâmicos disponibilizados pelo servidor *HTTP*, sem necessidade de quaisquer cuidados especiais com a apresentação ou formatação da entrada (e.g. colocação de estilos como itálico ou negrito, abreviaturas).

O resto deste artigo encontra-se organizado da seguinte forma: na secção 2 são fornecidas breves definições para alguma terminologia associada a tecnologias que podem ser utilizadas no contexto da produção de um dicionário. Na secção 3 é apresentada a motivação que serviu de base para a aplicação desta metodologia para suporte à produção de um dicionário. Em 4 é feita uma análise mais cuidadosa de outras vantagens e potencialidades desta abordagem que não foram consideradas na motivação inicial e são também abordados alguns dos problemas e novos requisitos que surgem com a aplicação desta abordagem. Na secção 5 é apresentado um pouco do trabalho realizado no contexto da primeira fase do projecto *Lexicon*², nomeadamente algumas das decisões de implementação relativas à concretização da arquitectura de suporte base. Finalmente a secção 6 conclui este artigo.

2. Terminologia relevante

2.1. Tecnologias de informação

As *tecnologias de informação* são um conjunto de ferramentas tecnológicas direccionadas à manipulação de informação. Esta manipulação passa

² Nesta fase foi produzido um protótipo funcional de um sistema de informação para suporte da criação de um dicionário de Grego-Português.

por suportar a criação, gestão, manutenção, organização, comunicação e utilização de informação de uma forma eficiente, automatizada e confiável.

2.2. Bases de dados

As *bases de dados* são um dos componentes essenciais de um sistema de informação, compondo tipicamente, o núcleo destes sistemas. As bases de dados são responsáveis por armazenar informação (em formato digital) mantendo correlações entre os vários tipos de informação. Estas são também responsáveis por garantir regras de integridade relativamente a relações entre os dados que armazenam, assim como permitir a extracção e procura dos mesmos.

Estes componentes apresentam, tipicamente uma elevada complexidade, existindo várias plataformas disponíveis no mercado quer para utilização comercial, quer para utilização comunitária/académica.

2.3. Tecnologia *web-based*

As *tecnologias web-based* são um paradigma cada vez mais utilizado hoje em dia. Este paradigma emerge naturalmente com o aumento de popularidade e crescimento da *internet* enquanto um dos principais veículos de informação dos nossos dias. Neste contexto a estrutura da *internet* é utilizada como meio de acesso privilegiado a aplicações que se encontram a ser executadas remotamente. Tipicamente este tipo de *serviço* é concretizado através da concretização de interfaces destas aplicações através de páginas *web*.

Este paradigma apresenta a enorme vantagem de permitir o acesso, por parte dos utilizadores, a recursos em qualquer parte do mundo, bastando para isso acesso a um computador com um *web browser*³ instalado.

3. Motivação

A aplicação desta metodologia de trabalho, baseada em tecnologias de informação, para a produção de um dicionário surge como resposta ao seguinte conjunto de problemas ou necessidades:

- **Garantir a uniformidade:** Um dos problemas mais comuns, encontrados em dicionários actuais, passa pelo formato (estrutura) das entradas ao longo do dicionário não ser uniforme. Este problema advém do facto dos dicionários serem produzidos por equipas numerosas, em que cada membro produz as entradas de acordo com a sua interpretação pessoal de um conjunto de normas, gerando o aparecimento ao longo dos dicionários de vários estilos próprios dependendo da pessoa que produz cada entrada.

³ Hoje em dia todos os esquemas operativos vêm acompanhados de um *web browser* encontrando-se entre os mais conhecidos o *Internet explorer* e o *Mozilla Firefox*.

- **Baixar o tempo de produção de entradas:** O impacto de baixar o tempo de produção de entradas sob o tempo total de produção de um dicionário é óbvio. No entanto, é importante notar que, se os membros de uma equipa consumirem menos do seu tempo na produção de entradas, terão uma maior disponibilidade para se dedicarem à verificação da correcção do dicionário, contribuindo assim para uma melhoria, em termos globais, da qualidade do trabalho realizado.
- **Facilitar a edição de entradas:** O objectivo passa por baixar o impacto da alteração de uma entrada no dicionário final, por exemplo, evitando problemas de paginação que poderiam surgir com a modificação do conteúdo de entradas. Este objectivo é extensível a minimizar o impacto no dicionário aquando da inserção ou remoção de entradas.

A utilização de uma abordagem baseada num sistema de informação é uma forma eficiente de lidar com os pontos apresentados anteriormente.

Em termos de garantia de uniformidade, esta é possível de garantir devido à utilização de um modelo entidade-relação [6] utilizado na construção da base de dados este modelo *força* a que as entradas sejam criadas seguindo uma estrutura pré-definida.

O tempo de produção das entradas irá ser menor por dois motivos. Em primeiro lugar considerando que utilizador apenas tem de preencher um formulário, com algum treino, este poderá automatizar parcialmente a forma como cria novas entradas no dicionário, visto que o número de decisões, eventualmente complexas e demoradas, que necessita de tomar enquanto realiza esta tarefa serão menores. Em segundo lugar existe um conjunto de informações que podem ser seleccionadas a partir de listas pré-definidas, sem a necessidade de introdução de texto, como por exemplo: classificações de entradas, ou referências a citações. Reduzindo a necessidade do utilizador inserir texto, não só se minimiza o tempo consumido na produção das entradas, mas reduz-se também a probabilidade de se cometerem erros.

Finalmente, esta metodologia permite manipular entradas de forma independente relativamente ao corpo final do dicionário. As entradas, durante a fase de produção do dicionário, existem apenas como dados na base de dados; a estrutura final do dicionário é criada de forma automática com base na extracção e formatação automatizada destes dados de acordo com um conjunto de regras⁴. Assim toda e qualquer manipulação das entradas pode ser feita sem preocupações relativamente ao seu impacto no produto final.

4. Avaliação estendida

A aplicação de um sistema de informação, tal como descrito na secção 1, responde às necessidades apresentadas na secção 3, no entanto, levanta

⁴ Uma alternativa elegante para automatizar a geração de uma versão pronta a editar, passa em geral por um ficheiro latex [2] com base nas entradas presentes na base de dados.

também novos problemas e necessidades no processo de criação de um dicionário. É essencial compreender estas novas implicações por forma a que as equipas de investigação e produção de dicionários possam, atempadamente, tomar as medidas necessárias para garantir sucesso na aplicação desta metodologia.

- **Necessidade de equipas multidisciplinares:** Como seria de esperar é essencial a integração de pessoas da área científica da informática, nomeadamente das áreas de sistemas de informação e sistemas distribuídos, responsáveis por analisar, desenhar e materializar a arquitectura de suporte essencial para o desenvolvimento do dicionário. Para além destas tarefas é necessário pessoal especializado para realizar a manutenção de todo o sistema enquanto este se encontra em produção, nomeadamente realização de *backups* e suporte directo aos utilizadores.
- **Definição de terminologia:** No contexto da criação de equipas multidisciplinares, surge uma nova necessidade relacionada com a comunicação. Para equipas destas obterem sucesso é essencial que membros de todas as áreas envolvidas *falem na mesma língua*, no sentido de permitir a correcta transmissão de informação relacionada, por exemplo, com requisitos específicos do sistema ou permitir a detecção e correcção de erros. Neste sentido é essencial definir, tão cedo quanto possível, uma terminologia comum, a ser utilizada por todos os membros da equipa; esta deve ser criada por elementos das várias áreas científicas envolvidas, garantindo assim a sua aceitação global por parte da equipa.
- **Modelação da base de dados:** A correcta modelação da base de dados é um processo essencial para garantir o sucesso desta abordagem. É importante notar que a modelação em geral, e a modelação de um dicionário em particular, é uma tarefa complexa assim como uma área de investigação activa nos nossos dias. No planeamento de um projecto que pretenda aplicar e beneficiar da utilização de um sistema de informação na criação de um dicionário, este aspecto deve ser tomado em conta por forma a reservar tempo, no início do projecto, para a concretização desta tarefa.
- **Formação e envolvimento dos utilizadores:** Como em qualquer processo que envolva modificar a forma como uma tarefa é realizada, é essencial, desde muito cedo, envolver os utilizadores no processo de criação e teste do sistema que estes irão utilizar. É essencial que este seja desenvolvido respondendo às necessidades e expectativas dos seus utilizadores e consequentemente o envolvimento de toda a equipa, por exemplo, em testes de protótipos funcionais é essencial.

Apesar das novas necessidades e cuidados especiais que emergem da aplicação deste novo modelo de produção, existem novos benefícios que surgem e que parecem ser suficientes para justificar a opção por esta metodologia.

4.1. Independência entre dados e output

Uma enorme vantagem desta abordagem é a de existir um elevado grau de independência entre os dados que os membros da equipa inserem no sistema e o produto final obtido com base nesses dados. Mais interessante é que a geração destes *output* pode ser realizada de forma automática, sendo apenas necessário criar um módulo, sob a forma de uma aplicação que acede à base de dados, que aplica um conjunto de regras nesse processo.

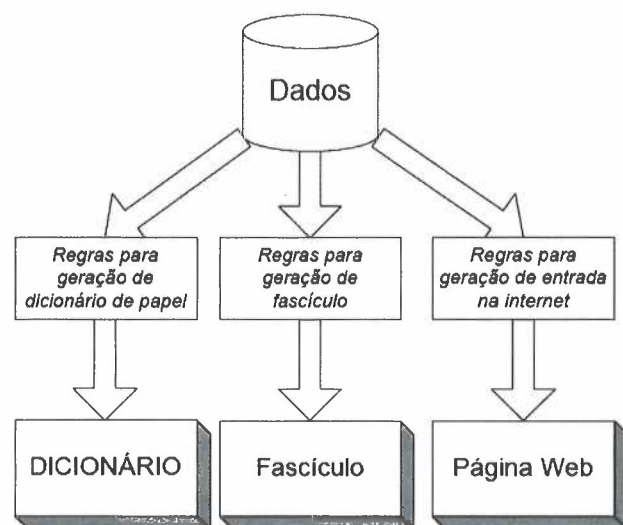


FIGURA 2. Geração de vários *outputs* com base numa única base de informação

Assim, e como é mostrado no diagrama da figura 2, é relativamente simples produzir vários tipos de saídas com base num único conjunto de dados (e.g. entradas numa base de dados). Simplificando grandemente tarefas como, por exemplo, a edição de versões preliminares do dicionário – que podem ser interessantes para serem enviadas a consultores para avaliação – ou produzir fascículos que podem ser editados ao longo do tempo de produção do dicionário. Esta abordagem permite também gerar entradas utilizadas noutros contextos, por exemplo, para uma página *web*, em que as entradas possuem hiperligações para outras entradas, permitindo uma fácil navegação entre estas por exemplo no caso das remissões.

É de reparar ainda que se pode variar não só a formatação da entrada (aplicação de estilos como negrito ou itálico, tamanho da fonte ou simplesmente a presença de hiperligações) mas também a quantidade de informação que é mostrada. O que faz sentido, por exemplo, no caso em que se pretende criar duas edições distintas de um mesmo dicionário com objectivos distintos: uma versão compacta de bolso e uma versão estendida.

Neste sentido podemos dizer que as regras que são aplicadas para a geração de um tipo específico de *output* podem ser configuradas com um conjunto de parâmetros, como é mostrado na figura 3, de forma a especia-

lizar ainda mais o produto final obtido com base nas características específicas e na aplicação desse produto.

Deste modo é possível obter uma multitude de produtos finais distintos com base numa única base de informação.

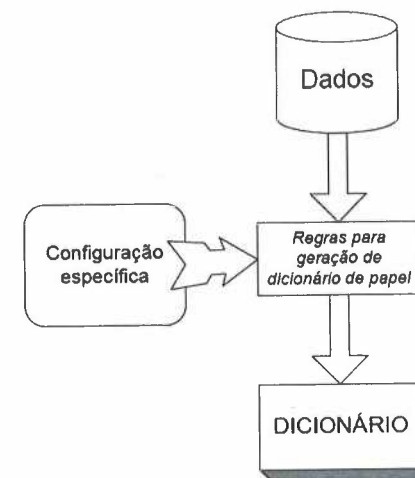


Figura 3. Configurar a geração de um *output*

4.2. Acessibilidade

Considerando o sistema de informação de suporte a esta abordagem mostrado na secção 1, os membros da equipa podem aceder ao sistema, e produzirem ou editarem entradas no dicionário, virtualmente em qualquer parte do mundo, bastando para isso uma ligação à *internet* e um *web browser*. Esta é uma enorme vantagem que permite elevada mobilidade dos membros da equipa de trabalho, assim como acesso ao trabalho realizado por parte de consultores, de forma a estes poderem fornecer a sua opinião sobre o trabalho realizado, o mais cedo possível.

4.3. Visibilidade imediata

Toda e qualquer entrada produzida, pode ser instantaneamente disponibilizada para consulta, para a equipa de trabalho, para uma equipa especializada na validação de entradas, para os consultores externos ao projecto que verificam a qualidade do trabalho realizado, ou simplesmente para o público em geral através, por exemplo, de uma página *web*. Para além de permitir *feedback* imediato sobre o trabalho realizado, e um controle muito mais preciso da quantidade de entradas produzidas até ao momento, esta característica permite ainda aproximar o trabalho académico realizado em torno de dicionários especializados⁵ do seu público alvo, fornecendo desde muito cedo um serviço de qualidade à sociedade.

⁵ Como é o exemplo de um dicionário de Grego-Português no caso do projecto Lexicon.

4.4. Pesquisa e serviços on-line

Com a, cada vez maior, popularidade da *internet* é essencial para a visibilidade de um produto (seja este académico ou não) que este exista na *internet*. Uma mais valia encontra-se na disponibilização de serviços *on-line* através de uma página *web*. Estes serviços, no caso particular de um dicionário, podem estar disponíveis de forma pública e gratuita, ou estarem dependentes da aquisição da versão em papel do dicionário (por exemplo, sendo cada cópia acompanhada de um código único que permite o acesso a estes serviços). Existem vários motivos que justificam a disponibilização *on-line* de um dicionário, mas saliento aqui dois.

Em primeiro lugar, um dicionário é uma ferramenta a que uma pessoa recorre para compreender o significado de uma palavra, assim o tempo despendido por esta pessoa até encontrar a informação pretendida no dicionário é uma boa métrica da usabilidade deste. Uma versão interactiva *on-line* do dicionário pode sem dúvida trazer benefícios aos utilizadores melhorando esta métrica, através da aplicação de métodos de pesquisa e de navegação na informação, recorrendo, por exemplo, a hiperligações.

Em segundo lugar é de salientar que a quantidade de informação disponibilizada na versão em papel de um dicionário pode ser limitada por factores externos, como número máximo de páginas ou outras limitações impostas por editores. No entanto uma versão *on-line* do mesmo dicionário pode fornecer informação complementar, nomeadamente mais exemplos da aplicação de termos ou excertos maiores de citações.

4.5. Facilidade na gestão da equipa de trabalho

Esta abordagem pode trazer benefícios à gestão da equipa que produz o dicionário a vários níveis, em termos de comunicação entre os membros recorrendo a técnicas bastante divulgadas actualmente na *internet* como a utilização de painéis de discussão para uma troca de ideias e esclarecimento de dúvidas; mas também porque a distribuição de tarefas (por exemplo a atribuição de entradas do dicionário a cada membro) pode ser efectuada de forma integrada, recorrendo ao próprio sistema que suporta o desenvolvimento do dicionário.

É também possível obter, com elevada precisão, dados estatísticos sobre o estado actual do trabalho realizado, permitindo assim aos elementos que coordenam os trabalhos, informação adicional para realizarem um melhor planeamento.

5. Case Study: Lexicon

O projecto Lexicon, cujo objectivo é produzir um dicionário de grego-português, adoptou, com base nos aspectos discutidos nas secções anteriores, uma metodologia de trabalho baseada num sistema de informação.

Durante cerca de seis meses procedeu-se à análise de requisitos e implementação de um protótipo funcional do sistema de informação a ser utilizado. Este protótipo tem como principal objectivo demonstrar que, é possível

implementar uma base de dados que modele a estrutura de um dicionário deste género assim como produzir uma interface dinâmica e adaptável para aceder à base de dados e que suporte as operações básicas de criação, consulta, edição e destruição de entradas.

5.1. Arquitectura do protótipo

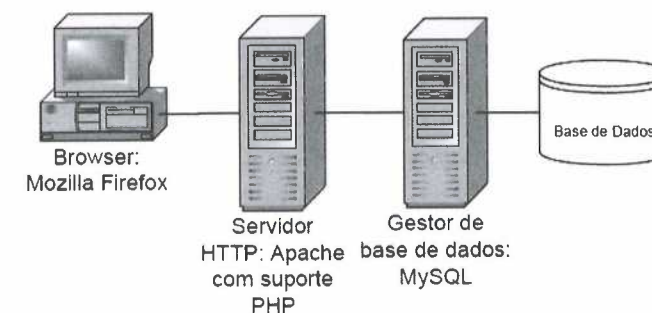


FIGURA 4. Arquitectura usada no protótipo

Foram seleccionadas um conjunto de ferramentas específicas para concretizar cada um dos componentes genéricos indicados na figura 1. O mapeamento das ferramentas específicas utilizadas na concretização deste protótipo encontra-se na figura 4.

Foi seleccionado como gestor de base de dados o *MySQL* [4], sendo que no nível intermédio é utilizado um servidor *HTTP Apache* [1] com suporte para a linguagem de *script PHP* [5] utilizada para gerar interfaces dinâmicas que permitem aos utilizadores aceder à base de dados. Finalmente recomenda-se a utilização do *browser Mozilla Firefox* [3] por parte dos utilizadores.

Os principais critérios de selecção destas ferramentas foram:

- Ferramentas comunitárias/académicas sem custos de aquisição ou manutenção.
- Ferramentas com elevado suporte disponível *on-line*.
- Ferramentas com elevadas taxas de utilização quer em projectos académicos quer industriais.

A motivação para a selecção efectuada passa por se pretender utilizar ferramentas de baixo custo, mas que apresentam elevada qualidade e cuja continuidade e suporte se encontra assegurada por grandes comunidades de utilizadores e programadores.

6. Conclusão

Neste artigo é apresentada uma proposta para uma nova metodologia de desenvolvimento de dicionários recorrendo a ferramentas da área da informática e mais especificamente a um sistema de informação. Foi mos-

trada a motivação inicial para a adopção desta metodologia e foram exploradas algumas das implicações desta metodologia na formação das equipas de trabalho assim como no planeamento do trabalho. Foram ainda mostrados outros benefícios que podem advir da aplicação desta metodologia. Finalmente foi apresentada a arquitectura específica utilizada na concepção de um protótipo funcional desenvolvido no decorrer do projecto Lexicon.

Referências

- [1] The apache hap server project. <http://httpd.apache.org/>
- [2] Latex – a document preparation system. <http://www.latex-project.org/>
- [3] Mozilla firefox. <http://www.mozilla.com/en-US/firefox/>
- [4] Mysql website. <http://www.mysql.com/>
- [5] Php: Hypertext preprocessor. <http://www.php.net/>.
- [6] R. RAMAKRISHNAN and J. GEHRKE. *Database Management Systems*, McGraw-Hill Higher Education, 2.

RESUMO: Os requisitos dos dicionários evoluíram ao longo dos tempos, tornando-se hoje em dia essencial que se recorram a novas metodologias e ferramentas na construção dos mesmos. Neste artigo são apontados alguns problemas e benefícios de uma abordagem de trabalho muito mais centrada nas novas tecnologias de informação, nomeadamente na utilização das tecnologias de bases de dados e aplicações distribuídas *web based*. Finalmente são ainda descritas algumas das decisões de implementação tomadas no contexto do projecto Lexicon⁶ durante a sua primeira fase.

⁶ <http://lexiconpt.no.sapo.pt>

As Construções do Verbo no LEXICON Dicionário Grego-Português

MARIA JOSÉ RIBEIRO
SANDRA CARLA PINHEIRO

Introdução

Antes de iniciarmos uma breve apresentação das construções do verbo no Dicionário Grego-Português, dicionário que está a ser desenvolvido no âmbito do Projecto Lexicon do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, gostaríamos de chamar a atenção para alguns pontos que nortearam o nosso trabalho.

Algumas destas decisões tomadas no desenvolvimento da base de dados, com consequências no futuro Dicionário, resultam de limitações impostas pelo projecto ou de opções realizadas no seu âmbito:

- um dicionário-papel – o dicionário é, acima de tudo, um dicionário-papel e não é, pelo menos numa 1.^a fase, um dicionário electrónico. A base de dados é pois desenvolvida para auxiliar e agilizar a realização deste dicionário de papel e não pretende, por ora, ser uma base de dados lexical do grego antigo.
- o público a que se destina este dicionário – em primeiro lugar o dicionário destina-se aos estudantes de grego antigo mas pretende ser igualmente um instrumento de trabalho para tradutores e estudiosos do grego. Se o público estudantil agradecerá um tratamento mais cuidado dos artigos na parte das construções gramaticais e lexicais, o público mais especializado obrigará à introdução de termos ou acepções ligados a campos de saber mais técnicos tais como a filosofia ou o direito. Uma vez que o espaço do dicionário é exíguo haverá que economizar noutras áreas, por exemplo numa maior concentração na forma como as acepções são tratadas, numa parcimoniosa utilização de exemplos, etc. (estas opções reflectem-se nos artigos do dicionário especialmente nas entradas de lemas verbais).
- simplicidade metalinguística e terminológica – na base de dados houve e há uma permanente preocupação em utilizar termos, para definir as estruturas que vão sendo criadas para introdução de dados, que possam ser facilmente compreendidos. (Estando aliás em curso

a produção de uma terminologia e de uma documentação de procedimentos para explicação de cada estrutura, campo ou tabela da base de dados do dicionário). Esta mesma preocupação reflectiu-se sobre a terminologia linguística usada nas construções verbais. Procurou-se utilizar uma terminologia linguisticamente “neutra” (tanto quanto possível), por forma a que os vários utilizadores, com diferentes níveis de estudos e diferentes áreas de saber, encontrem no dicionário uma terminologia normalizada de fácil compreensão.

- os conhecimentos informáticos dos investigadores – foi sempre um objectivo do grupo de pessoas que se tem dedicado à construção da base tornar a inserção dos dados o mais simples possível. Os investigadores que farão o trabalho lexicográfico não necessitarão de ter conhecimentos mais avançados do que aqueles que já possuem quando trabalham com um processador de texto ou uma navegador (*browser*). Isto significa que a plataforma de inserção de dados tem de apresentar um ambiente intuitivo, simples de compreender – o lexicógrafo necessita de se concentrar no trabalho árduo da construção do verbete e não pode estar a confrontar-se com um programa informático hostil (esta limitação terá consequências óbvias sobre toda a plataforma e também na construção do verbo).
- a inserção de dados – esta tem que ser simples, económica e objectiva, para potenciar o trabalho dos investigadores sobre a definição dos lemas – o verdadeiro busilis lexicográfico. Consequentemente a introdução dos lemas, a sua categorização gramatical, as formas irregulares, a marcação das quantidades, poderão ser introduzidos na base por não especialistas ou por processos informáticos que, com rapidez e em grande quantidade, inserem estes dados. As contingências da investigação em Portugal, ora financiada, ora deixada de o ser, e que obriga a uma contenção no volume e complexidade do tratamento dos artigos do dicionário (a que se junta o desejo de que o dicionário possa ter uma rápida publicação), obriga-nos a “economizar” o trabalho dos especialistas. Por outro lado, e ainda devido a este futuro incerto, é provável que a equipa varie de membros e isto obrigou-nos a tomar algumas precauções. Uma destas precauções é a tentativa de, na medida do possível, normalizar a introdução dos dados, evitando que cada investigador faça a sua interpretação sobre a forma como os há-de inserir. É tendo em vista este objectivo que se pretendeu constituir um conjunto de padrões sintácticos nos verbetes verbais. Será o lexicógrafo a optar entre as diversas possibilidades que a base lhe oferece, mas uma vez a opção feita ela será apresentada sempre, ao longo das diversas entradas, da mesma maneira. Desta forma a possibilidade (que continua, infelizmente, a existir por força da subjectividade humana) de variação na análise do mesmo tipo de lema, ou do mesmo tipo de construção dentro do lema, reduzir-se-á. É provável que os padrões não esgotem, no início, toda a realidade, mas ir-se-ão fazendo ajustamentos até se encontrar uma solução consensual.

Para concluir este conjunto de itens introdutórios resta-nos referir que o objectivo máximo a atingir no dicionário é uma simplicidade que permita a captação do sentido essencial do lema a partir do qual é possível compreender as diversas evoluções que este sofreu ao longo dos séculos, ou seja atingir uma *elegância lexicográfica* (e pensamos desta forma interpretar a ideia que o orientador do projecto, Prof. Doutor Manuel Alexandre Júnior, nos tem procurado transmitir).

Definição do termo “construção”

Construção é um termo muito abrangente, e talvez por isso pouco preciso, que com mais frequência se usa ligada à sintaxe, mas que se pode aplicar a outros campos. No nosso caso, com o termo “construção” pretendemos englobar não só as construções gramaticais mas também as combinatórias lexicais (no inglês “collocations”). A utilização deste termo permite reunir a plêiade de termos que existem nesta área e que vão desde regência verbal, preposicional, casual, regime de verbos, regência nominal, estrutura argumentativa, esquema predicativo, valência verbal, subcategorização, complementação (que são aplicadas às construções sintácticas) e ainda incluir outros termos como colocação, frasema, idioma, frases lexicalizadas, pragmatemas (que são usados nas combinatórias lexicais).

Há contudo uma diferença grande entre as construções sintácticas, onde há a possibilidade de extrair um padrão, e as construções lexicais onde existe uma enorme arbitrariedade e grande dificuldade na sua delimitação uma vez que estas não possuem um carácter discreto mas evoluem numa gradação contínua (que pode ter num extremo as expressões fossilizadas e desenvolverem-se até às combinatórias livres). Apesar disto, e seguindo Michael Lewis (2002), mesmo os padrões gramaticais podem ver ser-lhe impostas restrições de ordem lexical (pensamos que este fenómeno é amplamente exemplificado no grego). E é precisamente porque existem zonas “cinzentas”, em que a estrutura sintáctica está já “fossilizada” (e onde parece já ser possível observar-se a existência de um frasema) que acabámos por utilizar o termo “construções” que engloba todas estas estruturas linguísticas.

Construções no Dicionário de Grego?

Poder-se-á colocar a seguinte questão: Fará sentido introduzir as construções num dicionário descodificador, como é o dicionário Grego-Português? De facto, ao apresentarem os diversos tipos de dicionários os autores contrapõem ao dicionário “passivo”, descodificador, que visa auxiliar o utilizador na compreensão do texto, os dicionários codificadores ou “produtores” que pretendem ajudar na escrita e na oralidade. Os primeiros centrar-se-iam no vocabulário, enquanto os segundos, com um vocabulário mais reduzido, enriqueceriam as suas entradas com abundante informação sintagmática (construções, exemplos, etc.) e pragmática. Mas as novas metodologias no

ensino das línguas apontam para que a aprendizagem (mesmo se apenas orientada para a compreensão de uma língua) não se faz por palavras mas por “chunk of words” e pela integração dessas palavras em redes semânticas (esta visão é hoje suportada por dados das investigações neurolinguísticas). Pode um dicionário, que é um objecto com um peso tão forte na tradição linguística e de estudos humanísticos, ficar alheio às novas aquisições teóricas e às evoluções da dicionarística? As construções introduzirão, na estrutura lexicográfica, essencialmente paradigmática, o eixo sintagmático, que, ultrapassando os limites da palavra, usada como entrada, auxilia a uma contextualização dos lemas e permite uma compreensão de sentido na sua combinação com outros lemas, contribuindo para a formação da tal rede semântica de sentido. A respostas à interrogação colocada é a de que as construções têm um lugar e uma função no Dicionário de Grego-Português. (Aliás a prática lexicográfica grega mostra que algumas acepções de verbos podem ser organizadas tendo por critério diferentes construções sintácticas, e que esta organização facilita a apreensão dos diversos sentidos desse lema).

Outro aspecto que nos motivou no estudo sobre as estruturas sintácticas e as construções lexicais dos verbos, no âmbito deste dicionário, foi o facto de que, embora os diferentes tipos de lemas tenham estruturas lexicográficas diferentes, ser possível aplicar grande parte da reflexão aqui realizada a outro tipo de construções, como por exemplo às preposições, aos nomes (adjectivos e substantivos) e ainda aos advérbios. A reflexão sobre a arquitectura da base de dados para as classes de palavras com estruturas lexicográficas complexas, como é o caso das conjunções ou das preposições, tornou-se, depois deste estudo, muito mais simples.

Foi assim possível chegarmos a uma primeira proposta de padronização das construções sintácticas dos verbos, mas deixaremos para uma outra ocasião o tratamento das combinatórias lexicais, que obrigam a outro tipo de reflexão.

Qual o objectivo final de todo este trabalho? Apenas e só conseguir uma consistência e sistematicidade interna que confere ao produto dicionário o tradicional valor de “autoridade”.

Apresentação das construções

Esta opção de inclusão das construções sintácticas no Dicionário de Grego-Português, levanta alguns problemas do ponto de vista técnico-científico – critérios que norteiam a identificação das construções e estabelecem a sua obrigatoriedade – e outros problemas de ordem mais prática – um modelo simples para o utilizador, uniformemente usado ao longo do dicionário, etc. Neste artigo, não foi nosso objectivo explicitar os critérios linguísticos subjacentes à identificação das construções sintácticas, nem o modo de apresentar as construções (ao apresentarmos alguns exemplos tivemos necessariamente de fazer opções quanto ao modo de apresentação, usando, por exemplo o sinal de adição para introdução das construções, mas a título meramente

exemplificativo, uma vez que as questões de *layout* são facilmente alteráveis na base de dados). Pretendemos somente dar conta do processo de verificação da existência de um conjunto finito de construções e do padrão encontrado para a sua inserção na base de dados, tendo sempre como objectivo último a uniformização do tratamento lexicográfico.

Metodologia

Esta pesquisa, não dispensando naturalmente a consulta de dicionários e de gramáticas de referência (como o Liddell & Scott *Intermediate*, o Bailly *Abregée* e o *Dicionário Grego-Espanhol* da Editora Vox, do dicionário de Verbos de Vassilis Anagnostopoulos e das Gramáticas de Manuel Alexandre Jr, Goodwin e Smith) partiu essencialmente do dicionário do Professor Franco Montanari, *GI – Vocabolario della Lingua Greca*, não só por se tratar de um dicionário muito completo e actualizado, mas por, ao acompanhar os avanços tecnológicos, apresentar um CD-Rom que facilita enormemente a pesquisa.

Assim sendo, foi, em primeiro lugar, feito um inventário das construções verbais num *corpus* de quatrocentas entradas (a que juntámos posteriormente alguns nomes). Estas construções foram esquematizadas numa tabela com três colunas: uma para a construção e outras duas para o contexto anterior e posterior a esta, tendo sido, em seguida, retiradas conclusões e, por último, elaborada a proposta de apresentação das construções gramaticais dos verbos.

Conclusões retiradas do *corpus*

As principais conclusões que se puderam extrair deste *corpus* foram as seguintes:

- Há um grupo definido de construções gramaticais (com pequenas variações) que se repete, constituindo um conjunto finito e desde logo passível de ser agrupado numa listagem. No entanto, são visíveis nos dicionários consultados variações resultantes do modo de sistematização próprio de cada lexicógrafo.
- Há igualmente um padrão estável de traduções das construções, ou seja, há um grupo limitado e recorrente de traduções das construções que pode ser elencado (e.g. dar [+ A. e D.]_{CONSTR.} **algo a alguém**¹, etc.).
- As traduções podem substituir explicações gramaticais, como as de função, sintaxe dos casos, etc. Assim, por exemplo, numa construção com dois acusativos, em vez de se especificar que se trata de um acusativo objectivo e de um acusativo subjectivo, é fornecida a tradução “algo a alguém” que permite ao utilizador compreender o valor desses acusativos.

¹ Sendo A. a abreviatura de acusativo e D. a de dativo.

Nesta primeira proposta de padronização das construções, aos verbos que, em geral, são apresentados nos dicionários como intransitivos não lhes foi atribuída nenhuma classificação particular pelo que não serão aqui discutidos. Foi igualmente abandonado o uso do pronome $\tau\iota\varsigma$, $\tau\iota$, substituído pelo caso respectivo, Acusativo ou Dativo, enquanto que a indicação de que se trata de um Acusativo de pessoa ou de coisa, transparente através do pronome, torna-se evidente pela própria tradução da construção (dar [+A. e D.]_{CONSTR.} **algo a alguém**).

Esta proposta esteve na base da implementação de um conjunto de “combo boxes” com uma lista de valores pré-definidos (as construções e as suas traduções) – ver imagens retiradas da Base:

Imagem 1

Construção gramatical

Nova Construção

Construção: Acusativo

Complemento: Acusativo

Tradução: Acusativo Duplo
Acusativo e Dativo
Acusativo e Genitivo
Acusativo e prep. c. Acusativo
Acusativo e prep. c. Acusativo e Genitivo
Acusativo e Prep. c. Genitivo
Advérbio
Advérbio e Prep. c. Dativo
Advérbio e Prep. c. Genitivo
Conjunção
Dativo
Dativo Duplo
Dativo e Conjunção
Dativo e Genitivo
Dativo e Infinitivo
Dativo e Prep. c. Genitivo
Genitivo
Genitivo Duplo
Genitivo e Acusativo

Imagem 2

Tradução da construção

Nova Construção

Construção: Acusativo

Complemento:

Tradução: a alg.
o alg.
a algo
a alg. para algo
a alg. que
a alg. rel. algo
acerca de algo
acerca de algo ou por algo
acerca de alg. ou algo
alg.
alg. a algo
alg. acerca de algo
alg. a um outro
alg. c. algo
alg. como algo
alg. contra alg.
alg. de
alg. de alg.
alg. de algo
alg. em algo
algo

Imagem 3

Construção com preposição que rege Acusativo

Construção: Acusativo e prep. c. Acusativo

Complemento: $\alpha\upsilon\tau\acute{\alpha}$

Tradução: $\alpha\upsilon\tau\acute{\alpha}$
 $\delta\iota\acute{\alpha}$
 $\epsilon\iota\varsigma$
 $\epsilon\pi\acute{\iota}$
 $\kappa\alpha\tau\acute{\alpha}$
 $\mu\epsilon\tau\acute{\alpha}$
 $\pi\alpha\rho\acute{\alpha}$
 $\pi\epsilon\rho\acute{\iota}$
 $\pi\rho\acute{\omicron}\varsigma$
 $\upsilon\pi\epsilon\rho$
 $\upsilon\pi\acute{\omicron}$

Adicionar Construção

Imagem 4

Construção com conjunção

Construção: Conjunção

Complemento: $\epsilon\iota$

Tradução: $\epsilon\iota$
 $\epsilon\iota$ ou $\epsilon\acute{\alpha}\nu$
 $\epsilon\iota$ ou $\mu\acute{\eta}$
 $\mu\acute{\eta}$ c. conjunt.
 $\mu\acute{\eta}$ c. inf.
 $\acute{\omicron}\pi\omega\varsigma$
 $\acute{\omicron}\tau\iota$
 $\acute{\omicron}\tau\iota$ ou $\epsilon\iota$
 $\acute{\omicron}\tau\iota$ / $\acute{\omega}\varsigma$
 $\acute{\omega}\varsigma$
 $\acute{\omega}\sigma\tau\epsilon$

Adicionar Construção

Exempla

Passemos à análise de alguns exemplos para que se torne mais claro como seria sistematizada esta informação no dicionário de papel:

- ┌ equivalente
1. λέγω dizer +2A. algo a alg.
construção └ ┌ tradução da construção

A seguir ao equivalente (*dizer*) segue-se a construção com dois acusativos e a tradução da construção. A tradução permite mostrar que o primeiro acusativo se traduz por “*algo*” e tem a função de complemento directo e que o segundo se traduz por “*a alguém*”, e tem a função de complemento indirecto.

2. ἀμείβω responder + A. e πρὸς c. A. a alg. rel. algo

Neste exemplo a tradução “*a alguém*” deixa claro que se trata de um acusativo de pessoa e a tradução “*rel. algo*” mostra que se trata de um acusativo de coisa.

3. λέγω dizer + inf. que

A construção aqui apresentada é uma completiva infinitiva, como decorre do equivalente em português “*dizer que*”. (O acusativo que é o caso do sujeito da proposição subordinada completiva infinitiva não é apresentado, como aliás em nenhum dos exemplos. As restrições sobre o sujeito não foram nesta fase do projecto analisadas).

4. λέγω dizer + ὅτι que

Tal como no exemplo anterior, prescindiu-se da classificação da construção como proposição para se indicar apenas a conjunção que introduz essa proposição.

Conclusão

Esta é uma proposta que foi implementada na base de dados, que serve de apoio ao Projecto Lexicon – Dicionário Grego-Português, e que terá agora que ser retrabalhada e testada num *corpus* mais vasto de entradas verbais e, futuramente, adaptado a outro tipo de categorias gramaticais. Parece-nos, contudo, um primeiro passo na tentativa de estabelecer uma uniformização na apresentação das construções num dicionário.

Bibliografia

- AGNASTÓPOULOS, V. D. (2004), *Λεξικό Ρημάτων της Αρχαίας Ελληνικής*. Atenas: Ed. Patakis.
BAILLY, Antoine (s.d.), *Abrégé du dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette.

- COWIE, Anthony (1989), "EFL Dictionaries: Past achievement and present needs", in HARTMANN (2003).
- GOODWIN, W. W. (1997), *Greek Grammar*. Bristol Classical Press.
- HARTMANN, Reinhard R. K. (2003), *Lexicography: Critical Concepts*. London: Routledge.
- HAUSMANN, F. J. & WIEGAND, H. E. (1989), "Component parts and Structures of General Monolingual Dictionaries: A survey", in HARTMANN (2003).
- HAUSMANN, F. J. (ed.) (1991), *Wörterbuch. Ein Internationales Handbuch sur Lexikographie*. Berlin: De Gruyter.
- IRIARTE SANROMÁN, Ángel (2001), *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos/Universidade do Minho, 16 Nov. 2006 https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf
- ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel (2003), *Gramática de Grego*. Lisboa: Alcalá.
- Kromann, Hans-P. *et al.* (1991), "Grammatical Constructions in the Bilingual Dictionary", pp. 2270-5, in HAUSMANN (1991).
- LEWIS, Michael (2002), *The Lexical Approach*. London: Thomson-Heinle.
- LIDELL & SCOTT (1889), *An Intermediate Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press.
- MEL'CHUK, Igor *et al.* (1984), *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain*. Montréal: Presses de L'Université de Montréal.
- MONTANARI, Franco (2005), *Vocabolario della Lingua Greca*. Turim: Loescher Editore.
- PABÓN, J. M. (2003), *Diccionario Manual Griego-Español - Vox*. Barcelon: Bibliograph.
- SMITH, H. W. (1920), *A Greek grammar for colleges*. New York: American Book Company.

Índice

AIRES A. NASCIMENTO	
Ao encontro da palavra grega	7
MANUEL ALEXANDRE JÚNIOR	
Caminhos para a Feitura de um Dicionário de Grego: Algumas Questões Básicas	23
FRANCO MONTANARI	
Il GI - Vocabolario della lingua greca: Greco-Italiano	39
BRUCE L. FRASER	
Lexicographic slips: gathering and organising contextual data for dictionary entries	53
MARGARITA CORREIA	
Lexicografia no início do século XXI: novas perspectivas, novos recursos e suas consequências	73
MARIA DO CÉU FIALHO	
O adjectivo <i>Morsimos</i> na poesia grega arcaica	87
BRUCE W. WINTER	
A Cambridge Lexical Handbook of New Testament Greek: Social Settings, Semantic Domains and First-Century Synonyms	93
MARIA DE FÁTIMA SILVA	
A linguagem biológica: um tratamento específico	107
ADRIANA FREIRE NOGUEIRA	
O Vocabulário para «contratos» em Tucídides	115
CRISTINA ABRANCHES GUERREIRO	
Os nomes próprios no Dicionário de Grego-Português	121
JOÃO LEITÃO	
Aplicação da informática na criação de um dicionário. <i>Case study</i> : Lexicon	131
MARIA JOSÉ RIBEIRO & SANDRA CARLA PINHEIRO	
As Construções do Verbo no LEXICON Dicionário Grego-Português	



Este volume
LEXICON
Dicionário de Grego-Português
ACTAS DE COLÓQUIO
organizado pelo Centro de Estudos Clássicos
da Faculdade de Letras de Lisboa,
com coordenação de MANUEL ALEXANDRE JÚNIOR
foi executado graficamente, impresso e brochado
nas Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, Limitada – Braga.
Acabou-se de imprimir no mês de Abril de 2008.